Abril
Editora ABRIL
edição 2820 - ano 55 - nº 50
21 de dezembro de 2022

veja

www.veja.com



A DEFINIÇÃO DE UM CAMINHO

Novo governo Lula faz as primeiras nomeações para a área econômica, não deixa claro que direção pretende seguir (ao contrário de 2002) e ressuscita os fantasmas que levaram o país ao desastre na gestão de Dilma

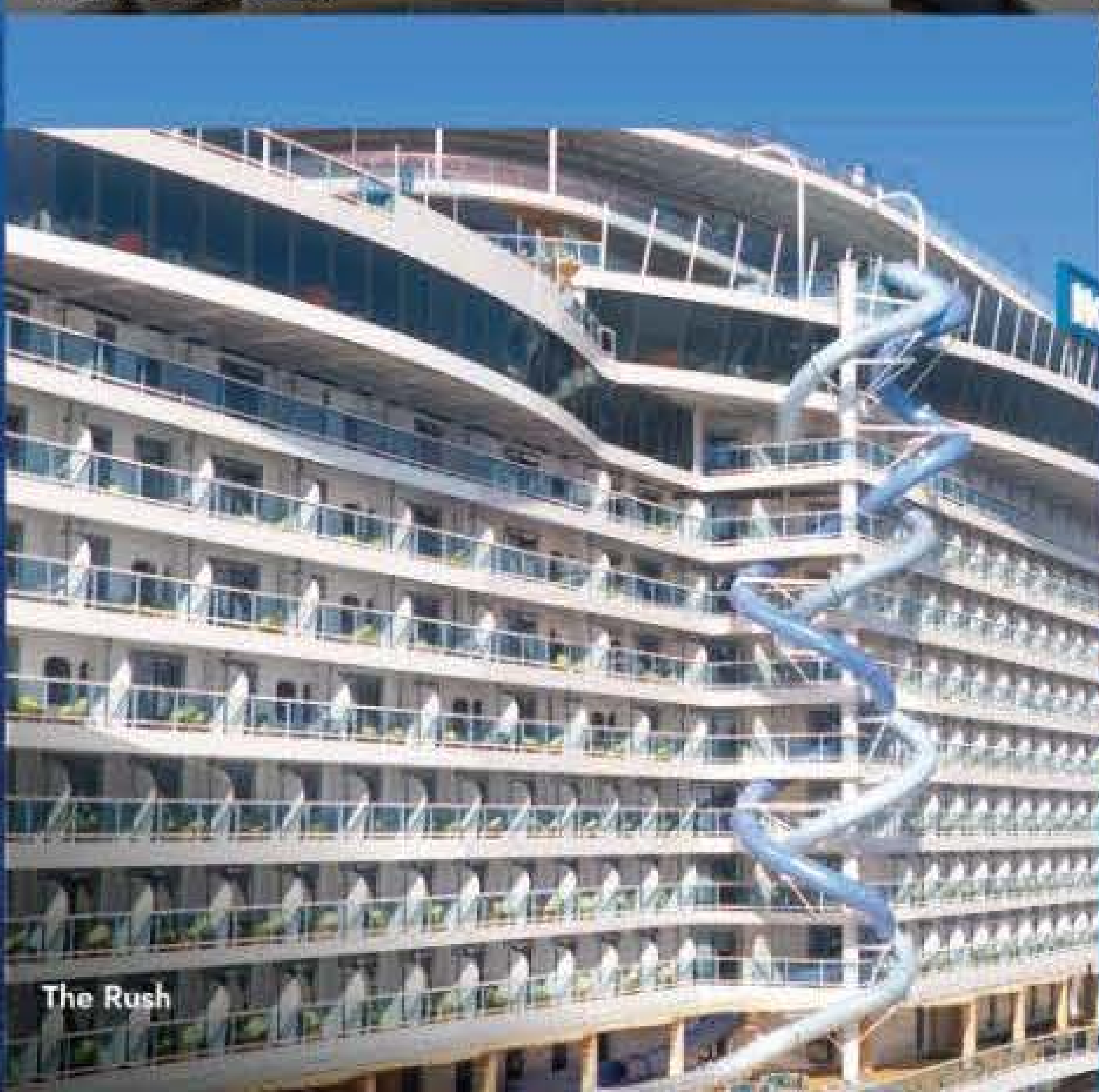

DESCUBRA O VERDADEIRO
LUXO EM ALTO-MAR
Conheça nosso novo time dos sonhos no mar, o Norwegian Prima e o Norwegian Viva, os dois primeiros navios de uma nova classe projetada para elevar todas as expectativas.
NORWEGIAN
PR1MA
AGORA NAVEGANDO
NORWEGIAN
V!VA
NAVEGANDO EM 2023
NCL
NORWEGIAN
CRUISE LINE®
Feel Free™
AO RESERVAR, UTILIZE O CÓDIGO VEJA2022
PARA GANHAR UM GIFT ESPECIAL.
ATENDIMENTO EXCLUSIVO: (11) 3177-3133
OU ACESSE O SITE: WWW.NCL.COM.BR
ESCANEIE O QRCODE
E SAIBA MAIS SOBRE
A NORWEGIAN


Oceanwalk


Speedway


The Haven Sundeck


Indulge Outdoor Lounge


The Rush


Infinity Beach

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 820 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 50. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br


DÃO
HISTÓRIAS
para se CONTAR.
Vinhos de portugal
BEBA COM MODERAÇÃO





SURPRESA POSITIVA Lula, Palocci, Meirelles e a capa de VEJA de 2002: previsibilidade e estabilidade

UM COMEÇO PREOCUPANTE

HÁ EXATOS vinte anos, ao anunciar os postos-chave de seu futuro governo, Luiz Inácio Lula da Silva provocou dois tipos de reação. A primeira foi de alívio, quando apontou como ministro da Fazenda Antonio Palocci, ex-prefeito de Ribeirão Preto e quadro moderado do Partido dos Trabalhadores, bastante afastado das alas radicais da agremiação. A segunda foi de surpresa (positiva), com a nomeação do então deputado federal Henrique Meirelles (PSDB-GO), ex-presidente mundial do BankBoston, para o comando do

SERGIO MARQUES/AG. O GLOBO

Banco Central. Apesar da estranheza que provocou, a indicação foi muito bem recebida pelo "mundo do dinheiro", como relatou a reportagem de capa da edição de VEJA datada de 18 de dezembro de 2002. Em ambos os casos, a ascensão de Palocci e Meirelles denotava algum grau de tranquilidade e previsibilidade.

Às vésperas do início do terceiro mandato de Lula na Presidência, os humores são bem diferentes de duas décadas atrás. Na semana que marcou a oficialização do ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad à cadeira de ministro da Fazenda, sobraram sinais contraditórios e incertezas com relação à gestão da economia pelo futuro governo. Ao mesmo tempo que Haddad fez acenos ao mercado com a indicação de nomes bem-vistos pelos setores financeiro e empresarial em duas secretarias importantes do ministério (a dos economistas Gabriel Galípolo e Bernard Appy), seu discurso apresentou-se como um amálgama que junta posicionamentos pró-gastança de recursos públicos, e platitudes sobre responsabilidade fiscal e questões tributárias, com indicações movediças do que deve acontecer de fato a partir de janeiro.

Na terça-feira 13, o cenário piorou ainda mais. Depois de protagonizar rumores negativos sobre sua nomeação, Aloizio Mercadante, um dos integrantes do PT que provocam a maior aversão do mercado, foi mesmo sacramentado como comandante do BNDES, em uma manobra que incluiu mudanças na Lei das Estatais para acomodá-lo no posto. No discurso em que indicou Mercadante ao posto, Lula criticou

as privatizações, subiu um tom e não escondeu a disposição de afrontar os críticos da nomeação, em um claro sinal de que seu governo voltará a ser pródigo no caráter intervencionista na economia e em generosos financiamentos e empréstimos a empresas privadas, como nos tempos da desastrosa política que criou as chamadas "campeãs nacionais".

Evidentemente, ajustes podem ser realizados no time e na política a ser implementada, mas até agora a estruturação da área econômica do novo governo tem sido preocupante. Ao contrário do que recomendaram economistas durante a campanha — alguns deles dentro do próprio gabinete de transição, como Persio Arida e André Lara Resende —, Lula insiste em reafirmar que seu governo não está preocupado com gastos ou com responsabilidade fiscal. Da mesma forma, parece desenhar um cenário perigosamente próximo da malfadada Nova Matriz Econômica, gestada no primeiro mandato de Dilma Rousseff. No modelo, estimulam-se o consumo e o crédito e força-se a redução artificial dos juros em bancos públicos com o objetivo de aquecer a economia, uma equação que levou ao desastre econômico e à estagnação, provocando uma das mais severas recessões já vividas pelos brasileiros. Os passos iniciais de um novo governo (e as escolhas dos nomes das áreas nevrálgicas) são decisivos para definir o que vem pela frente. E, nesse sentido, o governo Lula 3, infelizmente, começou mal. ■





VINCENT GOTTI

AS REDES FAZEM MAL

Engenheiro de dados turco que criou uma das primeiras plataformas sociais do mundo critica as mídias atuais e propõe um novo modelo que valorize a relação sadia entre as pessoas

ALESSANDRO GIANNINI

É DIFÍCIL não notar quando o milionário Orkut Buyukkokten entra em um ambiente. O engenheiro de dados turco de 47 anos quase sempre usa roupas de cores chamativas. Não só isso. Com um sorriso no rosto, em geral troca o aperto de mão por um abraço caloroso — sem se esquecer de perguntar ao interlocutor se pode fazer isso. Egresso da Universidade de Stanford, Buyukkokten foi responsável por um dos primeiros serviços de redes sociais do mundo, batizado com o seu nome. A plataforma, criada por ele e administrada pelo Google, se tornou tão popular no Brasil por causa de suas comunidades (quem não se lembra daquela Eu Odeio Acordar Cedo?), que chegou a alcançar no país 30 milhões de usuários — 55% do total no planeta. Apesar do pioneirismo, a rede acabaria sendo encerrada em 2014, depois de perder usuários que migraram para concorrentes que despontaram com força no cenário, como Twitter e Facebook. Nesta entrevista, concedida em São Paulo após dar uma disputada palestra na feira tecnológica Campus Party, Buyukkokten critica as atuais redes, dispara contra Elon Musk, põe em xeque o metaverso e fala sobre os planos de criar uma nova plataforma.

Com o Orkut, o senhor praticamente inventou o conceito de redes sociais. O que acha delas hoje em dia? Se você pensar nas redes sociais de antigamente, com o Orkut e as comunidades, vai lembrar que as pessoas usavam a plataforma para fazer novos amigos. E há tantas histórias incrí-

veis sobre usuários que encontraram o emprego dos sonhos, conheceram o melhor amigo ou engrenaram romances, casando-se e tendo filhos. Aqueles eram dias, no início dos anos 2000, em que a mídia social existia para as pessoas se conectarem, se sentirem menos solitárias e serem mais felizes. Desde então, houve enormes avanços em tecnologia, como a inteligência artificial de aprendizado de máquina. Agora temos os algoritmos que selecionam nosso feed de conteúdo, e isso mudou o cenário de forma relevante.

O senhor considera, então, que algoritmos são o grande problema das redes sociais? A pergunta é outra. Os algoritmos são otimizados para aumentar a felicidade e unir as pessoas ou apenas para produzir lucro? As mídias sociais de hoje têm tudo a ver com ganhar dinheiro. Se pensar no mundo atual, vivemos em um ambiente de vigilân-

> **"Nas redes, nós lutamos apenas por engajamento em vez de tentar nos conectar uns com os outros. Como resultado, há casos de depressão e até suicídio"**

cia. Cada experiência humana que temos on-line é convertida em dados. E essas informações são usadas para construir modelos que preveem o comportamento de cada pessoa. Nós, humanos, tomamos decisões de maneiras previsíveis. Como resultado, os códigos são capazes de facilitar a manipulação.

E quais as consequências? É justamente isso que torna as plataformas tão prejudiciais, porque todos nós lutamos por engajamento em vez de tentar nos conectar. Como resultado, está se criando um ambiente de muita depressão, ansiedade, isolamento, infelicidade e outros sérios problemas de saúde mental, que podem levar até ao suicídio.

Muitas plataformas implantaram moderação de conteúdo, inclusive ajustando algoritmos. O que mais é possível fazer para evitar que esses males aconteçam? Já vimos essa história muitas vezes no passado. As empresas de tabaco disseram que fumar não prejudicava os seres humanos, e uma multidão morreu de câncer. As grandes companhias farmacêuticas disseram que os opioides e analgésicos não eram viciantes, e muita gente ficou viciada. O mesmo está ocorrendo com as mídias sociais. Elas são altamente prejudiciais. O que precisamos, de fato, é sair das redes, porque elas estão afetando a nossa saúde. Muitos dos meus amigos que pararam de usar esses serviços e plataformas reconhecem estar mais felizes agora.

Qual seria a alternativa? O ideal seria redes sociais que queiram unir as pessoas em vez de só lucrar com elas. A mídia social é imensamente lucrativa, como se sabe. Mas não há razão para ser tão ganancioso. O Orkut tinha anúncios nas páginas da comunidade e nunca provocou efeitos colaterais prejudiciais.

Depois do Orkut, o senhor lançou o Hello, em 2016, que se baseava principalmente no compartilhamento de imagens. O que houve com essa plataforma? O Hello foi uma ótima experiência. Na realidade, o que fizemos foi um beta-teste. No Brasil, chegamos a ter quase 2 milhões de inscritos. Fomos, na ocasião, capazes de obter o que chamamos de usuários avançados e criar comunidades para descobrir quais eram as suas expectativas em relação às mídias sociais e de que tipo de recursos e funcionalidades eles gostavam. Criamos um aplicativo de muito sucesso que registrou tanto envolvimento quanto Facebook, Instagram ou Twitter. Vamos aproveitar toda essa experiência para lançar, mais adiante, uma rede social totalmente nova.

Recentemente, o senhor reativou o Orkut com uma mensagem dizendo que, em breve, daria notícias. Essa nova plataforma será uma espécie de Orkut 2.0? O Orkut é uma ótima marca, porque tem tudo a ver com aproximar as pessoas. Antigamente tudo era mais focado na internet, porque os indivíduos acessavam a web em seus laptops e computa-

dores, não em seus telefones. Com a nova rede social, haverá inevitavelmente um foco maior em smartphones. Se há uma coisa que nunca vai mudar, entretanto, é o fato de necessitarmos de comunidades. Precisamos capacitar essas comunidades porque são elas que unem as pessoas — na maioria das vezes, as conexões mais poderosas são feitas em torno de semelhanças. Hoje em dia, as redes apenas nos atraem para um circo onde lutamos por engajamento. Infelizmente, não se trata mais de nos expressarmos.

O Twitter, com tudo que Elon Musk vem fazendo, inclusive relaxando a moderação das informações sobre a Covid-19, tem chance de sobreviver no longo prazo? Definitivamente, não. Os serviços de mídia social precisam ter ferramentas fortes de moderação e moderadores qualificados para garantir que o conteúdo não se torne tóxico e nocivo. Usar a liberdade de expressão como desculpa é intelectualmente desonesto e moralmente condenável. O discurso deve ser protegido desde que não cause desinformação e danos à sociedade. Existem todos os tipos de discurso, como terrorismo, tráfico humano, pornografia infantil e violência. Isso é muito grave.

E o que Musk precisa fazer para evitar que tais informações circulem? O Twitter tem o dever de proteger seus consumidores. Em um mundo off-line, quando uma mulher ou um homem são assediados sexualmente, não dá pa-

ra simplesmente dizer: "Desculpe, assédio é liberdade de expressão". Desde que Elon Musk assumiu o Twitter, você pode ver que há muito mais racismo e antissemitismo ali. Há muito mais raiva e ódio na comunidade. Isso também cria uma cultura tóxica dentro da empresa que leva à debandada de funcionários talentosos. Outra consequência é a saída dos anunciantes. Para que o Twitter sobreviva a longo prazo, Elon precisa reconstruir a confiança entre seus usuários e anunciantes estabelecidos.

No Brasil, os usuários do Twitter também buscaram outras plataformas. Houve um súbito interesse pelo Koo, o microblog indiano de nome peculiar. Acha que estarão apenas mudando de endereço? Os brasileiros são muito curiosos e apaixonados por novas tecnologias e são os primeiros a adotar aplicativos sociais. Não é de surpreender

"Usar a liberdade de expressão para propagar discurso tóxico é moralmente condenável. Desde que Elon Musk assumiu o Twitter, há na plataforma mais racismo e antissemitismo"

que o Koo tenha se tornado popular em um período tão curto de tempo. A questão principal é: eles estão aí para ficar? Por exemplo, quando o Clubhouse foi lançado no Brasil, obteve uma base de usuários bastante grande. Mas hoje ninguém mais fala dele. Para que esse novo Koo se sustente e alcance sucesso globalmente e no Brasil, ele precisa de qualidade de conteúdo e engajamento. O Twitter era muito bom em ambos nos primeiros tempos. Um grande desafio que vejo para eles no Brasil é que não estão tão familiarizados com a cultura e o público brasileiros.

A Meta, holding que controla Facebook, Instagram e WhatsApp, demitiu mais de 10 000 funcionários recentemente. Falou-se em queda de anúncios e êxodo de anunciantes. O modelo de negócios das big techs se esgotou?
Duas coisas interessantes aconteceram no meio do caminho. Muitos usuários começaram a se mudar para o TikTok. O engajamento caiu e isso tem um impacto direto na receita. O segundo ponto foi a introdução do metaverso, que ainda não tem aplicações de uso amplo e abrangente. A empresa, por sua vez, gasta um volume enorme de dinheiro em pesquisas para desenvolver esse sistema. Como resultado, os ganhos não parecem tão bons quanto costumavam ser anteriormente. Uma das maneiras mais fáceis de melhorar seus números financeiros é reduzir custos. E o que é preciso fazer para reduzi-los? Demitir pessoas. Mas acho que isso é muito injusto.

O senhor mencionou o metaverso. Considera que estamos preparados para esse tipo de experiência? Existem aplicações nas quais ele funciona extremamente bem. Por exemplo, em games como *Fortnite, Minecraft* e *Roblox*. Mas acredito que a última coisa de que precisamos agora é ficar em uma sala de reunião com nossos avatares virtuais em 3D e conversar uns com os outros. Temos de estar em uma sala, isso sim, onde seja possível ver o rosto uns dos outros. Precisamos nos conectar mais, e as redes sociais estão nos fazendo interagir menos fisicamente. Também é importante ressaltar que ainda não atingimos o nível tecnológico para uma experiência completa e satisfatória nesses ambientes virtuais. Como sociedade, não deveríamos sequer estar lá. Pois se tem algo que a pandemia nos mostrou é que precisamos estar juntos mais do que nunca, em vez de ficar apenas no ambiente on-line.

O que o senhor vislumbra para o futuro das redes sociais? As redes vieram obviamente para ficar. Estarão em nossa vida por muito tempo. Elas afetam de maneira intensa relacionamentos, instituições, governos e a política. É muito importante usarmos o tipo certo de mídia social, aquelas que realmente nos deixam mais felizes, que realmente nos aproximam de outras pessoas. Também é indispensável estarmos atentos às notícias. Precisamos apoiar a imprensa e os jornalistas. Uma ótima maneira de fazer isso é consumir conteúdo acessando os sites de veículos sérios de notícias. Isso é mais vital do que nunca nesta era em que o volume de *fake news* não para de aumentar. ■

APRESENTADO POR J&F Investimentos

GOVERNANÇA SÓLIDA SUSTENTA O CRESCIMENTO DA J&F

MAIOR EMPREGADOR DO PAÍS, GRUPO IMPLEMENTA O MAIOR PROGRAMA DE COMPLIANCE DO MUNDO, RESULTADO DE UM INVESTIMENTO DE 250 MILHÕES DE REAIS



FOTO: J&F INVESTIMENTOS

As maiores empresas brasileiras entendem que áreas de compliance robustas são fundamentais para garantir a resiliência no longo prazo, com foco na sustentabilidade do negócio, na imagem e na reputação. Foi essa a conclusão a que chegou uma pesquisa realizada em 2022 pela Deloitte em parceria com o instituto Rede Brasil do Pacto Global. Das 113 empresas ouvidas, 88% têm uma área dedicada a ações de conformidade e 89% avaliam que a preocupação com esse setor contribui para melhorar o resultado financeiro da organização.

Prestes a completar 70 anos de existência, a J&F Investimentos, holding dos irmãos Joesley e Wesley Batista, lidera essa tendência há anos. É um dos maiores grupos empresariais do país e trabalha para seguir no topo, conciliando uma estratégia de negócios con-

solidada com um esforço global de governança.

Nos últimos anos, o grupo investiu 250 milhões de reais no maior programa de compliance do mundo. O esforço contribuiu para a companhia sustentar uma rota de crescimento ininterrupto há cinco anos, o que não impediu a empresa de ver a receita bruta aumentar mais de 100% e chegar a 365 bilhões de reais em 2021.

No mesmo período, em meio a uma crise global sem precedentes, contratou mais de 24 000 novos colaboradores, atingindo 267 000 funcionários em todo o mundo, além de envolver em sua cadeia produtiva cerca de 1 milhão de fornecedores. O grupo é o maior empregador do país, com mais de 160 000 colaboradores no Brasil.

"Qualquer empresa que quer chegar aos 70 anos precisa olhar para o compliance e a governança como condicionantes para o sucesso e a sustentabilidade do negócio. O crescimento dos nossos negócios em paralelo com os investimentos em compliance demonstra isso", afirma o diretor global de compliance do grupo, Lucio Martins.

NÚMEROS EXPRESSIVOS

Atualmente, a J&F, que conta com 12 empresas e está presente em 190 países, possui uma infraestrutura global voltada à conformidade, padronizada e seguindo diretrizes muitas vezes mais rigorosas do que as estabelecidas pela legislação – o esforço envolve uma rede formada por 12 líderes, integrantes de um comitê global de compliance.

A dimensão do grupo e a sua capilaridade, no Brasil e no exterior, tornam especialmente desafiador criar uma cultura sólida de conformidade. O trabalho não é simples, e os números dão a dimensão do esforço. Até setembro de 2022, foram 540 reuniões da alta diretoria das empresas da J&F envolvendo o tema compliance, mais de 535 000 colaboradores diretos e indiretos treinados, 24 900 due diligences realizadas, além da exclusão de 1 110 fornecedores que não passaram no crivo do compliance.

Uma auditoria anual, externa e independente, mede os avanços do grupo na área. Mais de 190 itens são auditados para verificar a aderência do programa de compliance da J&F às melhores práticas internacionais da área. Atualmente, a empresa tem 97% de adesão a essas práticas.

Somado a isso, a J&F patrocina o Programa Sementes de Compliance, que no ano passado ofereceu 60 bolsas de estudo integrais na LEC, principal escola de formação em conformidade e Lei Anticorrupção do país. Em 2023, a empresa vai financiar outras 60 bolsas para a segunda edição do curso, voltado para profissionais de todas as regiões do país. A companhia ainda lançou este ano um e-book gratuito, disponível para o público em geral, com orientações para a estruturação de uma cultura de compliance nas empresas.

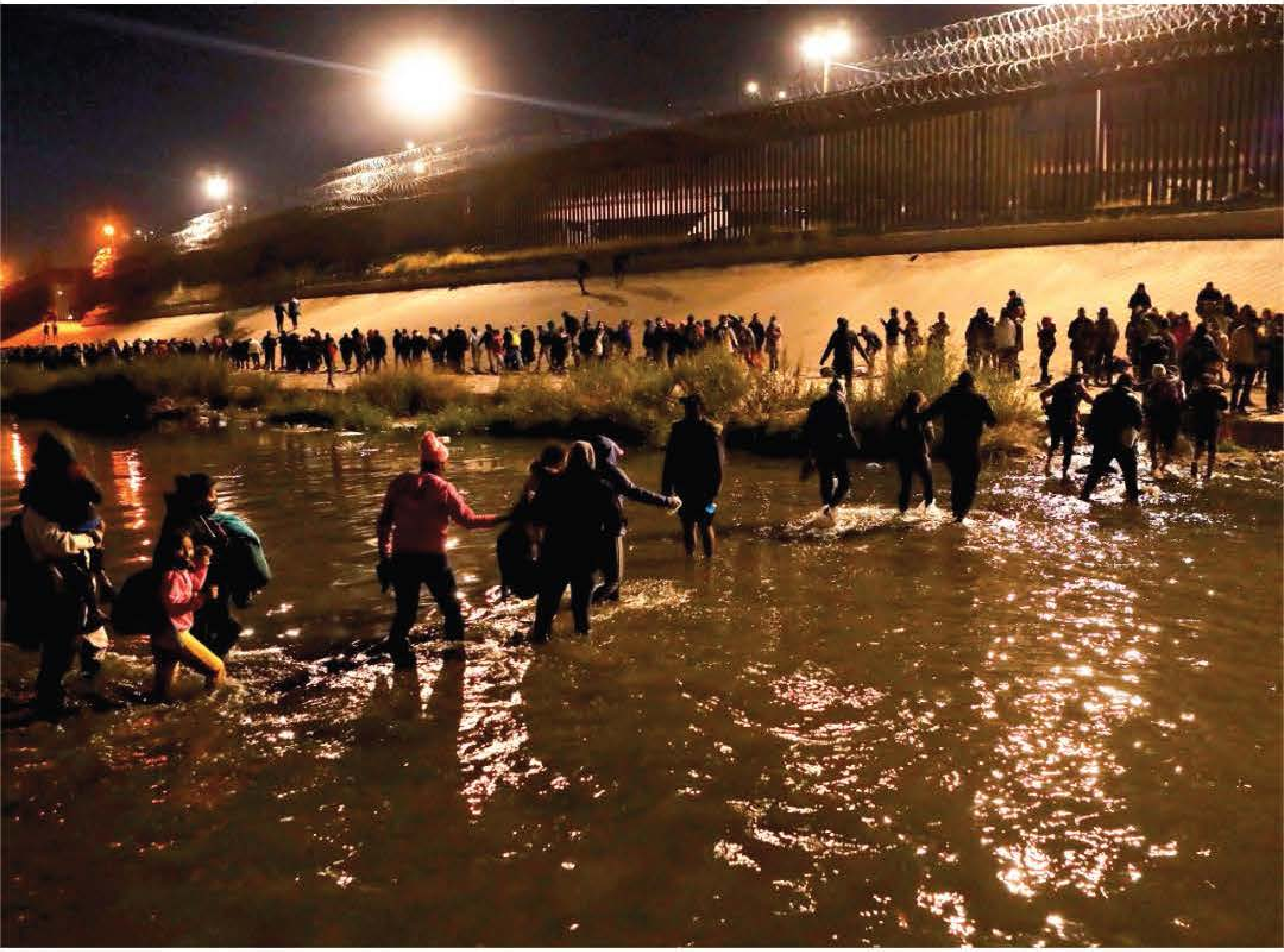
Para Martins, mais do que retórica, as práticas de conformidade são uma condição primordial para se alavancar negócios e conquistar financiamentos. "Os executivos sabem que a perenidade das empresas só acontece com um efetivo programa de compliance inserido fortemente em sua cultura", finaliza o diretor de compliance.



"QUALQUER EMPRESA QUE QUER CHEGAR AOS 70 ANOS PRECISA OLHAR PARA O COMPLIANCE E A GOVERNANÇA COMO CONDICIONANTES PARA O SUCESSO E A SUSTENTABILIDADE DO NEGÓCIO. O CRESCIMENTO DOS NOSSOS NEGÓCIOS EM PARALELO COM OS INVESTIMENTOS EM COMPLIANCE DEMONSTRA ISSO"

LUCIO MARTINS, DIRETOR GLOBAL DE COMPLIANCE DO GRUPO

TRAVESSIA SEM HORIZONTE



O FORMIGUEIRO HUMANO que serpenteava a tão visada fronteira entre México e Estados Unidos no domingo 11 cravou um recorde histórico em um drama humanitário que não cessa de produzir números espetaculares: **1500 pessoas atravessaram a pé o Rio Grande, na altura do Texas, fugindo da pobreza que assola seus países, a maioria nesse caso egressa da Nicarágua, na**

HERIKA MARTINEZ/AFP

esperança de embalar no sonho americano. Nunca tanta gente havia feito tal travessia em um único dia, somando-se aos 2,4 milhões que percorreram a trilha americana neste ano — outra marca inédita. Este é o retrato de um dos grandes imbróglios enfrentados pelo presidente Joe Biden, que fez campanha acenando que trataria a questão migratória sem a postura linha-duríssima do antecessor, Donald Trump, autor do muro estampado na foto. Em meio à pandemia, Trump baixou uma resolução conhecida como Título 42, que permite a deportação imediata alegando a necessidade de frear a propagação do vírus. Pois Biden, ao contrário do que se esperava — tanto pela pregação humanitária quanto pelo arrefecimento da Covid —, já estendeu uma vez a medida e agora briga na Justiça por mais uma renovação, já que ela expira na próxima semana. A multidão que se amontoa na fronteira vive justamente a expectativa de poder cruzá-la sem o risco de ser despachada de volta, apostando que Biden perderá a contenda judicial. Em qualquer cenário, o governo terá de encontrar não apenas um paliativo, como a inócua iniciativa de enviar verbas a países de onde as pessoas debandam, mas uma via eficiente para lidar com as crescentes levas de imigrantes em busca do eldorado. ■

Amanda Péchy



INSTAGRAM @ROBHALFORDLEGACY

HARMONIA O inglês Rob Halford: "A comunidade metaleira está mais inclusiva"

"ASSUMA QUEM VOCÊ É"

Aos 71 anos, cantor da lendária banda inglesa Judas Priest conta o segredo para permanecer na estrada há mais de cinquenta anos – e fala sobre o desafio de se revelar gay no mundo do rock pesado

O senhor lidera há mais de cinco décadas o Judas Priest, uma das maiores bandas de heavy metal — e se revelou gay no meio dessa trajetória. O rock pesado superou o preconceito? Não totalmente. O ambiente no heavy metal é muito melhor hoje. Sou aceito quando estou no palco, e a comunidade metaleira tornou-se mais inclusiva. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Sinto que, desde que me assumi, as coisas melhoraram, mas ainda não 100%.

Para seus fãs, o senhor é o "deus do metal". Como foi a resposta deles quando se revelou homossexual? Foi linda. Eu estava afastado do Priest porque tinha o pressentimento de que poderia prejudicar a banda. Gostaria de ter feito antes, mas era difícil devido à indústria musical da época. Agora, digo para qualquer um que esteja pensando em expor sua sexualidade: não espere. Não seja prisioneiro em sua própria vida. Assuma quem você é, e assim verá quem realmente o ama.

Há dez anos, o Judas Priest anunciou a turnê de despedida, mas vocês continuam na estrada e farão show no domingo 18 em São Paulo, no festival Knotfest. Por que desistiram de se aposentar? Cogitamos parar porque é preciso estar totalmente comprometido com o trabalho na banda. Dedicação, paixão, desejo — isso faz parte da equação. Mas eu sempre digo que o principal objetivo, e a razão pela qual continuamos na estrada, é que nossos fãs querem

que façamos isso. Temos um relacionamento incrível com eles em todo o mundo, particularmente no Brasil. É nossa maior motivação.

O Judas Priest está em turnê com a banda Pantera — cujo cantor, Phil Anselmo, já foi criticado por fazer gestos nazistas em um show. Tocar ao lado deles não o incomoda? Espelho-me no papa João Paulo II, que foi até a prisão onde estava o homem que tentou assassiná-lo e o perdoou. Se você carrega negatividade e ódio, isso só lhe fará mal. Rejeito o nazismo, rejeito o antissemitismo e sei como é ser discriminado. Phil é um bom amigo, amoroso e apaixonado pela música.

O senhor hoje se tornou um ativista da causa LGBTQIA+. O que pensa da perseguição aos gays por regimes de extrema direita ou pautados pelo fundamentalismo religioso? Odeio quando a política é usada contra pessoas como eu por líderes que só criam raiva e medo na população. É uma coisa terrível. Sou cristão e penso que a religião é sobre amor, paz e aceitação. ■

Felipe Branco Cruz

COMPOSITOR DE IMAGENS



TIBRINA HOBSON/GETTY IMAGES

NO CINEMA Angelo Badalamenti: o músico assinou trilhas de sucesso

Nos últimos dias, um vídeo antigo que voltou a circular nas redes sociais trazia a imagem do compositor americano **Angelo Badalamenti** ao piano. Ele conta na gravação como o cineasta David Lynch, sentado ao seu lado, ia narrando cenas do que viria a ser a série *Twin Peaks* enquanto Badalamenti tocava, tentando captar a emoção de cada momento. Ao final da sessão, Lynch levanta e dá um abraço no músico: "Não mude nada. Isso é *Twin Peaks,* eu consigo ver". Trata-se de uma pequena amostra dos bastidores de uma das mais longevas e prolíficas parcerias entre diretor e compositor. Badalamenti fez a trilha de todos os grandes clássicos da carreira de Lynch, como *Veludo Azul* e *Cidade dos Sonhos,* e soube traduzir em sons de enorme beleza a narrativa onírica e por vezes surrealista do cineasta. Sua carreira estendeu-se por muito tempo. Como compositor, escreveu para David Bowie e Nina Simone, entre outros, e criou o tema de abertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Foi arranjador talentoso, disputado por nomes como Paul McCartney e Marianne Faithful, e colaborou com inúmeros outros, da banda de metal Anthrax à Filarmônica de Bruxelas. Sua marca registrada, contudo, foi mesmo o cinema. O reconhecimento veio ainda em vida, com diversos prêmios recebidos por sua contribuição às trilhas sonoras. Badalamenti morreu no domingo 11 em sua casa, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, aos 85 anos, de causas naturais.

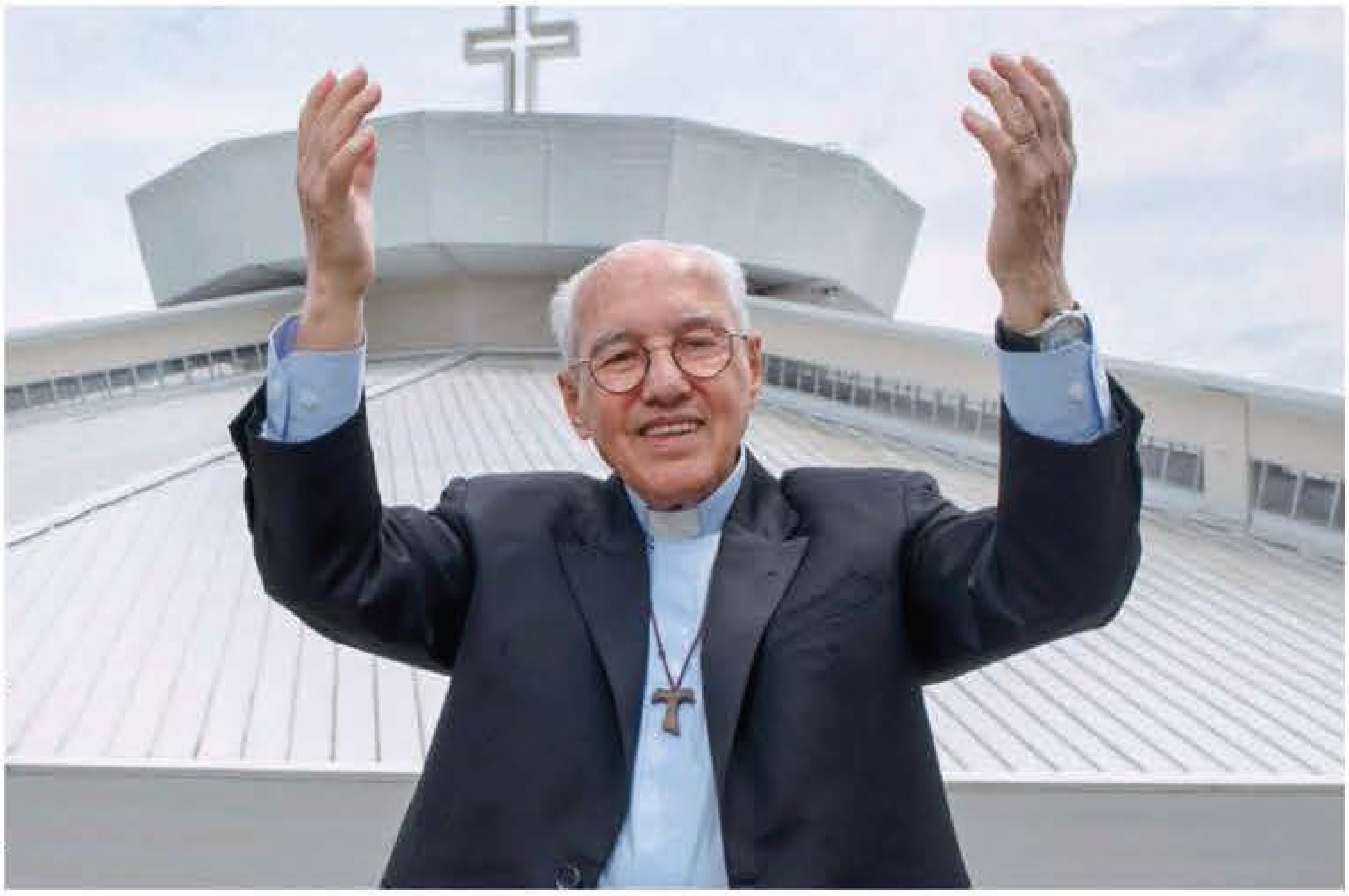
PIONEIRA DO FEMINISMO NEGRO

Em 1971, em meio à chamada segunda onda do movimento feminista, a ativista americana **Dorothy Pitman Hughes** estampou um dos retratos mais icônicos do movimento. Ela e a amiga e companheira de luta Gloria Steinem aparecem com os punhos erguidos em referência aos Panteras Negras, e a imagem simbolizou uma parceria que ajudou a levar conceitos de raça, classe e gênero a uma parcela crescente da população americana. Juntas, as duas viajaram pelo país para falar com mulheres sobre as demandas do movimento. Nos últimos cinquenta anos, defendeu outras causas, como o bem-estar das crianças e o direito à educação. Hughes morreu em 1º de dezembro em sua casa, em Tampa, na Flórida, aos 84 anos, de razões naturais, mas a notícia só veio a público nesta semana.



SCOTT ROTH/INVISION/AP/IMAGEPLUS

DEFESA DAS MULHERES
Hughes: ícone do ativismo nos anos 1970



CANÇÃO NOVA/DIVULGAÇÃO

EVANGELIZADOR Monsenhor Jonas Abib: fundador da Canção Nova

SACERDOTE E COMUNICADOR

Com uma rádio de alcance nacional, uma emissora de televisão, forte presença na internet e uma editora de livros, a Comunidade Canção Nova foi a maior criação do sacerdote católico e músico **monsenhor Jonas Abib.** Seu objetivo ao lançar o projeto, em 1978, era evangelizar as pessoas usando os meios de comunicação de massa, algo inovador para sua época. Além de comunicador carismático e hábil com as palavras, foi pioneiro da música católica popular brasileira. Em pouco mais de trinta anos de carreira, lançou cerca de vinte discos. Escreveu livros e presidiu os negócios do grupo sem abdicar do trabalho sacerdotal. Morreu na segunda 12, em Cachoeira Paulista, no interior de São Paulo, aos 85 anos, de insuficiência respiratória. ■



FERNANDO SCHÜLER

O QUE VAMOS APRENDER?

"O DURO É sair de uma eleição e não aprender nada", me diz um amigo, um tanto melancólico, por estes dias. O Senado havia acabado de aprovar mais um rombo fiscal perto de 200 bilhões de reais, e me lembrava de um discurso perdido no tempo, do ex-ministro Antonio Palocci, em 2006, dizendo que a responsabilidade fiscal era um "compromisso de ouro" do presidente Lula, que havia sido um erro votar contra a Lei de Responsabilidade Fiscal, em 2000, que o rigor fiscal podia ser difícil, no curto prazo, mas que ao longo do tempo era o que permitiria sustentar políticas para os mais pobres. E que essa não era mais a visão de uma parte, mas de todo o sistema político. Doce ilusão. Anos depois, o país quebrou. Exatamente pelo pecado do qual Palocci achava que havíamos nos livrado. Em dois anos, a economia encolheu mais de 7%, perto de 4 milhões de pessoas cruzaram para baixo a linha da extrema pobreza, tivemos um impeachment e passamos alguns anos em "voo de galinha", crescendo pouco mais de 1%. Devagar fomos retomando algumas reformas e o país deve crescer 3% neste ano, a taxa de investimento é a

maior em quase uma década, movida pelo setor privado, e o desemprego é o menor desde 2015.

Dito isso, a frase do meu amigo parecia fazer sentido. Ainda antes de apagar as luzes deste ano confuso, lá estavam nossos políticos alegres, comemorando o novo rombo fiscal. "A bolsa cai, o dólar sobe?", diz Lula, "paciência". Nos anos que se seguiram à grande crise de 2015/2016, não apareceu nenhum Palocci para fazer autocrítica. A vida política foi tomada pela discussão em torno dos escândalos de corrupção, depois pela guerra santa (e vitoriosa) de Lula contra seus julgadores, e logo o debate hiperbólico em torno da ascensão da "nova direita", o pecado dos pecados que nosso mundo político não podia perdoar. Nesse redemoinho, parece ter passado despercebida a série de reformas que o país fez, desde 2016, cujo ponto de partida foi a regra do teto, e, em sequência, a Lei das Estatais, a reforma trabalhista, a da Previdência, o marco das agências reguladoras, a autonomia do BC, o marco do saneamento e tantas outras. Reformas acompanhadas de erros e recuos, mas com o sentido modernizador. Criou-se no país um estranho apagamento. Que as reformas eram irrelevantes, ou quem sabe produto de algum acaso, feitas "apesar dos governos", como tantas vezes escutei, no calor da rinha de galo política e que nada tinha a nos ensinar sobre as opções em jogo no país.

Na campanha eleitoral, o debate econômico ficou em segundo plano. Se é que existiu. Em seu lugar, criou-se uma série de cortinas de fumaça. Discutimos as *fake news,*



AMEAÇA O Congresso: rápida adesão do sistema a retrocessos nas reformas

o eterno golpe imaginário, à esquerda e à direita, e temas patéticos como o "candidato pedófilo", o "canibal", o fascismo e o comunismo, e uma lista enorme de idiotices. Nestes tempos de mídia irrefletida e viral, os marqueteiros descobriram que era mais eficiente, e fácil, destruir reputações do que construir qualquer coisa. Além disso, assistimos à primeira campanha sob a curadoria intensiva da Justiça Eleitoral sobre a ideia da "verdade", com farto uso da censura e dos banimentos do mundo digital. O ponto é que pouco de relevante para a economia foi discutido. Ainda me lembro de meu colega Rodolfo Schneider, nos dois debates da Band, perguntando aos candidatos: "Como será

BETO BARATA/AGÊNCIA SENADO

“Na campanha, o debate conômico ficou em segundo plano”

pago o Auxílio Brasil de 600 reais?”, sem resposta e nenhum constrangimento.

Juntando as declarações rarefeitas, no entanto, era possível compreender com alguma nitidez a diferença entre os competidores. Lula escreveu no seu programa e repetiu inúmeras vezes que não faria mais privatizações, que retomaria o “protagonismo” do Estado e dos bancos oficiais na economia, que revisaria reformas, em especial a trabalhista, e terminaria com a regra do teto. Sobre este último ponto, foi perfeitamente coerente, do início ao fim da campanha. Ainda na ida ao Egito, logo após as eleições, disse que o sentido do teto é “tirar dinheiro da saúde, da educação, da ciência e tecnologia... Desmontar tudo aquilo que faz parte do social”. O tema do teto é exemplar: ele expressa, na política brasileira, a mesma ideia-chave da Lei de Responsabilidade Fiscal. A noção de que existe restrição orçamentária, que é preciso fazer escolhas e que se o país deseja aplicar mais em saúde, ou aumentar em 50% a transferência de renda, não há nenhum problema. Só precisa saber de onde vai tirar o dinheiro. Precisa cortar de um lado, fazer reformas, obter ganhos de pro-

dutividade no próprio setor público. Enfim, responder àquela pergunta chata, feita duas vezes nos debates da Band.

Sobre esses temas todos, bastava dar uma olhada na forma como os blocos políticos votaram, durante seis longos anos, no Congresso. Sistematicamente, tivemos um bloco reformista e outro contrário. De modo que é preciso fazer um elogio a Lula. Ele vem sendo perfeitamente coerente, na transição, com o que disse, na campanha, o que seu grupo político defendeu nos últimos anos. A transição vem mostrando mais: que a agenda reformista, no mundo político, é frágil e fortemente dependente do Executivo. É o que mostra a quase instantânea sintonia do novo governo com o Centrão, a votação da PEC e da ecumênica flexibilização da Lei das Estatais, apoiada pelo PT, pelo Centrão e por parte do bolsonarismo. Mostra também como o sistema vive do Estado, e o cidadão é basicamente o sem-lobby em Brasília. Nesse tema, havia uma razão para a longa quarentena para os políticos em empresas como o BNDES ou Banco do Brasil: dificultar a captura de áreas de atuação do Estado que deveriam mirar o longo prazo, em um ambiente de mercado. Encarar o vezo patrimonialista. Criar "braços longos" que protejam a gestão pública da política e seus pequenos interesses. No zigue-zague da política, tudo o que foi saudado como novo e promissor, anos atrás, melhorando consistentemente a performance de nossas empresas, subitamente envelheceu. O mesmo ocorre com as privatizações. Até há bem pouco, parecia um quase-consenso que era preciso reposicionar o governo co-

mo regulador e que o setor deveria se dedicar a fazer aviões, extrair minério, entregar cartas, distribuir energia, gerenciar portos e aeroportos. O ponto é que o quase-consenso era ilusório, tanto quanto aquela autocrítica do Palocci, sobre a responsabilidade fiscal.

Tudo isso, arrisco dizer, não porque "não aprendemos", como dizia o meu amigo, mas porque vivemos em uma democracia. A maioria, ou ao menos quem tem hegemonia nos meios de opinião, concorda com essa agenda. E o sistema político é fiel ao príncipe, em nosso (quase) infalível presidencialismo de coalizão. Tudo perfeito. É o direito do vencedor. Aos demais, façam como o Obama sugeriu: esfriem a cabeça e na próxima tentem voltar. Ou, à moda do analista de Bagé de férias em Copacabana, escrevam "perdeu, mané" no espelho do banheiro. Frase que traduz de maneira crua nossa democracia e que será sempre a marca deste ano difícil, que já vai terminando. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

NICHOLAS SANTOS

Aos 42 anos, o nadador brasileiro sagrou-se tetracampeão dos 50 metros borboleta no mundial de piscina curta da Austrália.

AEROPORTO DO RECIFE

Ficou em segundo lugar no ranking internacional de melhores terminais do mundo elaborado pela AirHelp, especializada em direitos de passageiros, atrás apenas do Internacional de Tóquio.

OS BANSHEES DE INISHERIN

A comédia estrelada por Colin Farrell e Brendan Gleeson lidera as indicações ao Globo de Ouro 2023, concorrendo em oito categorias. Os vencedores serão conhecidos em 10 de janeiro.

DESCE

PETROBRAS

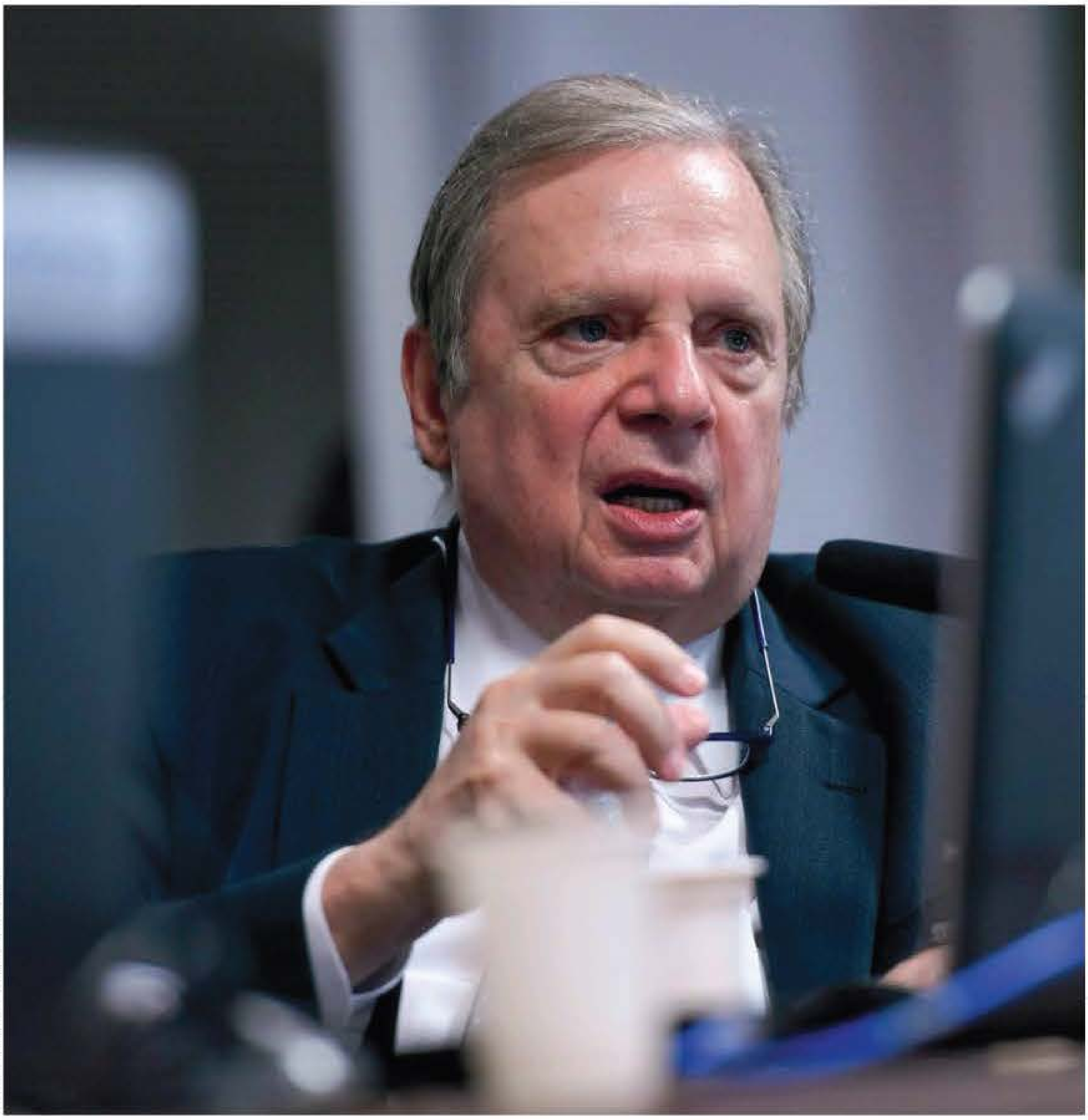
Atingida por várias interferências do governo em sua gestão, a empresa perdeu mais de 180 bilhões de reais em valor de mercado desde o fim de outubro.

CLUBES DE TIRO

Estão no alvo do novo governo, que deve elaborar uma regulação mais rígida, incluindo o fim da licença de funcionamento 24 horas para essas associações.

SAM BANKMAN-FRIED

Acusado de fraudes, o fundador da FTX, uma das maiores empresas de criptomoedas do mundo, acabou sendo preso nas Bahamas.



EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

“Meu medo é que, se o governo Lula chegar ao fim com inflação alta e crescimento pífio, Bolsonaro ressuscite para 2026. Por isso, torço para que Lula dê certo.”

TASSO JEREISSATI, senador, manifestando sua opção preferencial pelo menos pior

"Não há, nem no mundo cósmico nem no mundo jurídico, uma espécie de anistia mágica no dia do réveillon. Ou seja, crimes que estejam ainda suscetíveis de apuração serão apurados, sejam de quem for."

FLÁVIO DINO, futuro ministro da Justiça, sobre acontinuidade das investigações em curso, inclusive as que envolvem Jair Bolsonaro

"Se vocês nos ajudarem, isso pode impedir uma enorme onda de novos refugiados entrando em seus países."

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia, usando um argumento de impacto certeiro para obter recursos que amenizem a falta de energia e de infraestrutura provocada pelos bombardeios russos

"Não consegui segurar as lágrimas."

JANJA, mulher de Lula, que chorou na cerimônia de diplomação. Como sempre

"Não se trata de um grupo de malucos inofensivos, mas de suspeitos de terrorismo, que agora estão em prisão preventiva aguardando julgamento."

NANCY FAESER, ministra do Interior da Alemanha, ressaltando o perigo representado pelo grupo de extrema direita que planejava atacar o Parlamento

"É preciso haver mais lugar para a África."

MACKY SALL, presidente do Senegal, sobre a importância de ampliar o espaço do continente nos organismos internacionais, pouco antes de participar de encontro nos Estados Unidos

"Esta jovem foi morta em 1982, aos 20 anos, por ter defendido sua dignidade como mulher e o valor da castidade. Que seu exemplo heroico inspire a juventude a prestar testemunho generoso de sua fé e de sua dedicação ao Evangelho."

PAPA FRANCISCO, celebrando a beatificação da brasileira Isabel Cristina Mrad Campos

"O *Homo sapiens* está entrando em extinção. Não são só os índios. Estou dando um toque de que, se a gente não se cuidar, vamos todos para a metástase."

AILTON KRENAK, líder indígena e ambientalista, prevendo o desaparecimento da humanidade caso a questão ambiental não seja tratada como se deve

"Você sempre será um dos melhores treinadores que eu já tive. Tivemos momentos lindos, mas também aqueles que nos machucaram muito, e esse último vai nos machucar por muito tempo."

NEYMAR, jogador, na sua "Cartinha aberta ao Tite" após a eliminação da Seleção Brasileira de Futebol da Copa do Catar

"Tem sido uma luta. Só sei que cantar é o que eu fiz durante toda a minha vida e o que mais amo fazer."

CÉLINE DION, cantora, diagnosticada com síndrome da pessoa rígida, doença caracterizada pelo enrijecimento dos músculos e que a levou a cancelar a agenda de shows em 2023



“Não vou mais me aposentar.”

XUXA, ex-aposentada, que aos 59 anos vai estrear um filme infantil e uma série de shows em navio

INSTAGRAM @XUXAMENEGHEL

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites



Cadáver insepulto

Um dos grandes esqueletos da corrupção petista na Petrobras, a **Refinaria de Pasadena,** no Texas, rendeu milhões de dólares em propinas ao PT. A dias da posse de Lula, o cadáver voltou para assombrar o partido. No início do mês, a Suprema Corte dos EUA virou o novo endereço do escândalo.

Prejuízo astronômico

Numa ação movida pela Petrobras contra a ex-parceira Astra Oil, a estatal tenta anular o acordo no qual pa-



ESQUELETO PETISTA Pasadena: o escândalo chegou à Suprema Corte dos EUA

GILBERTO TADDAY

gou 800 milhões de dólares pela enferrujada refinaria apelidada de “ruivinha”.

Follow the money

A Petrobras afirma que o acerto desfavorável se deu porque a Astra “ofereceu subornos adicionais de 100 milhões de dólares” aos operadores petistas. Se a ação avançar, essa parte da história será finalmente desvendada.

Briga feia

O comando do Ministério da Educação virou uma briga de gigantes. Janja, Geraldo Alckmin e Alexandre de Moraes defendem Gabriel Chalita — o aliado que aproximou Alckmin e Lula —, mas Aloizio Mercadante e todo o PT querem um petista no cargo.

Luta por protagonismo

Além de ministérios, a resistência da Câmara em votar a PEC de Lula está no fato de o petista ter combinado o jogo só com Rodrigo Pacheco. Arthur Lira mostra, com o atraso, que não vai carimbar acerto dos outros. “Tem de ajoelhar aqui”, diz um deputado.

Frente ampla

Com o apoio de nove partidos e catorze entidades do movimento negro, Martvs das Chagas deve ser o escolhido de Lula para comandar o Ministério da Igualdade Racial.

Eles que se matem

Confortável como interlocutor de Lula na elite paulistana, o advogado Marco Aurélio Carvalho tem dado sinais de que não vai entrar

na guerra petista pela Secretaria-Geral da Presidência.

Clube fechado

Se depender do PT, Lula dará cargos figurativos a aliados com peso político. O petismo não quer que Simone Tebet, Marina Silva e Guilherme Boulos virem protagonistas.

É tudo nosso

Logo após receber o diploma no TSE, Lula brincou com Dilma Rousseff e José Sarney, sentados na primeira fila: "Esse daqui é de vocês também".

Que pecado

Empolgado com o duro discurso de Alexandre de Moraes no TSE, o deputado Pastor Isidório ergueu uma *Bíblia* na plateia e gritou: "É a santíssima trindade: Deus, Lula e Xandão!" .

Questão de prioridade

Lula proferiu 1 144 palavras no discurso da diplomação no TSE. Nenhuma sobre combate à corrupção.

Olhando lá na frente

Na terça, Bruno Dantas, o novo presidente do TCU, reuniu a elite do futuro governo, empresários bilionários e ministros do STF num jantar. "É um supremável", diz um amigo.

Quase imortal

Colegas de Moraes no STF dizem que o ministro não pretende arquivar tão cedo o inquérito das *fake news,* hoje uma poderosa arma da Corte.

Manda quem pode

Na quarta, Andrei Rodrigues, chefe da segurança de Lula, chegou atrasado à re-

união sobre a posse. Ao ver que os militares haviam iniciado sem ele, mandou parar tudo e começar de novo.

Brincadeira cara

Com as contas bloqueadas pelo TSE por litigância de má-fé, o PL atrasou os salários de funcionários e não sabe quando pagará o 13º. A sigla terá de pagar multa de 22,9 milhões de reais por questionar a eleição sem provas.

Sem amigo secreto

No Palácio do Planalto, o clima de velório é tão forte que ninguém se aventurou a montar decoração natalina.

Tô fora, capitão

Depois do vandalismo em Brasília, acredite, emissários de **Jair Bolsonaro** foram a **Valdemar Costa Neto** com o recado de que o cacique do PL deveria pedir ao TSE a realização de novas eleições. "O capitão ficou maluco de vez", diz um aliado do cacique.



REPRODUÇÃO

NÃO DÁ Valdemar e Bolsonaro: o PL abandonou o delírio sobre nova eleição

Um dia de cada vez

Paulo Guedes já passou por diferentes estágios desde a vitória de Lula. "A negação,

a raiva e a tristeza se foram. Está na aceitação, olhando pra frente", diz um auxiliar da Economia.

O santo bateu

Roberto Campos Neto gostou da conversa que teve com Fernando Haddad. "Mostrou que terá gente técnica no time e abertura para consensos", diz um aliado do chefe do BC.

Torcer não custa

Michel Temer tenta mostrar otimismo ao avaliar o ataque de Lula contra a Lei das Estatais, um dos legados do seu governo: "Espero que parem por aí".

Fim da promoção

O programa Você no Azul da Caixa, que dá até 90% de desconto a clientes que renegociam dívidas com o banco, vai terminar no dia 29 com mais de 1,2 bilhão de reais negociados.

Com prazo de validade

Aliados de Lula planejam resgatar em 2023 uma PEC proposta por Flávio Dino, então deputado, que cria mandatos de onze anos para ministros do STF.

Conta bilionária

A Câmara já gastou, em 2022, inacreditáveis 5,2 bilhões de reais em despesas internas. Isso num ano eleitoral em que quase ninguém trabalhou por lá.

Aloizio quem?

O que o atual chefe do BNDES, Gustavo Montezano, achou da escolha de Aloizio Mercadante para sucederlhe? "Sinceramente, não o conheco", diz.



INSTAGRAM @FERNANDALIMA

DANO MORAL Fernanda: a Justiça tenta notificar a musa em São Paulo

Prato que se come frio

Alvo de uma tocaia, Josué Gomes será frio na sua saída da Fiesp. “Como poderoso ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, terá tempo para o troco”, diz um aliado.

Alvo errado

Em 2017, artistas lançaram um movimento para derrubar Michel Temer. Nas redes, atacaram injustamente o deputado André Amaral, confundido por eles com André Moura, o líder de Temer naqueles tempos. Amaral, que não se reelegeu, até hoje processa os artistas. De **Fernanda Lima,** cobra 20 000 reais. A Justiça ainda procura a musa em SP para notificá-la. ■

MINISTÉRIO DE PRESIDENCIÁVEIS

Ao anunciar os assessores de sua cota pessoal para o futuro governo, Lula também revela suas principais apostas para 2026

DANIEL PEREIRA



SUCESSÃO Lula: as escolhas do presidente eleito, infelizmente, obedecem a uma lógica política

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

Único brasileiro eleito três vezes presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva é também — ao lado de José Maria Eymael, "o democrata cristão" — quem mais concorreu ao cargo desde a redemocratização. Em nove eleições diretas, participou de seis. Nas outras três, ficou de fora porque a Constituição limita a reeleição a dois mandatos consecutivos (2010), porque estava preso e inelegível (2018) e porque a sua sucessora Dilma Rousseff resistiu ao movimento "Volta, Lula" e não abriu mão de disputar um segundo mandato (2014). Diante desse histórico e de seu sucesso eleitoral, não é um contrassenso especular que o petista tentará a reeleição em 2026. Em público, ele rechaçou essa possibilidade alegando que a idade inviabilizaria tal pretensão. "Todo mundo sabe que não é possível um cidadão com 81 anos querer a reeleição", disse Lula, hoje com 77 anos. Parece prematuro e até descabido falar na sucessão de um governo que ainda nem tomou posse. Mas na política não existe vácuo, mesmo se tratando de um futuro relativamente distante. Determinados movimentos obedecem sempre alguma lógica.

Indicado para comandar o Ministério da Fazenda, Fernando Haddad já é considerado como sucessor natural de Lula dentro do PT, mas não teve vida fácil até alcançar esse status. O presidente eleito nunca fez questão de fortalecer novos líderes dentro do partido e na esquerda de uma forma geral. Além disso, a própria engrenagem petista sempre viu

EVARISTO SÁ/AFP



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



VITRINE DE PESO Fernando Haddad e Rui Costa: os dois petistas, não por acaso, foram alçados aos postos de maior destaque no futuro governo

com certa desconfiança Haddad, chamado de acadêmico com cara de tucano. Apesar desses obstáculos, ele cresceu aos olhos do chefe, que fez dele prefeito de São Paulo em 2012, candidato-tampão a presidente da República em 2018 e comandante da futura equipe econômica *(leia a matéria na pág. 46)*. A escolha para o posto é um reconhecimento aos serviços prestados no passado e à contribuição decisiva que ele deu para a vitória de Lula em 2022. Haddad obteve a maior votação de um candidato petista na disputa pelo go-

PEDRO GONTIJO/SENADO FEDERAL



POR FORA Geraldo Alckmin: esforço e capacidade para não exercer o tradicional papel de vice-presidente decorativo

verno de São Paulo, impedindo que Jair Bolsonaro abrisse uma margem de votos no maior colégio eleitoral do país capaz de lhe garantir a reeleição.

Em termos eleitorais, o desafio de Haddad, que já foi tachado de forma pejorativa de "poste de Lula", é mostrar que tem luz própria à frente da Fazenda. Até aqui, seja por afinidade de pensamento ou por lealdade, ele tem seguido à risca as ordens do chefe. Na última terça-feira, 13, deixou clara a relação de obediência ao admitir que os nomes dos coman-

JONAS PEREIRA/AGÊNCIA SENADO



CONCORRÊNCIA Simone Tebet: a indicação da senadora para um ministério importante enfrenta resistências no PT

dantes dos bancos públicos serão definidos por Lula. "O sonho do Haddad é ser presidente. O problema é que ele gosta mais de pensar, escrever, materializar coisas, do que de se jogar nos braços do povo", diz um amigo do futuro ministro. O hábitat de Dilma Rousseff também era o gabinete — ou as conversas em ambientes controlados. Mesmo assim, após se destacar aos olhos de Lula na Casa Civil, ela foi escolhida para disputar a corrida presidencial em 2010, apesar de petistas estrelados terem feito de tudo para que isso não acon-

tecesse. Prevaleceu na ocasião, como provavelmente prevalecerá em 2026, a palavra de Lula.

Responsável pela coordenação do governo, a Casa Civil será chefiada por outro cotado para concorrer ao Planalto, o ex-governador da Bahia Rui Costa. Em 2019, ele disse em entrevista a VEJA que, como Lula estava preso, cogitava disputar a Presidência. O plano foi deixado de lado depois de o Supremo Tribunal Federal anular as condenações e devolver os direitos políticos a Lula, que agora escalou Costa para um dos postos de maior prestígio na Esplanada. O ex-governador tem fama de gestor competente e tocador de obras, as mesmas qualidades que Lula destacava em Dilma. Hoje, ele corre por fora, exatamente como ela correu até ser escolhida pelo presidente. Até o fechamento desta edição, Lula só tinha anunciado seis ministros — além de Haddad e Costa, José Múcio Monteiro Filho (Defesa), Flávio Dino (Justiça e Segurança Pública), Mauro Vieira (Relações Exteriores) e Margareth Menezes (Cultura). Todos são de sua cota pessoal. A próxima leva contemplará os partidos que farão parte da base governista.

Se Lula realmente cumprir o que prometeu, é dado como certo um convite à senadora Simone Tebet. Terceira colocada na corrida presidencial deste ano, Simone apoiou Lula no segundo turno. Crítica dos escândalos de corrupção na gestões petistas, ela alegou que Bolsonaro precisava ser derrotado por representar uma ameaça à democracia. Seu posicionamento será recompensado com um ministério. O MDB, partido de Si-

TRAMPOLIM PARA O PLANALTO

A história recente mostra que um bom desempenho à frente de uma pasta com visibilidade pode credenciar o ministro a voos mais altos



DILMA ROUSSEFF

Escolhida por Lula para comandar primeiro o Ministério de Minas e Energia e depois a Casa Civil, tornou-se a "gerentona" da máquina e a coordenadora do principal programa do segundo mandato do petista, o PAC. Acabou ungida à condição de candidata do PT nas eleições presidenciais de 2010 e 2014



FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Nomeado em 1993 pelo então presidente Itamar Franco para comandar o Ministério da Fazenda, FHC deu início ao processo de implantação do Plano Real, que domou a hiperinflação daquele tempo. No ano seguinte, elegeu-se presidente da República, cargo para o qual foi reeleito em 1998



JOSÉ SERRA

Considerado um sucessor natural de Fernando Henrique Cardoso dentro do PSDB, Serra foi indicado em 1998 para o cargo de ministro da Saúde, um dos mais cobiçados na época, como parte da estratégia de fortalecê-lo para a disputa presidencial que ocorreria quatro anos depois. Ele perdeu no segundo turno para Lula



CIRO GOMES

Ex-governador do Ceará, ganhou projeção nacional graças à sua atuação como deputado federal e principalmente como ministro da Fazenda, na fase final do governo Itamar Franco, e da Integração Nacional, na gestão Lula. Já concorreu quatro vezes à Presidência da República. Apesar de boas otações, jamais chegou ao segundo turno

mone, sonha com a pasta que cuida do Bolsa Família, que daria visibilidade nacional à senadora e fortaleceria seu projeto de disputar o Planalto em 2026. Hegemônicos por natureza e cientes do que está em jogo, petistas fazem pressão para que Lula não dê à aliada tamanho poder. Esse é um dos principais nós a ser desatados na composição do ministério. Outro, quase tão complicado, é decidir o papel da ex-ministra Marina Silva, cotada para voltar ao Ministério do Meio Ambiente.

A história recente mostra que um bom desempenho à frente de uma pasta com capilaridade e visibilidade pode ajudar um ministro a sonhar com voos mais altos na política *(veja o quadro).* Fernando Henrique Cardoso, derrotado na disputa para a prefeitura de São Paulo na década de 80, conquistou a Presidência, em 1994, depois de uma curta mas exitosa passagem pelo cargo de ministro da Fazenda, quando deu início ao processo de implantação do Plano Real. Dilma Rousseff é outro exemplo. Sem nunca ter disputado uma vaga sequer para vereadora, ela chegou ao Planalto pelas mãos de Lula. Nos próximos quatro anos, Fernando Haddad, Rui Costa, Simone Tebet e ministros de outras siglas terão a chance de se consolidar no cenário nacional e, quem sabe, pleitear uma candidatura presidencial. Até Alckmin, que estava praticamente aposentado da política, não pode ser considerado carta fora do baralho, principalmente se não for um vice meramente decorativo. Até 2026, tudo pode acontecer — inclusive Lula, com 81 anos, rever o preconceito sobre sua idade avançada. ■

SÓ REZAR NÃO BASTA

Lula busca se aproximar da fortalecida bancada de evangélicos no Congresso, mas encontra resistência no grupo que atuou como tropa de choque de Bolsonaro **RICARDO FERRAZ**



ADAPTAÇÃO Lula em encontro com evangélicos na campanha: compromisso nas pautas

RICARDO STUCKERT

“AINDA não se sabe quem será o novo presidente da bancada, mas qualquer um que tiver o apoio de Lula está fora do páreo.” A frase, repetida em tom de piada por Otoni de Paula (MDB-RJ), bolsonarista assumido e candidato ao posto, expressa bem as dificuldades do governo eleito em pavimentar vias de comunicação com os 102 deputados (20% da Câmara) e treze senadores (16% do total) que integrarão a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) a partir do ano que vem. Desde que se elegeu, Luiz Inácio Lula da Silva tem enviado sinais para se aproximar do bloco, numeroso o suficiente para movimentar a balança em votações críticas. Nesse caso, porém, os acenos do Palácio do Planalto, sempre tão decisivos para destravar impasses no Legislativo, têm trombado com a resistência de quem passou os últimos



102

É O NÚMERO DE PARLAMENTARES EVANGÉLICOS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS DA PRÓXIMA LEGISLATURA, 20% DO TOTAL

quatro anos operando como tropa de choque de Jair Bolsonaro e tem orgulho em se declarar conservador. O PT conseguir dobrar a chamada bancada da Bíblia, no atual contexto, beira o milagre.

Esforços não faltam. A primeira rasgação de seda explícita será na posse de Lula, em 1º de janeiro: no megashow organizado pela futura primeira-dama Rosângela da Silva — apelidado de "Lulapalooza" —, um dos convidados é o pastor Kleber Lucas, artista de ponta do universo gospel e uma espécie de contrapartida à presença de figuras como a drag queen Pabllo Vittar, que vinha recebendo críticas dos políticos conservadores. A intermediação do convite foi feita pela senadora evangélica Eliziane Gama (Cidadania-MA) e pelo secretário de Cultura do PT, Márcio Tavares, já contando com a adesão do pastor pop que gravou o hino *Deus Cuida de Mim* em dupla com Caetano Veloso. "Quero construir pontes. Tenho amigos progressistas e companheiros da ala conservadora", confirma Lucas, que dividirá o palco com Leonardo Gonçalves, cantor ligado aos adventistas.

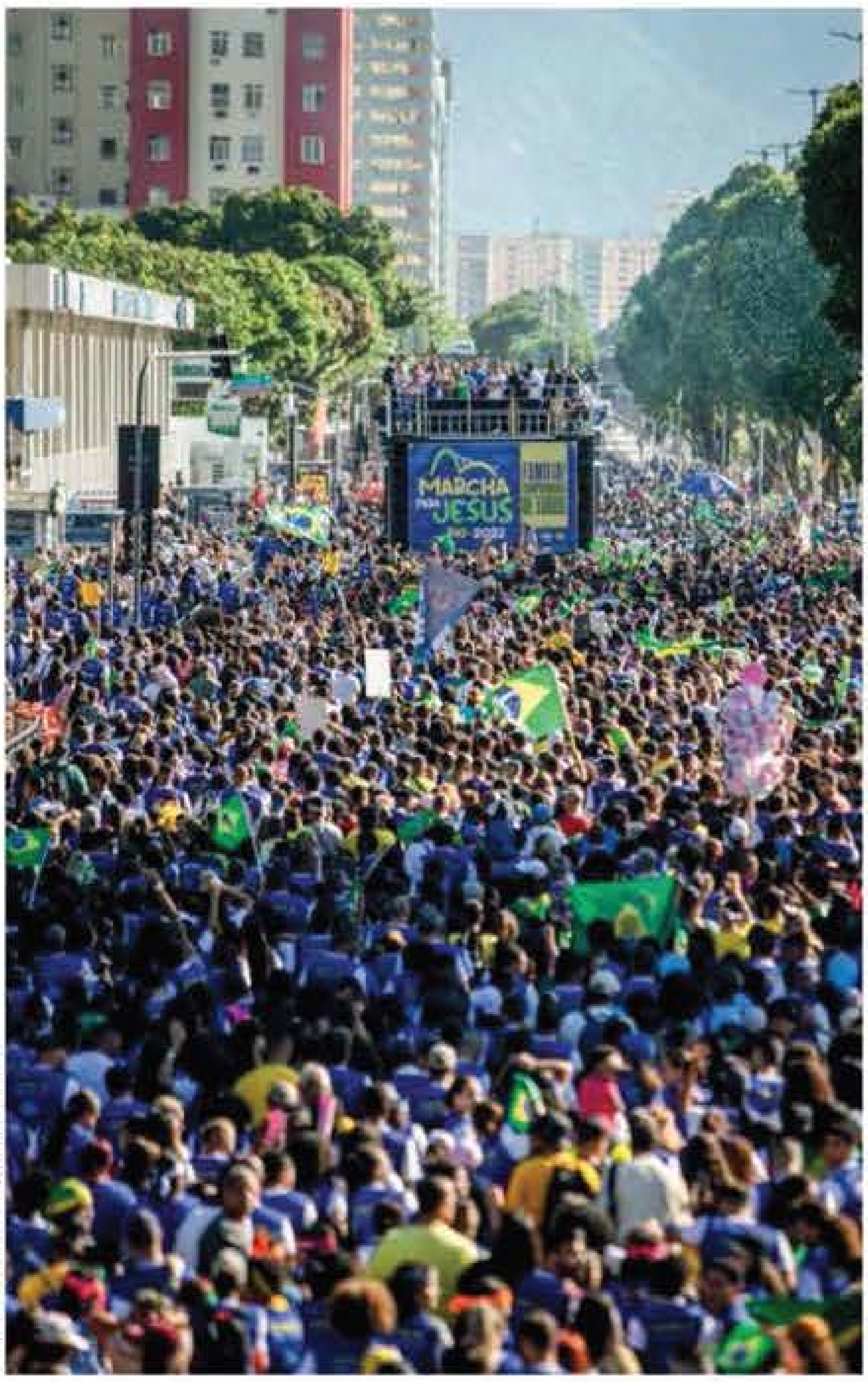
Outro movimento para cooptar a bancada da *Bíblia* foi a incorporação dos Evangélicos pelo Estado de Direito, que reúne religiosos progressistas, ao grupo de trabalho da transição que trata da interlocução com a sociedade civil. O grupo esteve recentemente por uma hora e meia com Lula, o vice-presidente eleito, Geraldo Alckmin, e a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e dali saiu o compromisso de criação de um Conselho de Participação Social,



CRISTIANO MARIZ

EM ORAÇÃO Culto da bancada da *Bíblia* na Câmara: crescimento dá ao bloco mais poder para influir nas votações

submetido diretamente à Secretaria da Presidência da República. O novo órgão não será composto apenas de religiosos, mas eles solicitaram que parte dos assentos seja reservada a entidades ligadas às igrejas evangélicas. "Hoje quem acolhe o povo preto e pobre na periferia das grandes cidades são as igrejas. A esquerda precisa falar com ele sem achar que tudo se resume à luta de classes", ensina Ariovaldo Ramos, pastor da igreja Reformada e presidente da frente de pastores progressistas.


HERMES DE PAULA/AG. O GLOBO

ALIADOS Marcha evangélica no Rio: Bolsonaro prestigiou seu eleitorado

Internamente, o PT vê no Conselho uma forma de fortalecer as igrejas independentes e, assim, abrir um canal de diálogo alternativo com o eleitorado evangélico, praticamente dominado por Bolsonaro na eleição passada. Na campanha, reagindo à virulência de pastores das maiores denominações que chegaram a compará-lo com o diabo e ameaçaram expulsar fiéis que o apoiassem, Lula lançou um documento em que se comprometeu a não defender a legalização do aborto nem permitir que a escola interfira na educação familiar. Por ora, a ordem é seguir na mesma linha e manter as agendas historicamente encampadas pela esquerda no limbo do Congresso. "O momento exige união e ela não passa pelas pautas de costumes", resume a senadora Eliziane.

Ela vem contatando integrantes da bancada da *Bíblia* em busca de alianças, ainda sem grande sucesso. Os deputados e senadores que integram a FPE sabem que cres-



AGRADO Pastor Lucas, que gravou com Caetano: gospel no "Lulapalooza"

ceram o suficiente para impor sua vontade, o que ficou evidente na tradicional ceia de fim de ano da bancada, onde o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), marcou presença para pedir apoio à sua reeleição. Lira saiu de lá com um documento que elenca sete itens inegociáveis para o grupo, entre eles o estatuto da família (que proíbe o casamento gay) e o do nascituro (que impede o aborto até em caso de estupro). "O PT pode querer se aproximar, mas não nos engana mais", provoca o deputado Sóstenes

Cavalcante (PL-RJ), atual presidente da FPE, que almeja ser um dos vices de Lira. Ligado ao bolsonarista raiz Silas Malafaia, ele foi sondado por assessores de Lula, mas até agora não quis saber de conversa.

No Congresso, é dado como certo que os esforços do novo governo só devem surtir algum efeito imediato na Assembleia de Deus de Madureira, do bispo "rebelde" Abner Ferreira, e na Igreja Universal, de olho na verba oficial em suas emissoras de rádio e TV — ambas estão marcando encontros com Lula em janeiro por intermédio do pastor Caio Fábio, antigo amigo do petista, responsável pela reaproximação dele com Marina Silva. "Para o povo evangélico, será preciso fazer um governo imparcial, impoluto. As lideranças, porém, são movidas por outros interesses", ressalva Fábio. Apesar dos obstáculos, a dança de aproximação do PT com a bancada da *Bíblia* segue animada. Os petistas entendem que não haverá conversão em peso, mas esperam abrir flancos na muralha que permitam uma convivência civilizada no Congresso. Os evangélicos, por sua vez, sabem que não terão as portas do Planalto escancaradas, como na gestão Bolsonaro, mas que não é produtivo para suas demandas se fechar ao diálogo. Achar o meio do caminho dependerá de o pragmatismo ser capaz de, como a fé, mover montanhas. ■

CONTAS REPROVADAS

A futura ministra da Cultura deve mais de 1 milhão de reais à Receita, à Previdência e ao seu próprio ministério, que acusa a ONG da cantora de irregularidades **HUGO MARQUES**



NO VERMELHO Margareth Menezes: pendências e dívidas para quem vai gerir um orçamento bilionário

ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

A RECRIAÇÃO do Ministério da Cultura foi uma das principais promessas de campanha do presidente eleito. Na terça-feira 13, Lula convidou para assumir a pasta a cantora Margareth Menezes. "Nós conversamos e eu aceitei a missão, foi uma surpresa para mim", afirmou ela, depois de se reunir com o petista. O perfil da futura ministra foi celebrado por representar a diversidade em suas múltiplas facetas — mulher, negra, famosa e ativista dos direitos humanos. "Vamos fazer uma força-tarefa para levantar o Ministério da Cultura", anunciou a artista, de 60 anos, filha de uma costureira com um motorista, nascida num bairro humilde de Salvador, onde, aliás, mantém há mais de uma década um elogiado projeto social que oferece cursos profissionalizantes a jovens e oficinas de arte a crianças através de uma organização não governamental que ela mesma fundou. Pois essa ONG, por outras razões, pode se transformar numa imensa pedra no caminho da futura ministra.

Em dezembro de 2020, o Tribunal de Contas da União (TCU) condenou a Associação Fábrica Cultural a devolver 338 000 reais aos cofres públicos. O valor se refere a irregularidades detectadas em um convênio assinado em 2010, último ano do governo Lula, entre a ONG de Margareth Menezes e o Ministério da Cultura, para a realização de um seminário sobre culturas identitárias. Pelo contrato, o ministério liberaria 757 000 reais para custear o evento, orçado em 1 milhão. A Fábrica Cultural, a entidade da ministra, arcaria com o restante. Ao inspecionar a prestação

Relação de Inscrições em Dívida Ativa

Nome: MARGARETH MENEZES DA PURIFICACAO COSTA
CPF: [illegible]
Domicílio do Devedor: SALVADOR
Valor Total da dívida: R$ 79.060,96

TRIBUTÁRIO - DEMAIS DÉBITOS

8 inscrições encontradas

Número de Inscrição	Valor total da dívida (R$)
50 7 99 005018-06	30.954,40
50 2 16 001755-45	15.900,49
50 2 99 012044-77	11.316,45
50 6 99 029407-37	7.783,24
50 6 16 007330-91	4.616,37
50 6 16 007342-25	3.577,98

Relação de Inscrições em Dívida Ativa

Nome Empresarial: ESTRELA DO MAR PRODUCOES ARTISTICAS LTDA
Nome Fantasia: M. M. PRODUCOES
CNPJ: [illegible]
Domicílio do Devedor: SALVADOR
Atividade Econômica: Produção musical
Valor Total da dívida: R$ 1.071.854,43

TRIBUTÁRIO - DEMAIS DÉBITOS

13 inscrições encontradas

Número de Inscrição	Valor total da dívida (R$)
50 2 16 000773-73	361.095,56
50 6 16 005072-45	173.940,61
50 6 16 005073-26	68.986,39
50 2 16 000449-55	68.821,42
50 2 14 000906-86	40.764,73
50 6 16 004443-08	34.390,81

NA MALHA FINA Cobranças do Fisco, processos judiciais por impostos não recolhidos e apropriação ilegal do INSS de funcionários: histórico complicado

de contas do convênio, os técnicos do TCU constataram irregularidades, como a cotação fictícia de preços, a contratação de serviços sem detalhamento do objeto, pagamentos por serviços que não foram realizados, pagamentos a pessoas com vínculo na administração pública e superfaturamento de compras. Além disso, a ONG não disponibilizou os recursos acertados como contrapartida.

VEJA teve acesso à auditoria que inspecionou a prestação de contas da entidade. Afora as irregularidades já citadas, os técnicos do tribunal identificaram um pagamento

suspeito de 120 000 reais à empresa Foco Entretenimento. Ao verificarem o quadro societário da empresa, descobriram que ela pertencia a duas diretoras da própria ONG de Margareth Menezes — o que é proibido por lei, exatamente para evitar que o dinheiro público caia no bolso de quem supostamente o administra sem fins lucrativos. O TCU determinou a devolução de parte dos recursos, o que nunca aconteceu. A ONG Margareth Meneses, por conta disso, teve o nome inscrito no Cadastro de Inadimplentes (Cadin), o que a impede de assinar novos convênios com a administração pública. A Procuradoria-Geral da União entrou na Justiça contra a entidade para tentar reaver os recursos.

Embora constrangedora, essa não é a única pendência da futura ministra com os cofres públicos — e nem a maior delas. Além do débito com o ministério que vai comandar, Margareth Menezes acumula dívidas tributárias e previdenciárias. A Receita Federal cobra 1,1 milhão de reais em impostos não recolhidos de duas empresas da cantora — a Estrela do Mar Produções Artísticas e a MM Produções e Criações. A primeira, fundada em 2001, cuida, entre várias atividades, da gravação de músicas e da produção de espetáculos da artista. Os auditores do Fisco descobriram que ela recolhia o INSS de seus empregados, mas não repassava à Previdência, o que é crime. A segunda, responsável pelos shows da cantora, encerrou as atividades em 2015, deixando débitos de imposto de renda, PIS, Cofins e Contribuição Social. O nome da ministra e o

de suas empresas foram inscritos na Dívida Ativa da União. A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional acionou a Justiça para tentar receber os tributos.

Bastante enrolada, a Estrela do Mar é parte em quatro processos de execução fiscal que tramitam no Tribunal Federal Regional da 1ª Região (TRF1). Em um deles, o juiz determinou a penhora e o arresto de bens da empresa. Em outro, caso não houvesse o pagamento da dívida, decidiu pela penhora de recursos em contas bancárias e ativos financeiros. No mesmo TRF1, constam ainda dois processos de execução contra a Fábrica Cultural, a ONG da futura ministra. Ambos se referem a impostos devidos. Nos dois também se determinou o arresto de bens da entidade. Margareth Menezes poderá, ao fim dos processos, responder solidariamente pelas dívidas de suas empresas e da ONG. Procurada, a futura ministra não se pronunciou. O advogado da Fábrica, Guilherme Peixoto, informou que vai recorrer da decisão do TCU, argumentando que o caso prescreveu. De todo modo, esse passado de contas reprovadas não é exatamente a melhor credencial para quem vai gerir um orçamento bilionário a partir do ano que vem. ■

A SAÚDE NA UTI

Após passar pela maior crise sanitária da história e por uma gestão turbulenta nos anos Bolsonaro, o ministério deve começar 2023 com menos dinheiro e muitos desafios **SÉRGIO QUINTELLA**



FIM DA PICADA Vacinação: com a cobertura muito aquém da meta para este ano, o país pode enfrentar a volta de doenças

ANDRÉ COELHO/EFE

UM DOS MAIORES orçamentos da União e uma óbvia prioridade de qualquer governo — ou ao menos deveria ser —, o Ministério da Saúde chega ao fim de 2022 combalido pela crise profunda que atingiu a pasta em meio à travessia de um dos momentos mais turbulentos da vida brasileira. Além da marca trágica de quase 695 000 mortes, a pandemia deixou por aqui um rastro de equívocos, omissões, má gestão e descaso com uma área vital para a população — basta dizer que a pasta teve quatro ministros nos tristes tempos de Covid-19, incluindo um general (Eduardo Pazuello) e um médico que ficou só um mês no cargo (Nelson Teich).

Às vésperas da troca de comando no país, as perspectivas para a saúde são, no mínimo, preocupantes. A pasta, que pode ser comandada por alguém como a presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Nísia Trindade, atual favorita entre os postulantes à vaga, entrará em 2023 com um rosário de problemas, como a redução do orçamento, a falta de planejamento, um passivo gigante de pacientes à espera de atendimento na rede e uma pane de gestão.

O maior e mais urgente desafio é a vacinação, o que ilustra à perfeição o buraco em que o país se meteu. Outrora um orgulho, a imunização em massa é hoje um amontoado de problemas. Se, mesmo com atraso, o país conseguiu atingir uma alta cobertura contra a Covid-19, as doses subsequentes foram ficando esquecidas, mostrando que um erro pode se repetir. Depois de ter falhado

na compra do imunizante no início da pandemia, o governo não se planejou para o ano que vem. A pouco mais de duas semanas do fim do mandato, o Instituto Butantan e a Fiocruz não receberam pedidos do ministério para a campanha de 2023.



FIOCRUZ

FAVORITA Nísia Trindade, presidente da Fundação Oswaldo Cruz: cotada para assumir a pasta

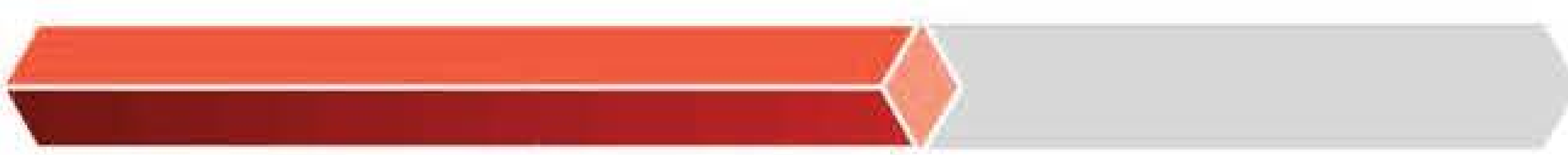
Com outras doenças o cenário também não é animador. Entre 2015 e 2021, os cinco imunizantes priorizados (pentavalente, tríplice viral, pneumocócica, meningocócica C e poliomielite) tiveram queda média de 30% na procura. A cobertura de tríplice viral e hepatite B para crianças de até 1 ano é de 50% em 2022, quando a meta é 90% *(veja o quadro ao lado)*. O cenário originou um alerta do TCU. Em relatório de auditoria divulgado no último dia 5, o tribunal diz que o quadro eleva o risco de retorno de doenças eliminadas e do aumento do número de casos de doenças imunopreveníveis na população. Outro problema atinge um dos orgulhos do sistema brasileiro: o seu banco de dados. O TCU

SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA

Alguns dos principais problemas detectados na área

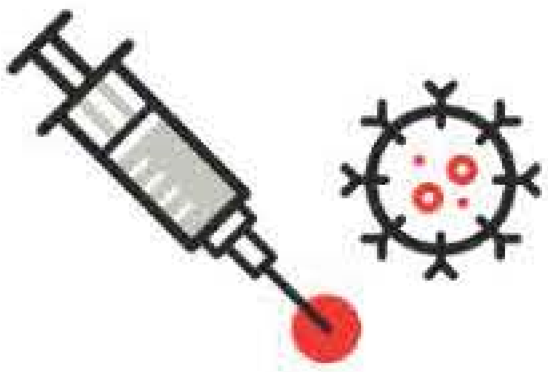
22,7 bilhões de reais

foram retirados do orçamento do Ministério da Saúde para 2023 na comparação com 2022. O valor reservado, de 149,9 bilhões de reais, é o menor dos últimos dez anos



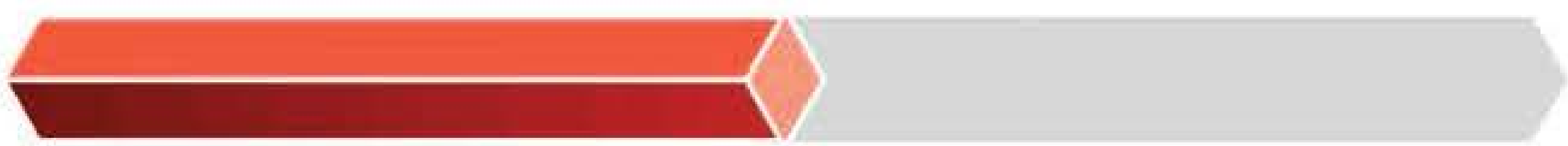
59%

foi o corte do dinheiro destinado ao programa Farmácia Popular



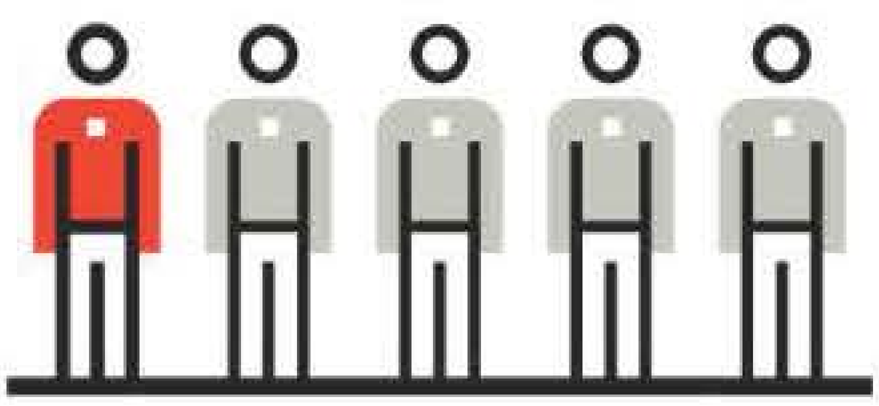
2,6 milhões de doses

de vacinas contra a Covid-19 estão paradas no Instituto Butantan à espera de posicionamento do governo federal



50%

é a cobertura vacinal de imunizantes tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) e hepatite B para crianças de 1 ano em 2022. **A meta é 90%**



1 milhão

de cirurgias e consultas estão represadas no SUS

Fontes: *consultorias de orçamento do Senado e da Câmara, equipe de transição, Ministério da Saúde e TCU*

relatou deficiências em pontos como o acompanhamento da situação vacinal das famílias e a busca de faltosos e pessoas com esquema incompleto. Esse mesmo relatório aponta ainda a inexistência de dados confiáveis para orientar o planejamento da compra e distribuição de imunizantes, o controle de estoques, os riscos de desabastecimento e a perda de vacinas por conta da validade.

Inegavelmente, a área da saúde se encontra hoje na UTI por obra direta do governo Jair Bolsonaro, cujo discurso, com frequência, deu corda a teses anticientíficas e ajudou a espalhar o que o TCU chama de "crenças e percepções equivocadas acerca das vacinas". Contribuiu ainda o atrito permanente com os estados, o que ajudou a quebrar um sistema baseado na articulação dos entes da federação. A falta de colaboração também tem dado o tom na transição. "O ministério não passou os estoques de insumos, não sabemos a validade dos produtos e vamos começar a operar no escuro", conta o ex-ministro da Saúde Arthur Chioro. Em nota, a gestão Marcelo Queiroga nega que haja apagão de informações de vacinação e diz que dados individuais e coletivos estão disponíveis no aplicativo ConecteSUS. Mas confirma o sigilo. "De acordo com a lei 12.527, de 2011, o grau de sigilo do banco de dados de estoque de insumos estratégicos do Ministério da Saúde é reservado", diz o comunicado.

Para começar a tirar a área do estado crítico, uma das prioridades do novo governo é restabelecer imediatamente a comunicação com a população e adquirir o mais rápido

possível as vacinas que não foram encomendadas. A falta de dinheiro é outra questão. O orçamento é de 149,9 bilhões de reais, menor que os 172,6 bilhões deste ano. Lula busca mais 20 bilhões de reais por meio da PEC da Transição. Estudo feito pelas consultorias técnicas do Congresso mostram que o montante para 2023 é o mais baixo desde 2014.

A penúria atual chama a atenção mesmo para um país com um histórico de tantas dificuldades no setor. Apesar da pobreza e dos problemas sanitários, o Brasil produziu nomes importantes na saúde pública, como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Adolfo Lutz, e criou o SUS, que capitaneou políticas reconhecidas internacionalmente, como o tratamento da aids, e foi fundamental na pandemia. O novo governo terá pela frente os grandes desafios de fazer jus a esse histórico e colocar em campo uma gestão competente capaz de tirar a saúde da UTI. ■

SAI O ZERO DOIS, ENTRA O ZERO CINCO

O filho mais novo do presidente eleito assume o posto de protagonista da família nas redes sociais, provoca os bolsonaristas e apela para baixarias **HUGO MARQUES**



SEM LIMITES Lula e Luis Cláudio: o guardião do pai no ambiente digital

TWITTER @LUISLULADASILVA

O PREPARADOR físico Luis Cláudio Lula da Silva, filho mais novo do presidente eleito, ficou conhecido pelo sucesso alcançado como empresário do ramo esportivo, numa modalidade de pouquíssima tradição no Brasil — o futebol americano. A LFT Marketing e a Touchdown Eventos, firmas fundadas pelo caçula, faturaram 10 milhões de reais em quatro anos com publicidade e consultorias contratadas por companhias que tinham interesses em certas decisões do governo petista. Essa relação foi investigada pelo Ministério Público, mas nada de ilegal foi comprovado. Desde que Lula retornou ao centro do palco político, Luis Cláudio tem chamado a atenção, mas agora por outro motivo: a militância nas redes sociais que não economiza em provocações aos adversários e também em baixarias.

No último fim de semana, por exemplo, ele trocou farpas com o vereador Carlos Bolsonaro, filho do atual presidente, que havia publicado um post com críticas à escolha do futuro chefe da Polícia Federal. “Será que teremos o berreiro da tal interferência e todo aquele circo criado em passado recente?”, ironizou o Zero Dois de Bolsonaro em suas redes sociais. Carlos fazia um paralelo com a confusão estabelecida quando Jair Bolsonaro indicou, em 2020, um delegado que havia atuado em sua segurança pessoal para comandar a PF. Na época, dizia-se que a intenção do presidente era proteger os filhos das investigações sobre as rachadinhas. Na semana passada, Lula confirmou o delegado Andrei Rodrigues, que coordenou sua segurança durante a última






Luis Claudio Lula da Silva @LuisLulaDaSilva · 10 de dez
Em resposta a @CarlosBolsonaro
Quem interferiu foi seu pai... Vc e seus irmãos são imundos... Quando falam dos imóveis, das rachadinhas e o cacete a quatro vcs falam mal da imprensa... Agora que o papai perdeu a eleição vc está chorando e abraçando qualquer coisa... Desespero... Chorão.
562 1.973 6.909


Carlos Bolsonaro 2 2 @CarlosBolsonaro · 9 de dez
Que meigo! Será que teremos o berreiro da tal interferência e todo aquele circo criado em passado recente? Acho que não! Estamos falando de fatos expostos pela própria imprensa e não de canalhice de determinados!

2.220 6.499 24,7 mil

TIROTEIO JUVENIL As postagens de Luis Cláudio e Carlos Bolsonaro: montagens grosseiras, ataques e expressões impublicáveis. A diferença mais notória entre os dois herdeiros é o número de seguidores

campanha, como o próximo diretor do órgão. Carlos, então, insinuou que o objetivo do presidente eleito seria idêntico: interferir na polícia para proteger os filhos — e anexou um post com uma notícia sobre a recente reativação de uma das empresas de Luis Cláudio. O Zero Cinco de Lula, então, rebateu: "Quem interferiu foi seu pai. Você e seus irmãos são imundos. Quando falam dos imóveis, das rachadinhas".

Em suas postagens, Luis Cláudio chama o Zero Dois de Bolsonaro de "Carlixo" e o pai dele de "monstro". Antes desse embate, aliás, o filho do presidente eleito já havia disparado contra outro filho do atual presidente, lançando mão de palavras chulas. O deputado Eduardo Bolsonaro foi filmado no Catar, ao lado da esposa, durante um jogo da seleção brasileira. As imagens repercutiram muito mal. Criticado pelos próprios apoiadores, o parlamentar saiu-se com uma explicação um tanto bizarra. Segundo ele, o motivo da viagem ao Oriente Médio não era o futebol, mas, sim, uma visita às autoridades para levar pen drives com imagens sobre a situação do Brasil. Luis Cláudio publicou um post sobre o assunto com expressões impublicáveis, mostrando a predominância de um vocabulário juvenil, muito semelhante, em termos de vulgaridade, ao dos próprios desafetos.

O Zero Cinco de Lula tem 37 anos. O Zero Dois de Bolsonaro tem 40. A diferença entre o perfil dos dois nas redes sociais é, por enquanto, apenas no número de seguidores (ao menos, por enquanto). Luis Cláudio tem 233 000, enquanto Carlos passa dos 7 milhões. Fora isso, os métodos são simi-

lares. Nos últimos três meses, Luis Cláudio publicou 120 mensagens. Postou uma foto ao lado do pai, comentou a Copa do Mundo, criticou Neymar e homenageou a mãe, já falecida. A maioria de seus posts, porém, trata de temas políticos, principalmente sobre Bolsonaro e seus filhos, alvos de metade das publicações.

Os seguidores do atual presidente são chamados de "bosoloides estúpidos que não conseguem ter uma interpretação de texto clara". Memes reproduzidos em sua conta também comparam os eleitores de Bolsonaro a animais. Em uma mensagem publicada no início de dezembro, Lula aparece cavalgando Jair Bolsonaro, seguido da legenda "Perdeu Mané", expressão utilizada pelo ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, quando foi perseguido por manifestantes nas ruas de Nova York. Bolsonaro nunca censurou o filho pelas provocações ou pelas grosserias de suas publicações. O futuro presidente, que prega a paz e a reconciliação, ainda tem chance de fazê-lo. ■

PROBLEMAS NA ESCALAÇÃO

Com pouca experiência política, Tarcísio de Freitas sofre para montar o seu governo e já descontenta policiais, bolsonaristas e antigos donos do poder em São Paulo

REYNALDO TUROLLO JR.



VIDA DURA Tarcísio: a escolha de sua equipe gerou o primeiro teste de fogo antes mesmo de iniciar a gestão

ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS

ESTREANTE em um cargo eletivo e novato em São Paulo, o maior e o mais importante colégio eleitoral do país — ele nasceu no Rio de Janeiro e vivia em Brasília —, o ex-titular da Infraestrutura da gestão Jair Bolsonaro e governador eleito Tarcísio de Freitas (Republicanos) começa a vivenciar as agruras de, com pouca experiência no jogo político, ter de montar um governo prometido aos eleitores como de renovação em um reduto administrado por trinta anos pelo mesmo partido, o PSDB, e onde as forças políticas estão bem consolidadas. Os primeiros passos resultaram em alguns tropeços, disparando o alerta de que o "batismo" do ex-ministro não será fácil.

A maior e a mais preocupante derrapada, por ora, se dá em uma das áreas mais sensíveis. Antes de assumir o mandato, ele já enfrenta um início de crise gerado pela escolha de seu secretário da Segurança Pública. O nome anunciado para a missão de reduzir a criminalidade é o do deputado federal Guilherme Muraro Derrite, conhecido como Capitão Derrite (PL-SP), um oficial da reserva da Polícia Militar que, embora tenha chefiado um pelotão da Rota (uma tropa de elite), de 2010 a 2013, jamais administrou uma unidade com efetivo, viaturas, equipamentos e sede, como uma companhia da PM.

A escolha de Derrite teve um cálculo político de Tarcísio: agradar ao bolsonarismo, uma corrente forte em São Paulo e que lhe deu o triunfo nas urnas. A indicação, aliás, foi apadrinhada pelo filho Zero Três do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Derrite conseguiu o seu primeiro mandato na Câmara em 2018, na onda conservadora que elegeu



ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS

RESISTÊNCIAS Derrite: o futuro secretário da Segurança Pública é alvo de críticas nas duas polícias

Jair Bolsonaro, e mantém um perfil bem ao gosto da militância. Midiático, coleciona declarações polêmicas sobre a pauta de costumes, já minimizou homicídios praticados por policiais e espalhou suspeitas infundadas sobre o processo eleitoral e a facada desferida por Adélio Bispo contra o presidente.

A resistência ao futuro secretário, no entanto, tem sido forte dentro das polícias, sobretudo na Civil. O primeiro motivo é óbvio: a histórica disputa de poder com os militares. Nesse contexto, ter um PM como secretário de Segurança, algo inédito, desequilibra o jogo de forças. Para fazer um aceno, Tarcísio anunciou na terça 13 que o delegado Osvaldo Nico Gonçal-

ves, atual chefe da Polícia Civil, será o secretário adjunto — o "zero dois" da pasta, como descreveu Derrite, aumentando a irritação de delegados com o emprego da expressão. Além disso, uma ala que se opõe à gestão de Nico Gonçalves se desiludiu com a escalação de Tarcísio por ela não representar a renovação prometida. "É mais do mesmo", diz um delegado.

Já na PM o burburinho vem de oficiais de alta patente, que têm a cultura da hierarquia muito enraizada. Como relatou a VEJA um coronel da reserva, é difícil imaginar um capitão de 38 anos como Derrite, que era tenente na ativa, dando ordens aos coronéis que estão na corporação há mais de trinta anos e ocupam o topo da hierarquia. Derrite minimizou. "É normal quando alguém assume uma pasta tão desafiadora. A integração entre as polícias vai começar de cima, servindo de exemplo", diz, citando seu número dois. Derrite refuta a acusação de que não tem experiência administrativa com o argumento de que comandou dois postos dos bombeiros por quase quatro anos.

Mas nem só de questões corporativas é feito o tiroteio nos bastidores. O que mais tem causado críticas entre policiais é o emaranhado de relações entre Derrite e Tarcísio e os donos de uma empresa de segurança privada que, depois de doarem às campanhas, passaram a ter acesso a informações da Segurança Pública. O elo é Nelson Santini Neto, tenente da reserva da PM próximo de Derrite (trabalharam juntos e faziam *lives* na internet) e que agora integra o grupo de transição para a área de segurança. Tenente Santini, como é chamado, é irmão de

Vicente Santini, ex-secretário da Casa Civil de Bolsonaro que foi demitido em 2020 depois de usar um avião da FAB para ir à Índia. Dono da empresa de segurança privada Autodefesa Brasil, sediada em Campinas, Tenente Santini doou 88 655 reais à campanha de Derrite para deputado (ele foi reeleito). Um dos sócios de Santini, Arnaldo Costa Vargas, doou 200 000 reais a Tarcísio. E um outro sócio, Leonardo Nogueira Valverde de Morais, repassou 500 000 ao Republicanos. Morais já teve uma outra empresa (Global Segurança) investigada por suspeita de fraude em licitação do Detran em Brasí-

ENGASGOS NA LARGADA

Quatro movimentos que geraram críticas ao futuro governador de SP

POLÊMICA NA TROPA

A indicação do deputado bolsonarista Capitão Derrite (PL) para secretário de Segurança Pública desagradou a integrantes da Polícia Civil e até a alguns membros da cúpula da PM

“PRIMEIRO-SECRETÁRIO”

A entrega de grande fatia de poder a Gilberto Kassab (PSD), em nome de governabilidade e de quadros para compor a gestão, preocupa aliados e frustra quem esperava renovação

ALIADOS PELO CAMINHO

Apoiadores no segundo turno, o PSDB do governador Rodrigo Garcia e o União Brasil não foram contemplados com cargos, o que pode criar entraves políticos e dificultar a gestão

RELAÇÃO TENSA

A tentativa de se afastar do bolsonarismo rendeu fortes críticas dos apoiadores de Jair Bolsonaro a Tarcísio, o que o obrigou a fazer uma demonstração pública de gratidão ao antigo chefe

lia, mas o caso foi arquivado. O ponto crítico é que, como membro do gabinete de transição, Santini teria recebido informações sensíveis do governo, como o número de policiais nas ruas de determinadas áreas, o que pode servir para orientar a atuação de sua empresa e configuraria um potencial conflito de interesses. Em nota, a assessoria de Tarcísio afirmou que dados sigilosos não chegaram a Santini, pois são mantidos "apenas entre as autoridades nomeadas para futuros cargos da Secretaria de Segurança e o governador eleito".

As críticas à montagem do governo não estão restritas à Segurança Pública. Para o Turismo, por exemplo, foi escolhido um pastor evangélico, o deputado Roberto de Lucena (Republicanos), que já defendeu a "cura gay" e criticou o reconhecimento da união homoafetiva pelo STF. Um dos principais eventos da pasta é justamente a Parada LGBTQIA+, que recebe turistas de todo o país e movimenta milhões de reais todos os anos. Também está na mira dos críticos a cessão de uma grande fatia do poder ao PSD de Gilberto Kassab, que será o titular da Secretaria de Governo e emplacou Guilherme Afif Domingos como chefe da transição e os titulares da Saúde (Eleuses Paiva) e Educação (Renato Feder), pastas que têm juntas orçamento anual superior a 70 bilhões de reais, mais que a receita do Paraná.

Enquanto isso, vão sendo deixados de lado aliados que até agora controlavam a máquina do Estado. Um deles é o governador Rodrigo Garcia (PSDB), que, mesmo sob duras críticas de correligionários, anunciou "apoio incondicional"



ANDRÉ BORGES/EFE

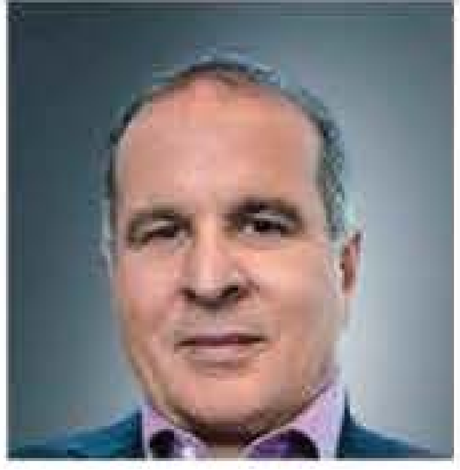
DESCONTRAÇÃO Tarcísio e Moraes: foto em solenidade do STJ irritou militância bolsonarista e levou a uma "retratação"

a Tarcísio e Bolsonaro no segundo turno. O PSDB esperava manter ao menos o comando local do Sebrae, hoje a cargo do presidente estadual do partido, Marco Vinholi, mas nem isso se concretizou. Na quarta 14, os conselheiros escolheram Nelson Harvey, apadrinhado por Afif, como superintendente. Vinholi ficou com uma diretoria técnica. Ainda assim, defende apoio a Tarcísio na Assembleia — a bancada do PSDB vai se reunir para debater o tema, o que mantém a negociação em aberto. Outro apoiador do segundo turno escanteado é o União Brasil, cujo líder, o presidente da Câmara paulistana, Milton Leite, é influente na política do estado. O seu grupo controlava a Secretaria dos Transportes, que Tarcísio extinguirá — a área será fundida em uma supersecretaria com Meio Ambiente e Infraestrutura. Somados, PSDB e União têm dezessete dos 94 deputados estaduais.



HOMEM FORTE Kassab: secretaria poderosa e aliados em pastas importantes

Mesmo com todos os ataques que tem sofrido pela montagem do governo, no entanto, nada parece abalar mais Tarcísio quanto as críticas da militância bolsonarista. Ele bem que tentou manter distância razoável do antigo chefe — declarou à CNN Brasil nunca ter sido um "bolsonarista raiz" —, mas teve de se explicar depois de uma enxurrada de ofensas. O clima piorou depois de ele ter aparecido em uma foto, em solenidade no STJ, sorrindo ao lado do ministro Alexandre de Moraes, considerado "inimigo número 1" pelo bolsonarismo. Não demorou para que Tarcísio fosse às redes sociais declarar a sua "gratidão eterna" ao presidente. Suscetível a esse tipo de pressão e com várias frentes de desgaste abertas ao mesmo tempo, é grande a dificuldade que o novo governador de São Paulo enfrenta para botar o seu time em campo. E o jogo, como se sabe, ainda nem começou. ■



MURILLO DE ARAGÃO

MAPA DE RISCOS EM 2023

A primeira regra é reconhecer que tudo pode ocorrer

O FUTURO a Deus pertence, mas examinar riscos potenciais não é mero exercício de futurologia. É verificar as tendências possíveis e buscar aproveitar as oportunidades para minimizar riscos. Por isso, milhões de dólares são gastos na prospecção das probabilidades.

Mergulhar no mundo das tendências implica lutar contra as preferências e as convicções. É como analisar uma partida e constatar que seu time está jogando mal. É reconhecer os erros. Muitos fazem exercício de tendências baseados em preferências pessoais ou na tese do "não é possível que tal coisa possa acontecer".

A primeira regra, ao se observar 2023 do ponto de vista de dezembro de 2022, é reconhecer que tudo pode ocorrer. O novo ano é página em branco a ser escrita. A segunda regra é identificar riscos. E alguns já despontam no horizonte: o contexto internacional e suas consequências inflacionárias e comerciais para o Brasil; a conjuntura nacional de inflação; as pressões salariais; o aumento dos gastos públicos.

No campo internacional, o Brasil é passageiro de um mundo conturbado. Nossas ações devem ser preventivas em relação às nossas fragilidades, em especial no tocante ao combustível refinado. A questão dos fertilizantes parece resolvida no cenário imediato, mas existem incertezas importantes.

Na seara nacional, o ímpeto para investimentos está contido por conta dos rumos da política econômica. Não se teme uma tragédia, mas erros podem abalar a confiança e até gerar retrocessos na agenda de reformas. As expectativas para a alta do PIB em 2023 são pálidas.

Devemos observar os índices de confiança, que estão em queda, no primeiro trimestre do ano. Será uma amostra da confiança por parte do empresariado e do consumidor na economia. Não se trata apenas de a questão ser mais ou menos liberal, como alguns no novo governo pensam. Trata-se da questão de atuar com pragmatismo e previsibilidade.

"Existe o temor de que as turbinas da política econômica funcionem em contradição e desarmonia"

Há discussões represadas que podem fazer aflorar, por exemplo, demandas por reajustes salariais de categorias do serviço público, além dos efeitos da bomba fiscal da PEC da Transição, o que poderá desembocar em aumento de impostos. São riscos que estão sendo considerados pelo mundo privado.

Existe ainda o temor de que as turbinas da política econômica funcionem em contradição e desarmonia. Por exemplo: o Ministério da Fazenda adotando práticas expansionistas, e o Banco Central seguindo na linha oposta, por temor de um surto inflacionário.

Nesse sentido, o ocorrido há poucos meses no Reino Unido é lembrado por líderes do mercado financeiro. A breve primeira-ministra Liz Truss colocou o país na rota da incerteza, e o Banco da Inglaterra teve de intervir, comprando dívida de longo prazo para impedir o colapso da libra. Desavenças na política econômica são fatais, caso não sejam resolvidas de forma pragmática.

Portanto, vale dizer, sem juízo de valor em relação ao novo governo e desejando o sucesso que os brasileiros merecem: o cenário do ano que vem é complexo. E o julgamento da realidade tem sido, claramente, negativo. Basta ver os índices futuros e o desempenho do mercado acionário. Caberá à futura gestão reverter as expectativas e não deixar a defesa desguarnecida por conta de um imaginário desconectado da realidade. ■



QUASE LÁ
Cabral: o ex-governador está preso há seis anos preventivamente

JASON SILVA/AGIF/AFP

O FIM DE UMA ERA

Justiça vai soltar ex-governador condenado a 425 anos de prisão e, em outra ponta, se prepara para afastar o juiz da Lava-Jato no Rio, Marcelo Bretas, acusado de irregularidades **LARYSSA BORGES**

DURANTE um período, a Operação Lava-Jato simbolizou a supremacia da Justiça sobre a histórica impunidade dos chamados criminosos de colarinho-branco. Uma mistura de messianismo com falhas de procedimentos, politização de certas decisões e erros processuais, no entanto, colocou praticamente tudo a perder. Dos cerca de 300 condenados por corrupção e desvios de bilhões de reais dos cofres públicos, restou um único preso — e mesmo assim, quando esta reportagem for publicada, ele pode já ter sido solto. O ex-governador Sérgio Cabral foi detido preventivamente há seis anos por determinação do ex-juiz Sergio Moro. Até a última quinta-feira, no fechamento desta edição, quatro dos cinco ministros da Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal já haviam votado na ação que pede a anulação do decreto de prisão. Falta um voto para consolidar a maioria a favor da libertação do ex-governador, sentenciado a mais de 420 anos de cadeia por corrupção, lavagem de dinheiro, organização criminosa, evasão de divisas, crimes contra o sistema financeiro, fraude em licitação e formação de cartel. Esse poderia ser o derradeiro episódio de um enredo judicial marcado pela reviravolta. O caso, porém, promete outra surpresa.

VEJA teve acesso a detalhes de uma operação sigilosa que pode resultar no afastamento do último dos juízes da Lava-Jato ainda em atividade, Marcelo Bretas, titular da 7ª Vara Federal Criminal do Rio, responsável pelas investigações do braço fluminense do escândalo da Petrobras e por decisões que levaram à prisão (equivocada) do ex-presidente

LUCAS TAVARES/FOTOARENA



ACUSADO O juiz Marcelo Bretas: suspeita do CNJ de ações ilegais em conluio com advogados para incriminar autoridades

Michel Temer, de toda a antiga cúpula do governo do Rio e de empresários do calibre de Eike Batista, o ex-bilionário que já foi um dos homens mais ricos do país. O magistrado é acusado de executar ações ilegais em conluio com advogados e investigadores para incriminar determinadas autoridades. No mês passado, uma equipe destacada pela corregedoria do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) fez uma "correição" no gabinete de Bretas — em tese, um procedimento protocolar. Não era. Os técnicos buscavam provas que sustentassem uma denúncia que, se comprovada, além de com-


THIAGO RIBEIRO/AGIF/AFP

POLÍTICA Eduardo Paes: Bretas teria tentado interferir na eleição estadual

prometer a carreira do juiz, podem colocar abaixo dezenas de sentenças proferidas por ele ao longo dos últimos seis anos de Lava-Jato. A suspeita é que Bretas, entre outras ilegalidades, autorizaria informalmente a quebra de sigilos telefônico e fiscal de investigados.

A nova ofensiva contra o juiz ganhou consistência jurídica a partir de uma decisão do decano do Supremo, Gilmar Mendes, que, em um despacho classificado como confidencial, assinado no dia 27 de setembro, encaminhou ao CNJ a delação premiada do advogado José Antonio Ficht-

ner, que acusou Bretas e o advogado Nythalmar Dias Ferreira Filho de acessarem ilegalmente seus dados protegidos por sigilo, incluindo saldos de contas bancárias e investimentos financeiros dele e da família. O delator fechou um acordo de colaboração para se livrar da cadeia, incriminou o próprio irmão, o ex-secretário da Casa Civil de Cabral, Régis Fichtner, e confessor ter se apropriado de sobras de campanha do ex-governador Sérgio Cabral, de quem Régis era braço direito. Na delação, Fichtner contou também que Nythalmar tinha acesso privilegiado ao juiz, sabia das decisões que seriam tomadas e usava essas informações para conquistar clientes que lhe pagavam gordos honorários. Com esse material enviado por Mendes em mãos, o corregedor nacional, ministro Luis Felipe Salomão, a quem cabe conduzir investigações contra juízes, determinou que uma equipe de sete funcionários de sua confiança fizesse a intervenção na vara de Bretas.

Uma reportagem de VEJA publicada em junho do ano passado revelou que o próprio Nythalmar fechou um acordo de delação premiada com o Ministério Público e empurrou Marcelo Bretas para o centro de uma trama que também envolveria a negociação de penas com autoridades arroladas nos processos, combinação prévia de estratégias de investigação com os procuradores, o que é irregular, e até atuação direta para influenciar as eleições de 2018 ao governo do Estado e beneficiar Wilson Witzel, o vencedor. No dia 9 do mês passado, um grupo de quinze policiais federais,

MÁRCIO ALVES/AGÊNCIA O GLOBO



ACUSADORES Régis: a delação do irmão do ex-secretário de Cabral é a peça originária da representação contra o juiz

servidores do Judiciário e dois desembargadores — um de São Paulo e uma do Distrito Federal — foram até o gabinete de Marcelo Bretas. Eles tinham ordens para arrombar a porta, trancada à chave no momento da batida, e recolher computadores e documentos que pudessem indicar a existência de investigações paralelas.

O terminal que o juiz usava para armazenar processos e redigir sentenças, por exemplo, teve o conteúdo copiado e enviado à corregedoria. Na mesma incursão, foram ouvidas quatro pessoas — o diretor administrativo da vara, uma juíza que tomou decisões relacionadas a Bretas e Nythalmar e



MARCOS TRISTÃO

DELATOR Nythalmar Dias Ferreira: celulares e computadores aguardam perícia

dois advogados que conhecem como poucos a relação entre os dois personagens. Também convocado a prestar esclarecimentos, Nythalmar permaneceu em silêncio. O material apreendido no gabinete ainda está sendo inventariado, mas as primeiras conclusões da correição reforçaram as suspeitas. Procurado, Bretas não quis se manifestar. O relatório parcial feito pela equipe de correição, a que VEJA teve acesso, sugere que o magistrado tinha aliados dentro do setor de perícia da Polícia Federal do Rio que atuariam, por exemplo, para atrasar deliberadamente a análise de documentos que pudessem, de algum modo, respingar nele. Os técnicos ci-



ESPELHO Sergio Moro: atuação ilegal levou à anulação do processo que condenou o presidente eleito Lula por corrupção

tam a demora da PF em analisar dois celulares e um notebook de Nythalmar, que foram apreendidos em uma busca autorizada pela Justiça. O episódio é emblemático porque o próprio advogado disse que os documentos armazenados nos seus aparelhos provariam as acusações contra o juiz.

Com base no material recolhido no gabinete de Bretas, no domingo 11, a Corregedoria Nacional de Justiça determinou a instauração de uma reclamação disciplinar contra o juiz, pediu acesso a outras duas delações, de Nythalmar e do ex-secretário de Saúde do Rio Sérgio Côrtes, que também acusou o magistrado de cometer ilegalidades na Lava-Jato, e abriu pra-



ALGOZ Luis Felipe Salomão: o corregedor autorizou as buscas no gabinete do juiz

zo para que ele apresente sua defesa. As decisões pavimentam o caminho para que o CNJ leve o destino do juiz da Lava-Jato a julgamento na primeira sessão do próximo ano, em 14 de fevereiro. O desfecho previsto é um só: retirar do cargo aquele que, suspeita-se, replicou no Rio as ações heterodoxas da Lava-Jato de Sergio Moro e dos procuradores de Curitiba, que levaram o Supremo a anular processos conduzidos pelo ex-juiz, inclusive o que resultou na condenação do agora presidente eleito Lula. Por enquanto, é bom que se ressalte, as acusações contra o magistrado carioca se limitam a suspeitas. Mas os indícios de exageros cometidos são muitos. ■

ERROS DO PASSADO

Novo governo faz as primeiras nomeações para a área econômica e, sem definir a direção que vai seguir, ressuscita os fantasmas que levaram o país ao desastre na gestão Dilma

LUISA PURCHIO, LUANA ZANOBIA
E **LARISSA QUINTINO**



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

PRIMEIROS PASSOS Haddad e Mercadante: nomeações polêmicas

CAPA: FOTOS DE RICARDO STUCKERT E ROBERTO STUCKERT

Na França do início do século XIX, assim que a derrocada do regime de Napoleão Bonaparte permitiu a volta dos Bourbon ao trono que ocupavam antes da Revolução Francesa, uma frase sobre os herdeiros da antiga família real se tornou recorrente no meio político: "Eles não aprenderam nada e também não esqueceram nada". A expressão, comumente creditada ao gênio da diplomacia Charles-Maurice de Talleyrand, traduz de forma magistral os temores do mundo empresarial e das finanças depois dos anúncios dos primeiros nomes que ocuparão postos-chave na área econômica do futuro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir do dia 1º de janeiro.

A primeira nomeação, na sexta-feira 9, confirmou a ida de Fernando Haddad para o recriado Ministério da Fazenda. Longe de ser uma surpresa, dados os sinais que já apontavam nesse sentido, a indicação não foi exatamente louvada por economistas, empresários e financistas. Entretanto, acabou encarada com alguma naturalidade a partir de declarações tranquilizadoras do futuro ministro em nome da responsabilidade fiscal e com a nomeação, na segunda-feira 12, de dois de seus principais auxiliares — Gabriel Galípolo, ex-presidente do Banco Fator, como secretário-executivo, e Bernard Appy, como secretário especial para a reforma tributária. Não foi uma recepção tão tranquila quanto a de Antonio Palocci na primeira gestão de Lula, em 2002,



TON MOLINA/FOTOARENA

DESAFIO Galípolo, ex-presidente do Banco Fator: número 2 de Haddad

mas de alguma forma já estava, como se diz no jargão da Faria Lima, precificada.

O golpe veio mesmo na terça-feira 13, quando, em um pronunciamento, o presidente eleito exercitou sua verve em uma mistura de ironia, provocação e alguns traços de rancor. "Aloizio Mercadante, vi algumas críticas sobre você, sobre boatos que você vai ser presidente do BNDES", começou Lula se dirigindo ao ex-ministro e ex-senador, que estava a seu lado na cerimônia de conclusão dos trabalhos da equipe de transição, em Brasília. "Eu quero dizer



ACENO POSITIVO Bernard Appy, secretário para reforma tributária: consenso

para vocês que não é mais boato. O Aloizio Mercadante será presidente do BNDES. Estamos precisando de alguém que pense em desenvolvimento, alguém que pense em reindustrializar esse país", completou. Com seu pronunciamento, Lula apontou que a estratégia de uso das estatais para irrigar empresas com crédito barato pago pelo Tesouro, diretriz que deu tão errado em gestões passadas do PT, pode voltar. Não bastasse, Lula foi além e reafirmou a convicção estatista que marcará sua volta ao poder: "Vai acabar a privatização nesse país".



RAPHAEL RIBEIRO/BCB

ALERTA Roberto Campos Neto, do BC: indicação de erros a ser evitados

O índice Ibovespa, que no mesmo dia chegou a subir 1% com o tom apaziguador de Haddad, trocou de direção e caiu 1,71%, na contramão do otimismo do resto do mundo, que passava por um momento positivo com a melhora dos números da inflação nos Estados Unidos. O dólar, que estava em queda de 1%, recuperou a perda e fechou em leve baixa. Os números materializavam o fantasma que pairava na praça, de que o atual governo petista se escora mais nos traços da malfadada gestão Dilma 2, com sua desastrosa administração da economia, do

que nos anos de Lula 1 e 2, em que o Brasil decolou no cenário global. "Se colocarem em prática as políticas anunciadas até o momento, teremos quatro anos bastante turbulentos e provavelmente uma recessão similar à do governo Dilma", alerta o economista Marcos Mendes, pesquisador associado do Insper.

Quem esperava que a cota de temeridades tinha acabado, a noite do dia 13 ainda traria surpresas. Em uma manobra para evitar dificuldades legais à nomeação de Mercadante para o BNDES, o PT e o Congresso armaram uma ofensiva para alterar a Lei das Estatais, de 2016, criada justamente para coibir gestões erráticas e a corrupção nas empresas públicas depois dos abusos nas gestões petistas. Antigo desejo — frustrado — do presidente Jair Bolsonaro, a mudança-relâmpago votada sobre o comando de Arthur Lira reduziu de 36 meses para trinta dias o tempo de quarentena para pessoas com atuação em cargo decisório de partido político ou em campanha eleitoral poderem assumir postos em estatais. Tal alteração se encaixa com precisão à necessidade petista, não apenas no caso de Mercadante mas também de outros dirigentes partidários com potencial de ser indicados para o comando das empresas do governo, como o senador Jean Paul Prates, nome cogitado para o comando da Petrobras.

Com a mexida legal, a estatal petroleira tornou-se a vítima no dia seguinte, 14. Logo que o pregão da B3 abriu, as ações da Petrobras começaram a sangrar e a empresa encer-

rou o dia com a perda de extraordinários 10%, gerando uma hemorragia de aproximadamente 30 bilhões de reais em seu valor de mercado, a maior desvalorização diária vivida pela companhia desde 1989. Em meio à turbulência, o novo governo partiu para mitigar os estragos. Vazou a informação de que Lula busca mulheres funcionárias de carreira para comandar a Caixa e o Banco do Brasil. Haddad saiu relem-

CENÁRIOS PARA 2023

Caminhos possíveis de ser seguidos pelo governo na economia

AUMENTO DE GASTOS

OTIMISTA

Feito de forma temporária, sem ampliar gastos em relação ao PIB. O governo indica novo arcabouço fiscal. Os gastos são medidos para saber se trazem os resultados desejados e se merecem continuar

PESSIMISTA

O governo utiliza a liberação da PEC da Transição para estourar o teto de gastos como forma de apenas gastar mais e mal, aumentando o peso do Estado na economia

brando a sua atuação como prefeito de São Paulo saneando as contas públicas e conseguindo nota de grau de investimentos para a cidade. Também alegou que, quando Lula fala do fim das privatizações, não está mencionando as parcerias público-privadas (PPP), sobre as quais o novo ministro da Fazenda foi o redator da lei que a regula, em sua passagem pelo Ministério do Orçamento, Planejamento e Gestão, há duas décadas. Mercadante, por sua vez, procurou o presidente da Federação Brasileira de Bancos, a Febraban, Isaac Sidney, para dizer que os subsídios do BNDES às grandes empresas não voltarão, uma vez que não há hoje espaço fiscal para recriar a política de campeões nacionais do passado.

REFORMA TRIBUTÁRIA

OTIMISTA

É tratada como prioridade, avança no Congresso e simplifica a estrutura de impostos brasileira

PESSIMISTA

É utilizada para aumentar a arrecadação, como forma de compensar a ampliação dos gastos públicos causada pela PEC da Transição

O novo governo ainda não começou e há tempo para desfazer a impressão desastrosa das primeiras escolhas para a área econômica. Ainda faltam cargos importantes a ser preenchidos, tanto dentro do Ministério da Fazenda, como para comandar pastas recém-recriadas como as do Planejamento e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Um convite para essa última foi feito ao presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Josué Gomes, mas ele ainda não havia aceitado até o fechamento desta edição. Bons nomes, como o de Gomes, podem se firmar nessas posições e afastar maiores riscos. Mas se as escolhas recaírem sobre figuras com

USO DE ESTATAIS

OTIMISTA

Evita cometer os mesmos erros de intervenções microeconômicas do governo de Dilma Rousseff, aposta em parcerias público-privadas e privatizações pontuais, mesmo contra o desejo de petistas

PESSIMISTA

Utiliza bancos estatais para influenciar o mercado, e outras estatais para intervir na economia. Paralisa todas as privatizações

ligação umbilical com a máquina petista, a debacle vai se concretizar. Mesmo porque a própria equipe de transição consistiu em um grupo plural, incluindo economistas como os criadores do Plano Real, que apoiaram Lula em sua eleição, mas agora tem sido preteridos em benefício de nomes de confiança do partido.

Mesmo com a expectativa de que a linha esboçada nos últimos dias ainda possa ser alterada, a realidade do momento aponta que o discurso de Lula sobre a montagem de um governo fundamentado em uma frente ampla talvez tenha se perdido no passado. Em seu tour de force eleitoral contra o bolsonarismo, o petista granjeou apoio

REFORMA TRABALHISTA

OTIMISTA

Preserva a reforma feita, promovendo apenas atualizações, como na relação de aplicativos e seus prestadores de serviços

PESSIMISTA

Revoga a reforma ou partes importantes dela, como a que desincentiva a judicialização das relações de trabalho

de quinze partidos políticos, em troca da inclusão de uma ampla gama de reivindicações no desenho de seu futuro governo. O que se vê até agora, entretanto, é um projeto de matiz claramente petista. “Se for para termos o governo Dilma 3, no qual só tem PT mandando, com suas propostas bem antigas, não vamos crescer”, avalia o economista José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de política econômica no governo de Fernando Henrique Cardoso. “Precisamos de cautela na avaliação, porque até agora foram cinco ou seis nomes anunciados, de um universo de trinta. Mas é bom lembrar que a orientação filosófica mais geral vem do presidente. A equipe plural até ajuda, mas não resolve o problema.”

A leitura geral é de que a desconfiança com o nome de Haddad no mercado tem pouco a ver com o seu perfil — visto como moderado e bom negociador. A preocupação é que ele venha a se tornar apenas um articulador político para as convicções econômicas ultrapassadas de Lula. “Vários estudos sugerem que o estado gastador e o BNDES pródigo do período entre 2015 e 2016 tiveram relação direta com ascensão dos juros estruturais, que passaram da média habitual de 7% para 10%. Depois de ter baixado nos últimos anos, esse juro estrutural já volta a bater em 9% com as incertezas atuais”, diz Carlos Kawall, ex-secretário do Tesouro Nacional e fundador da gestora Oriz Partners.

Haddad tem defendido a ideia de que pretende fazer os juros caírem, para estimular a economia. Mas muitos dos



VANESSA CARVALHO/BRAZIL PHOTO PRESS

MODERAÇÃO Haddad, como prefeito de São Paulo: cuidado com as contas

dogmas econômicos caros ao PT jogam contra isso. Pouco antes de almoçar com o novo ministro na terça-feira, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, que segue no cargo nos próximos dois anos, divulgou a ata da última reunião da autoridade monetária para definição da taxa Selic. O texto alerta sobre o fato de que as promessas de gastar mais para reativar a economia podem causar aumentos da inflação, do dólar e dos juros. Ao gastar de forma errada e exagerada, a incerteza dos mercados elevaria o dólar, o consumo estimulado artificialmente pressiona-

EVARISTO SÁ/AFP



DESASTRE Dilma e seu ministro da Fazenda, Nelson Barbosa: gestão temerária

ria a inflação, e os juros precisariam subir, causando desemprego e outros problemas econômicos. Ou seja, o PT pode jogar contra os seus próprios objetivos se continuar aferrado aos próprios erros, como seguir o mote "gasto é vida" da época de Dilma Rousseff.

Uma das expectativas em torno do novo governo é como será o arcabouço fiscal a ser instituído por Haddad, uma vez que a PEC da Transição que tramita na Câmara dos Deputados já prevê um gasto de 145 bilhões de reais acima do teto de gastos por dois anos e que um projeto de

lei com um novo regime fiscal seja apresentado até agosto do ano que vem. Para os defensores do controle de gastos, é crucial que tal medida seja definida em torno de metas controladas pelo governo federal, portanto relacionadas às despesas públicas. "Não se deve fazer meta em cima de dívida porque o governo federal não controla as taxas de juros pagas pelo Tesouro Nacional. Tentar controlar essas taxas seria completamente inviável e irrealista", diz Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central no governo Lula, criador da regra do teto fiscal quando ministro da Fazenda no governo de Michel Temer.

Transcorrida apenas uma semana do anúncio de Haddad para a Fazenda, muita coisa pode mudar. No entanto, é motivo de preocupação o fato de os alicerces do novo governo estarem fincados em terreno tão movediço. "Aparentemente, o fracasso da agenda petista de quinze anos atrás, que gerou a grande crise de 2014, foi de pouca valia. Pelos discursos que a gente vê, estamos rumando para um novo fracasso", alerta Marcos Lisboa, presidente do Insper e ex-secretário de política econômica do Ministério da Fazenda de 2003 a 2005, época da primeira (e bem-sucedida) gestão de Lula. "O problema é que, desta vez, o fracasso vai vir mais rápido do que as pessoas estão imaginando, pois as condições são piores", avalia. Ainda há tempo e meios para o novo governo evitar tal situação. A questão é se Lula quer fazer isso. ■

Colaborou Felipe Mendes



MAÍLSON DA NÓBREGA

QUEM É ESPECULADOR?

Em última análise, ele financia atividades que geram riqueza

EM FALA CORRETA, Lula disse que "não adianta só pensar em responsabilidade fiscal, temos de pensar em responsabilidade social". As duas ideias não são antagônicas. Depois vieram equívocos e preconceitos. "Para cumprir teto fiscal, geralmente é preciso desmontar políticas sociais e não se mexe com o mercado financeiro. Vai aumentar o dólar e cair a bolsa? Paciência. Mas o dólar não aumenta ou a bolsa cai por causa das pessoas sérias, e sim dos especuladores." Parece ter defendido a penalização do mercado financeiro, ou seja, não pagar a dívida pública. Um calote, pois.

A segunda fala contém dois erros. Primeiro, os bancos não são o único nem o maior credor do Tesouro. Representam 28,7% da dívida pública mobiliária federal. Os outros 71,3%, ainda que em parte geridos por instituições financeiras, são fundos de investimento, fundos de pensão, previdência privada e Tesouro Direto (pequenos investidores). Trata-se de poupanças individuais ou contribuições para a aposentadoria de milhões de brasileiros. O calote seria arrasador.

O segundo erro: afirmar que especuladores não são pessoas sérias. Lula não esteve só. A presidente do PT, Gleisi Hofmann, tratou a oscilação do dólar e da bolsa como "um movimento especulativo, o que é muito ruim para o país". Na verdade, houve uma reação típica de mercados maduros, que fogem de ativos ao menor sinal de risco de perdas.

A maioria dos brasileiros vê com maus olhos o especulador. No dicionário Aurélio, diz-se que ele é um "indivíduo que age de má-fé, procurando tirar proveito de uma situação, de determinada coisa". Nos dicionários de língua inglesa, especulador é quem "investe em ações, propriedades e outros riscos, na expectativa de ganhar, sob o risco de perder".

Quando vista apropriadamente, especulação é coisa de gente séria. Pode ser nociva, mas isso costuma ocorrer em mercados disfuncionais, mal regulados e por isso muito voláteis. Na maior parte do tempo, funciona bem. A especula-

"Especulação, para os brasileiros, é sinônimo de má-fé, uma situação que não acontece em mercados maduros"

ção caracterizada por compra e venda de ativos forma preços. Emite sinais indispensáveis ao bom funcionamento da economia. Cotações em bolsas de mercadorias orientam decisões de agricultores, pecuaristas e das áreas de recursos naturais. Mudanças no clima influenciam movimentos especulativos que emanam sinais para o setor rural.

Há outras formas de definir especulação. Segundo o dicionário Cambridge, ela pode ser entendida como "atividade que imagina possíveis respostas para uma questão sobre a qual não se dispõe de informações seguras". Pode-se especular sobre rumores de demissão de um ministro ou sobre o desenlace de uma crise conjugal. No campo da ciência, especulação pode referir-se a conjecturas sem evidência firme.

Ao falarem de modo inapropriado sobre especuladores, Lula e Gleisi não percebem que grande parte do dinheiro que eles movimentam é canalizada para financiar atividades que geram riqueza, renda, emprego e bem-estar. Em última análise, somos todos especuladores. ■

FEITO EM CASA

Ao distribuir subsídios bilionários a empresas que fabriquem chips e produtos da economia verde no país, o governo Biden adota uma via protecionista que assusta os aliados

AMANDA PÉCHY



VITRINE Biden visita a fábrica da TSMC no Arizona: chips *Made in America*

CAITLIN O'HARA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

O estado do Arizona, no Sudoeste americano, raramente ocupa o centro das atenções. Nos últimos dias, no entanto, teve sua obscuridade sacudida pelo anúncio de que a empresa taiwanesa TSMC, a maior fabricante de semicondutores do mundo, não só abriu uma fábrica lá como vai triplicar seu investimento no projeto, de 12 bilhões para 40 bilhões de dólares ao longo dos próximos anos. Não se trata apenas de um supernegócio — a planta está no centro tanto da batalha econômica e política que os Estados Unidos travam com a China como de uma reforma profunda no modelo industrial americano, que se volta para dentro e tira da gaveta a empoeirada bandeira do *Made in America*.

A campanha para produzir nos Estados Unidos os produtos que os Estados Unidos consomem — e se livrar da dependência da China — foi lançada no governo de Donald Trump, sob o lema *Buy American, Hire American* (compre produtos americanos e dê emprego a americanos), mas nunca saiu do papel porque o ex-presidente preferiu embarcar em uma birrenta guerra de tarifas que não levou a nada. Biden abraçou o *Buy American* logo no início do governo e, mais recentemente, pisou no acelerador do rebatizado movimento *Made in America* com dois pacotes mastodônticos — e claramente protecionistas: a Lei dos Chips, que reserva 52 bilhões de dólares em incentivos para empresas construírem fábricas no país, e a Lei de Redução da Inflação, com 370 bilhões de dólares em subsídios direcionados à produção de



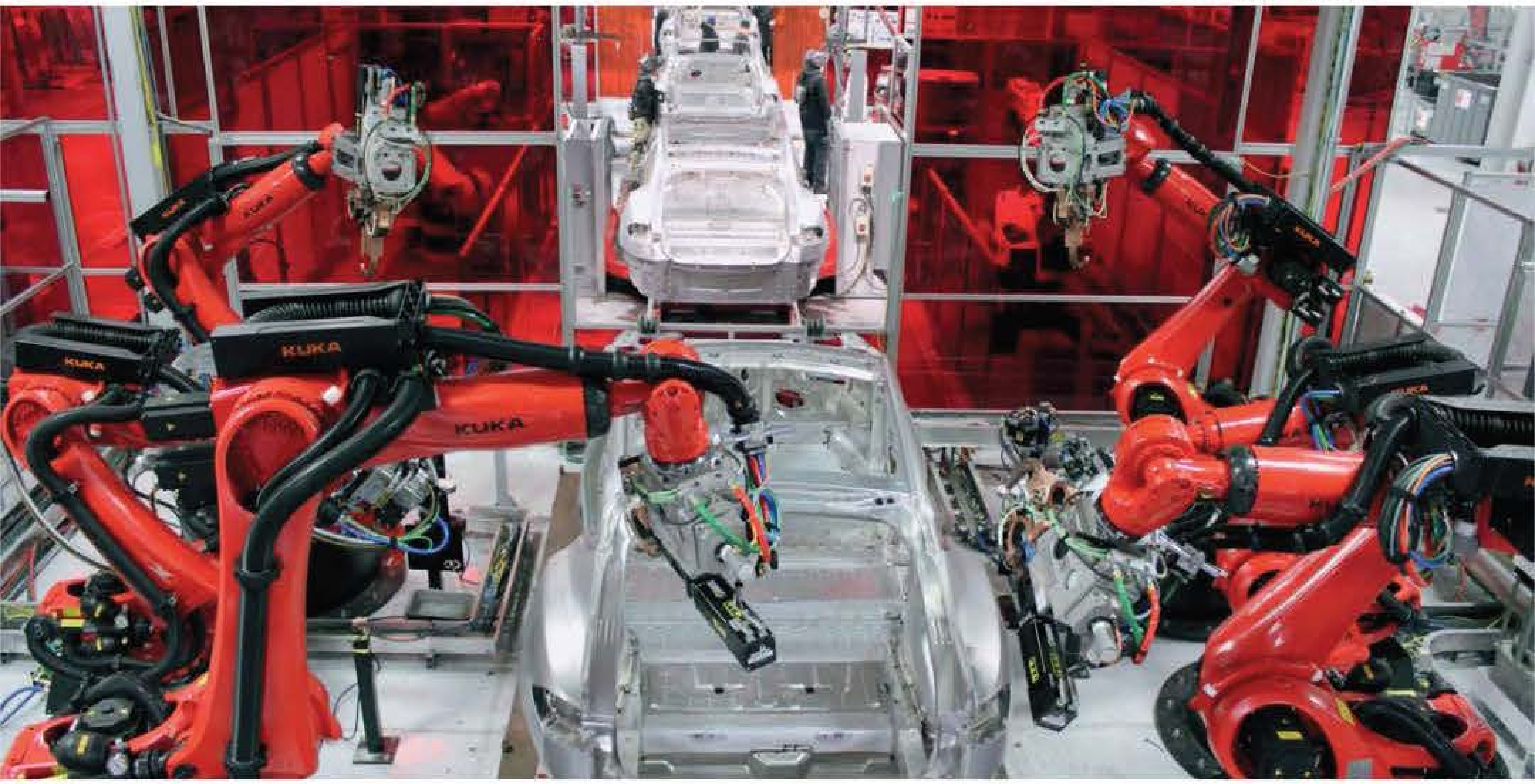
TSMC

CORRIDA Semicondutores: quem domina a cadeia tem a chave do futuro

energia limpa e créditos fiscais para veículos elétricos feitos no país. Bem recebida internamente, a dinheirama arrepiou parceiros comerciais de longa data, beneficiários da economia globalizada que temem ser pegos no fogo cruzado entre Estados Unidos e China.

Os chips, do tamanho de uma unha, estão no centro do furacão porque hoje em dia tudo depende deles, de smartphones a sistemas avançados de armas, passando por carros, computadores, eletrodomésticos, videogames e demais componentes da vida moderna. Na economia globalizada, a pesquisa e desenvolvimento de chips, bem como os equipamentos para produzi-los, são setores dominados por Estados Unidos, Japão e Holanda. A fabricação em si se concentra no

KYODO/AP/IMAGEPLUS



INCENTIVO Planta da Tesla: carros elétricos estão no plano de subsídios

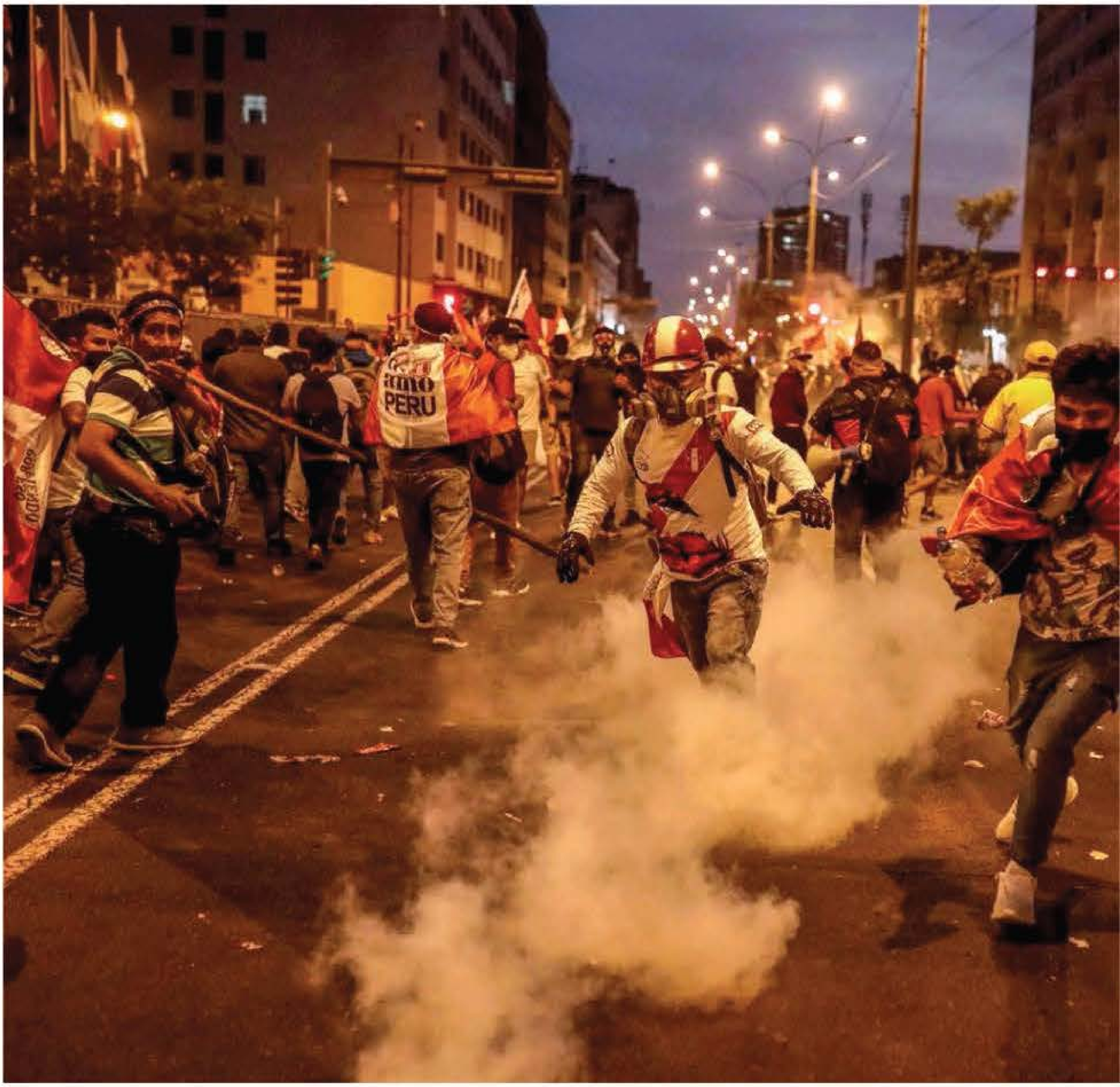
Oriente e o consumo mais voraz é, disparado, o da China, que abocanha boa parte da produção interna e é também o maior importador. No esforço para domar o gigante oriental, os Estados Unidos deixaram de vender a Pequim tecnologia de ponta e equipamentos, pressionam os demais países a fazer o mesmo e tentam cortar o fluxo de chips prontos.

Ciente de sua vulnerabilidade, o governo de Pequim estabeleceu um plano ambicioso para o setor, prevendo autossuficiência em manufatura de alta tecnologia até 2025, liderança em inteligência artificial até 2030 e domínio global da indústria até 2035. Reagindo à Lei dos Chips americana, que pode atrasar o projeto em dez anos, a China se prepara para anunciar um pacote próprio de 143 bilhões de dólares

em subsídios para fábricas de semicondutores. Enquanto isso, a Casa Branca se dedica a montar uma cadeia de suprimentos robusta e independente dos chineses, o que requer estreita cooperação com aliados.

A campanha de aliciamento, no entanto, vem sendo prejudicada pela intenção do governo Biden de ressuscitar a manufatura local, na crença de que a competição chinesa enfraqueceu a segurança do país e prejudicou a economia. "As novas medidas protecionistas favorecem empresas que investem nos Estados Unidos, em vez de Europa e demais parceiros próximos", diz Richard Newfarmer, ex-representante do Banco Mundial na Organização Mundial do Comércio. Em visita a Washington no início de dezembro, o presidente francês Emmanuel Macron reclamou que os subsídios americanos "não foram devidamente coordenados com as economias europeias".

Com a tática do *Made in America,* o governo Biden subverte, sem alarde, o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, que proíbe restrições às trocas internacionais, exceto sob condições específicas — e a justificativa americana de proteção da segurança nacional não foi aceita. "Estamos vendo uma erosão das normas internacionais e da ordem multipolar", alerta Edward Alden, economista do centro de pesquisas Council on Foreign Relations. "Os países serão forçados a escolher com quem fazer negócios, abrindo caminho para uma nova era de blocos, no estilo Guerra Fria." O embate dos gigantes está só começando e dele se salvará quem puder. ■



ALDAIR MEJIA/EFE

MAIS UM QUE SE VAI

Cumprindo um infeliz rodízio anual de presidentes, o peruano Pedro Castillo tentou dar um golpe e foi afastado, levando às ruas uma população exausta de crises **CAIO SAAD**

Os peruanos tiveram **6 PRESIDENTES** nos últimos **5 ANOS**



CANSAÇO
Protesto em Lima: a população quer mudanças que ponham fim à crise

ATÉ PARA a atribulada política peruana, que diplomou e defenestrou seis presidentes nos últimos cinco anos e teve pedidos de prisão expedidos contra todos os mandatários desde 1990, o dia 7 de dezembro foi de tirar o fôlego. Naquela quarta-feira, Pedro Castillo, ex-professor e líder sindical que se elegeu por apertada margem no ano passado, foi à TV anunciar que estava dissolvendo o Congresso, decretando estado de exceção e concentrando todo o poder nas suas mãos. No calor da impulsividade, inexperiência e inabilidade, três marcas de seu curto mandato, Castillo se esqueceu de alinhavar previamente algum respaldo para seu ato. Resultado: ninguém obedeceu. Em pouco mais de uma hora, os congressistas se reuniram e aprovaram seu afastamento com 101 votos a favor, seis contra e dez abstenções (o que mostra que até parte de sua própria bancada de quinze parlamentares o deixou na mão). Em seguida, a vice-presidente, Dina Bo-

luarte, foi empossada e o candidato a ditador acabou o dia preso, acusado de rebelião e conspiração.

Tudo aconteceu tão rápido que os apoiadores de Castillo, atarantados, demoraram até o dia seguinte para sair em massa às ruas, protestando contra seu afastamento (embora muitos também condenassem sua tentativa de golpe). A mobilização em Lima se ampliou para o sul do país, houve tentativa de tomada de dois pequenos aeroportos, o acesso a Machu Picchu foi fechado, a polícia disparou tiros e bombas de gás lacrimogêneo, o Exército entrou em campo para reforçar a repressão e, até a quarta-feira 14, o saldo era de seis mortos, entre eles dois adolescentes, e 200 feridos. "Fez-se uma sopa tóxica, com um presidente fraco, um Congresso disfuncional, um líder deposto tentando gerar resistência popular à sua remoção, a população agitada e nenhuma ideia de como sair dessa barafunda", descreve Eric Farnsworth, vice-presidente do Conselho das Américas.

Boluarte, 60 anos, advogada marxista que se aliou a Castillo durante a campanha mas condenou sua tentativa de golpe, se mexeu para apaziguar os ânimos encaminhando um pedido de antecipação de eleições para abril de 2024, dois anos antes do previsto. Nada feito. Os manifestantes, vindos sobretudo de sindicatos agrários e associações de camponeses e indígenas — a fatia mais pobre do país, que formou a base de apoio do agora ex-presidente —, insistem na libertação dele, renúncia de Boluarte, convocação de uma Assembleia Constituinte e nova eleição imediata, essa



NOVO GOVERNO Boularte com seus ministros: até quando será que ela dura?

para renovar o Congresso, única instituição com índice geral de aprovação (11%) menor do que o de Castillo (24%).

Rachado em uma infinidade de partidos (o mais numeroso tem 24 dos 130 deputados), o Legislativo é inimigo declarado de todo e qualquer presidente — em um ano e pouco, aplicou três pedidos de impeachment em Castillo, e foi justamente tentando se livrar do último que ele fez o que fez. Com tal folha corrida, o Congresso é apontado como o maior responsável pela crise, ao impedir que os governos avancem suas agendas. No caso de Castillo, matuto dos ca-

fundós dos Andes que anda de chapelão na cabeça e se elegeu com o lema "Chega de pobres neste país rico", a oposição ferrenha do Parlamento contou com o estímulo das alas conservadoras e da elite da sociedade. Entre 2004 e 2013, o Peru, segundo maior produtor de cobre do mundo, esteve entre os países que mais cresceram na América Latina, a uma média de 6,4% ao ano, mas diante da sucessão de terremotos políticos o aumento do PIB não deve passar de 2,7% neste ano. O progresso não reduziu a desigualdade e um quarto da população vive na miséria, enquanto a corrupção grassa sem freio.

Sem perspectiva de melhora no âmbito do atual sistema, os peruanos vêm depositando nos últimos tempos suas esperanças na elaboração de uma nova Constituição que puna com rigor os ganhos ilícitos e interrompa o círculo de instabilidade. "A democracia peruana, como Sísifo, começa a subir de novo a montanha, mas ninguém sabe o que ainda pode acontecer", diz o cientista político Daniel Zovatto, referindo-se ao personagem da mitologia grega condenado a rolar uma rocha até o topo de um monte, vê-la cair e começar tudo de novo. Com as ruas tomadas por protestos, a Justiça prorrogou a prisão preventiva de Castillo e o governo decretou estado de emergência em todo o país. É o ciclo peruano cumprindo sua sina de rodar sempre no mesmo lugar. ■

RETORNO BRILHANTE



LEO FRANCO/AGNEWS

O primeiro compromisso de trabalho em grande estilo após o divórcio foi em casa: dourada dos pés à cabeça, **GISELE BÜNDCHEN,** 42 anos, brilhou no jantar em São Paulo que comemorou os sessenta anos da joalheria Vivara, de quem é modelo há mais de uma década. Vestindo um longo de alças cruzadas assinado por Reinaldo Lourenço, Gisele fez pose, sorriu, foi simpática com todo mundo, mas não deu entrevista. Ela desembarcou no Brasil com os filhos, Benjamin, 13, e Vivian, 10, no mesmo fim de semana em que o Tampa Bay Buccaneers, time de futebol americano do ex Tom Brady, perdia mais um jogo — o quinto, dos últimos oito que disputou.



ERIC VIDAL/EUROPEAN PARLIAMENT/AFP

AMIGA DOS AMIGOS

Polêmica sede da Copa do Mundo, o Catar está por trás da derrocada da bela deputada grega **EVA KAILI,** 44 anos, vice-presidente do Parlamento Europeu acusada de receber propina para falar bem do emirado árabe (que também é suspeito de espalhar petrodólares para recepcionar o Mundial de futebol). Em novembro, Eva subiu à tribuna para rebater as críticas dirigidas ao governo catari pelo tratamento desumano com os imigrantes que construíram os estádios. "O Catar é líder em direitos trabalhistas", proclamou a deputada, que está presa e nega todas as acusações. Ela foi removida da vice-presidência do Parlamento e deve ser expulsa do Partido Socialista grego.



REGINALDO TEIXEIRA

DRAMA EM FAMÍLIA

Há cinco meses que o ator **JULIANO CAZARRÉ,** 42, e a bióloga Letícia, 38, vivem angustiados com o estado de saúde de Maria Guilhermina, a filhinha que nasceu com anomalia de Ebstein, uma cardiopatia congênita rara. Enquanto Letícia faz vigília na UTI do hospital em que ela está internada em São Paulo, Cazarré levou três dos outros quatro filhos do casal (Vicente, Inácio e Gaspar – eles também têm Maria Madalena) ao circo no Rio de Janeiro. "A vida deles tem de seguir. Eles precisam de alegria, de brincadeira", explica Cazarré. "A gente tem fé que vai dar certo e logo a família estará reunida de novo. Nestes tempos implacáveis, o ator recebeu críticas por se permitir um momento de lazer.

ALTA EXPOSIÇÃO


INSTAGRAM @TITIMULLER_

À frente da apresentação de festivais de música do Multishow, **TITI MÜLLER,** 36, nunca se esquivou de exibir seu posicionamento político nas entradas ao vivo. No Rock in Rio, abriu o microfone para o público que xingava Jair Bolsonaro e comentou: "A galera está pedindo Anitta". O gesto não só virou meme como contribuiu para ser chamada para apresentar, ao lado de Paulo Vieira, os shows da posse de Lula em 1º de janeiro. "Tem de ter coragem para se expor num país tão polarizado. Fico feliz", diz Titi, ressaltando que não vai receber cachê. Ansiosa pelo "dia histórico", ela já escolheu o look: "Vestidinho confortável, leve, com brilho e da cor da eleição". E coturno, esbanjando atitude. ■

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

A final da Copa oporá a maravilhosa habilidade do veterano argentino Lionel Messi à juventude incontida do espetacular francês Kylian Mbappé. O vencedor: o futebol

FÁBIO ALTMAN E **LUIZ FELIPE CASTRO,** de Doha
FOTOS **ALEXANDRE BATTIBUGLI** E **RICARDO CORRÊA**



VOO DO GÊNIO O argentino miúdo e discreto, aos 35 anos: agora em versão *à la* Maradona



AMBIÇÃO O francês veloz e forte, de 23 anos: a busca pelo bicampeonato que Pelé conseguiu

Por alguns segundos, o tempo de uma eternidade, a torcida alviceleste nas arquibancadas do Estádio Lusail pareceu interromper o canto mais ouvido no deserto do Catar nos últimos trinta dias — *"En Argentina nací, tierra de Diego y Lionel, de los pibes de Malvinas que jamás olvidaré"* — para acompanhar um instante aparentemente banal, mas imenso, da semifinal contra a Croácia. Era um escanteio para os argentinos. O meia Rodrigo de Paul pegou a bola e lentamente estendeu o braço para entregá-la a Messi, que se aproximava ainda mais vagarosamente, quase displicente. Foi como se De Paul dissesse: "É tua". Sim, é dele. A Copa de



HINCHAS O canto dos albicelestes ecoou nos estádios: *"En Argentina nací, tierra de Diego y Lionel"*

2022 foi sequestrada pelo gênio canhoto de 35 anos, moldado pelo passar dos anos, em seu quinto Mundial — um craque que soube trocar a agilidade pela inteligência, o esforço máximo pelo mínimo possível, a passada larga pelo caminhar miúdo, quase tímido.

Por alguns minutos, os marroquinos que fizeram do Estádio Al Bayt, em Al Khor, uma tenda árabe-muçulmana — a cercar os poucos franceses ilhados numa Gália como a de Asterix — silenciaram. A França acabara de fazer o primeiro dos dois gols contra o Marrocos, logo aos sete minutos, com Theo Hernández, depois de uma bola sobrada de um chute de esquerda disparado por Kylian Mbappé. Na pirâ-



IRMÃOS DE FÉ Fiéis do Marrocos: ímã do nacionalismo árabe e do islamismo

mide da comemoração, o camisa 10 francês estirou os olhos, à procura de Antoine Griezmann, que iniciara a jogada, como se dissesse: "Vem pra cá". Mbappé, que na Copa de 2018 era um jovem coadjuvante de 19 anos, agora em 2022 virou o dono do time, de arrogância juvenil insuperável. Um jogador espetacular para quem a velocidade associada à força nos cantos do campo é sinônimo de oxigênio, cuja oscilação de corpo, vai, não vai, como fazia Garrincha, é capaz de pôr os adversários humilhados no gramado.

Messi e Mbappé farão da final de domingo 18 um evento do esporte capaz de sobreviver para sempre na memória coletiva. Não poderia haver uma decisão mais interessante e

repleta de significados. As duas seleções, a Argentina e a França, buscam o tricampeonato mundial, o que já seria extraordinário. O futebol é coletivo, e daí sua mágica, mas a força magnética das duas estrelas autoriza um pouco de egoísmo. Messi, a caminho da aposentadoria, coroaria com a taça uma carreira inigualável de 1 002 partidas e 791 gols, antes do derradeiro jogo no Catar, já perto de pendurar as chuteiras, mas de presente indizível e passado glorioso. Mbappé, nessa linha do tempo, é o presente inquestionável de um futuro promissor. O encontro da dupla tem a beleza e a poesia da passagem de gerações.

No Catar, Messi empilhou recordes. Contra a Croácia, fez seu jogo de número 25 em Mundiais — igualando a marca do alemão Lothar Matthäus. Com 26, será o líder isolado. Ele tem onze gols marcados, cinco dos quais agora, e deixou para trás o centroavante Gabriel Batistuta entre os artilheiros da Argentina em Copa, autor de dez tentos. Mbappé também busca quebrar tudo, e sua régua de comparação vai ao céu: Pelé. O brasileiro foi o único com menos de 20 anos a ser decisivo em um torneio vitorioso, o de 1958, e manter o título na edição seguinte — ainda que, em 1962, tenha se contundido na segunda partida, dando lugar ao possesso Amarildo. Mbappé pode repetir a façanha, com sobras. O francês fez treze partidas de Copa até os 23 anos, sua idade atual. Marcou nove gols. Pelé, até os 23, fez seis partidas e sete gols.

Messi desfilou diante dos *hinchas,* e sabe-se lá de onde saíram tantos, em sua versão *à la* Diego Maradona — os ar-



CHORO Neymar, depois da eliminação: 34 anos em 2026

"PARECE UM PESADELO"

Por trás do choro incontido no estádio Education City, depois da eliminação contra a Croácia, pelas quartas de final, Neymar se questionava, como 214 milhões de bra-

sileiros: por que havia sete jogadores no ataque faltando quatro minutos e com o placar favorável? O contra-ataque croata, que levou a decisão para as penalidades, é uma daquelas feridas de nosso cotidiano da bola que levam tempo para cicatrizar (aliás, de quem mesmo foi a culpa do gol do uruguaio Ghiggia em 1950?).

A seleção chegou ao Catar como favorita. Ainda que o desempenho não tenha sido brilhante, longe disso, a defesa firme e os gols plásticos, como o voleio de Richarlison na estreia, permitiram alguma esperança. Uma avalanche de erros, contudo, sobretudo do técnico Tite, levou o escrete a uma saída embaraçosa, com requintes de crueldade – o único chute croata em 120 minutos ainda desviou em Marquinhos antes de entrar. Foi a quarta eliminação nas quartas desde o penta em 2002, todas para europeus.

Atordoado, Neymar, que pouco antes do baque marcara um golaço no primeiro tempo da prorrogação, igualando o recorde de Pelé (77 gols pela seleção), não garantiu que voltará a vestir a amarelinha. “Preciso pensar, parece um pesadelo”, disse. Justiça seja feita: ele jogou bem, deixou imagem melhor do que na Copa da Rússia, no tempo do cai-cai. Mas foi insuficiente. Em 2026, Neymar terá 34 anos e o time igualará seu maior jejum: 24 anos sem a taça.

gentinos adoraram quando ele disse nervoso "*¿Qué mirás bobo? Andá p'allá*" ("Está olhando o que, bobo? Vai para lá") ao centroavante holandês que o encarava na entrada do vestiário, apenas para pedir a camisa do craque. A casca maradoniana do garoto que saiu de Rosário aos 13 anos para Barcelona, e sempre pareceu mais catalão, foi um modo de anunciar com estrondo que a hora tão sonhada, a de chegar ao patamar do *El Diez*, morto há dois anos, está chegando — e na mercurial Argentina essa condição é muita coisa.

Se for campeão do mundo, mas é preciso que seja, Messi entrará em um rol seletíssimo, acima do qual só aparecerá Pelé. Mbappé, bicampeão, ficará gigante. Instado a comentar a Copa realizada por Messi, um outro Lionel, o treinador Scaloni, não tem dúvida de pô-lo no papel de o maior da história. "É emocionante vê-lo jogar. Cada vez gera algo diferente aos companheiros, ao povo, não somente aos argentinos. É uma sorte que ele esteja no nosso lado", disse. O técnico francês Didier Deschamps, provocado a explicar por que decidira entrar com reservas na derrota contra a Tunísia, na fase de grupos, levando ao banco até *Le Dix*, ironizou, a seu jeito aparvalhado: "Mbappé não tem ego".

Qualquer que seja o resultado do Lusail, na primeira Copa do Oriente Médio, na qual o Marrocos serviu de ímã para o nacionalismo árabe do Islã, o mundo conhecerá um novo rei do futebol. Em janeiro Messi e Mbappé se reencontrarão nos vestiários do PSG — diante do olhar sem graça de Neymar, que não chegou lá. ■

AVANÇOS EM XEQUE

Um movimento puxado pelos Estados Unidos, mas que se alastra pelo mundo, quer restringir e revogar direitos adquiridos pela comunidade LGBT

AMANDA PÉCHY E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



PERIGO Manifestação em Washington: a Suprema Corte deve aceitar discriminação em nome da liberdade de expressão

KENT NISHIMURA/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

QUANDO a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu, em junho, reverter a decisão de 1973 que legalizou o direito ao aborto no país, o juiz Clarence Thomas, porta-estandarte da ala conservadora que hoje detém folgada maioria de 6 a 3 no tribunal, avisou que outros precedentes seriam reavaliados e citou especificamente a sentença de 2015 que legalizou o casamento gay — segundo ele, uma "ficção legal". Dito e feito: a Suprema Corte acaba de iniciar o julgamento de um caso que tem tudo para reabrir a comporta das discriminações generalizadas contra a comunidade LGBTQIA+ — e nem a Lei de Respeito pelo Casamento recém-aprovada pelo Congresso e sancionada por Joe Biden é garantia certa de que os notáveis avanços nessa área não estarão comprometidos. O retrocesso nos Estados Unidos é mais retumbante, pela posição que o país ocupa, mas a onda conservadora contra os direitos de lésbicas, gays e pessoas trans se espalha pelo planeta e ameaça engolfar até o Brasil.

O caso em análise na Suprema Corte começou pequeno, no Colorado, quando a designer de sites Lorie Smith, antes mesmo de abrir sua empresa 303 Creative, entrou na Justiça para garantir preventivamente o direito de rejeitar clientes LGBTQIA+ porque, se o fizesse, teria de contrariar sua fé evangélica. O pleito foi rejeitado em todas as instâncias inferiores, mas tudo indica que será acatado no tribunal máximo — a decisão é esperada para junho — com base na célebre Primeira Emenda da Constituição, que trata da li-



ARQUIVO PESSOAL

CASAMENTO APRESSADO

A festa sonhada por Larissa Teixeira e Isabelle Souza foi trocada por uma cerimônia rápida no cartório. "Nunca foi fácil ser homossexual no Brasil, mas os discursos preconceituosos nos aterrorizaram", diz Isabelle.

berdade de expressão. "Isso imediatamente abrirá o leque para que outros negócios se recusem a atender pessoas LGBTQIA+", explica Paul Collins, professor de direito da Universidade de Massachusetts. O efeito cascata do retrocesso, no entanto, tem potencial de muito maior amplitude. "Um juiz de primeira instância, analisando a abordagem do Supremo, pode rejeitar o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, criando a janela para o caso chegar à última instância e também ser revogado", diz.

Pesquisa recente mostra que 71% dos americanos aprovam o casamento gay, aceitação que colaborou para que o Congresso, rachado ao meio em todos os assuntos, aprovasse a lei bipartidária de reforço do acesso à união civil entre pessoas do mesmo sexo. Ela provavelmente vai ser contestada na Justiça nos estados conservadores. "A resistência de tanta gente às mudanças vertiginosas no mundo revela que as pessoas estão hoje mais vulneráveis ao apelo sedutor de demagogos que dizem defender valores tradicionais", afirma Michael Klarman, historiador da Universidade Harvard.

O sermão é replicado em todas as nações impactadas pela nova direita que se disseminou nos últimos quinze anos. No comando da Hungria desde 2010, Viktor Orbán, sob a bandeira de "valores da família", proibiu a adoção de crianças por casais do mesmo sexo e aprovou uma lei que equipara a homossexualidade à pedofilia. Na Polônia, o governo nacionalista cristão classificou os direitos LGB-

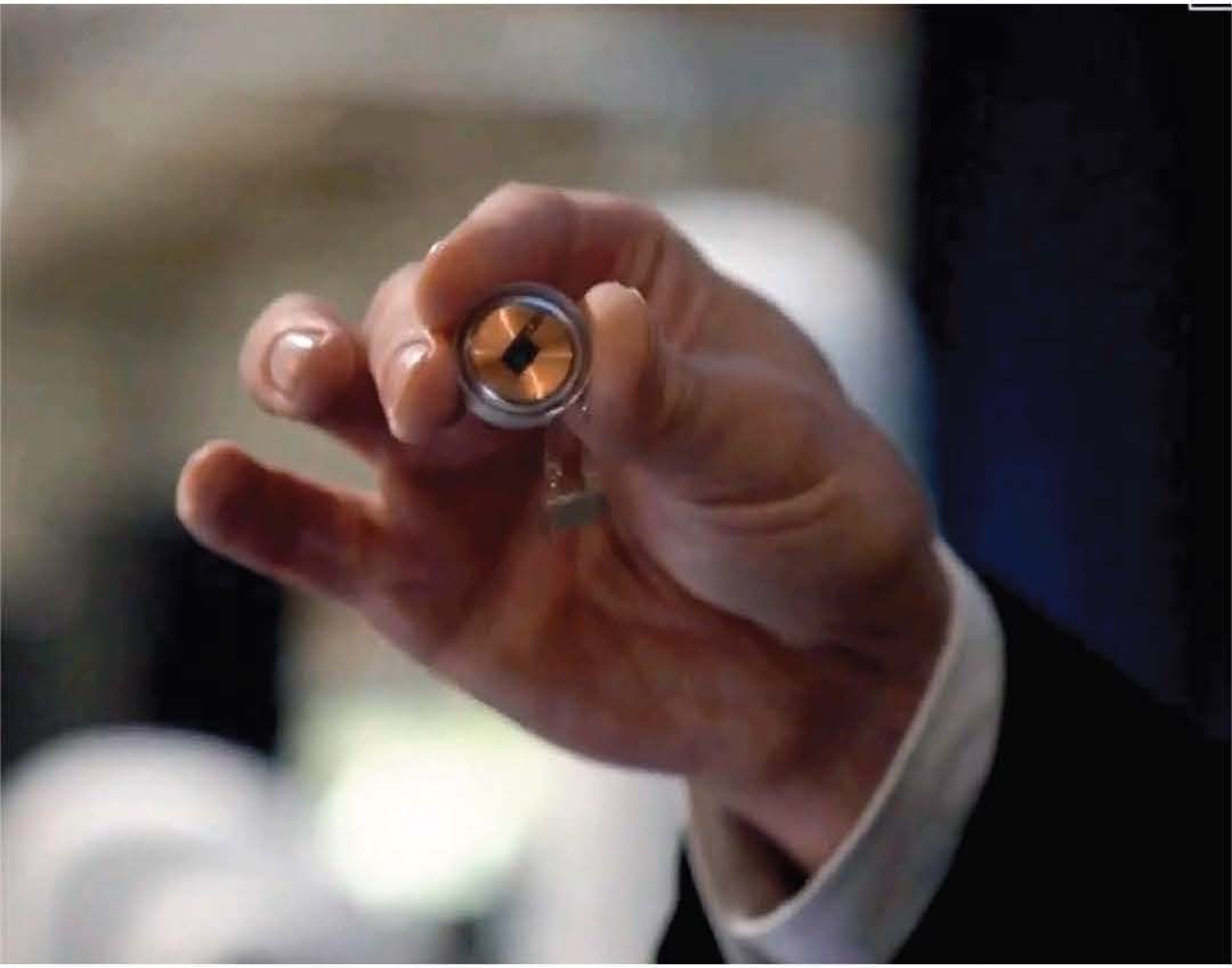
TQIA+ de “ideologia subversiva” e criou mais de 100 zonas onde é proibido ser abertamente gay. Na Rússia, o Parlamento ampliou uma lei de 2013 contra o que chama de “propaganda LGBT” para autorizar voz de prisão a quem quer que afirme que ser gay é “normal”. Eleitos em votações recentes, a neofascista italiana Giorgia Meloni nomeou como líder da Câmara seu guru ideológico, anti-homossexuais e antiaborto, enquanto em Israel o líder de um dos partidos da coalizão vencedora se declara “orgulhosamente homofóbico”. O tom de discriminação permeia o debate de questões efetivamente delicadas, como a inclusão da temática gay em livros infantis e o papel dos atletas trans nos esportes.

No Brasil, a pauta de valores tradicionais defendida sobretudo pela bancada evangélica mira aprovar o Estatuto da Família, projeto de lei que pretende estabelecer que o núcleo familiar é formado necessariamente por um homem e uma mulher — reação à histórica decisão de 2011 do Supremo Tribunal Federal que garantiu direitos a casais do mesmo sexo. Preocupadas com as ameaças, a fisioterapeuta Larissa Teixeira, 27 anos, e a estudante de direito Isabelle Souza, 28, optaram por ir a um cartório oficializar sua união civil. “Deixamos os planos românticos de lado e fomos garantir nossos direitos”, desabafa Isabelle. Após anos de avanços, a comunidade LGBTQIA+ convive, em boa parte do mundo, com a nuvem sombria do retrocesso pairando sobre seu futuro. ■

CABEÇA A MIL

Elon Musk diz que implante cerebral criado por sua empresa ajudará pacientes com limites de locomoção. Cientistas pedem cautela e garantem que isso não é novo

ALESSANDRO GIANNINI



MINIATURA O implante da Neuralink: busca por um aparelho compacto, sem fios e potente para evitar traumas cerebrais

NEURALINK/AFP

DIANTE DE TUDO com que tem de lidar ultimamente, surpreende a resiliência de Elon Musk e sua irrefreável disposição de se enroscar em controvérsias. Depois de comprar o Twitter e desagradar a milhões de usuários com seus planos para a rede social, o dono da Tesla e da SpaceX — dois de seus negócios de melhor desempenho até o momento — quer agora impulsionar a Neuralink, empresa de neurotecnologia que fundou em 2016 com oito sócios. No fim de novembro, o bilionário fez a apresentação dos resultados de um ambicioso projeto desenvolvido na companhia sediada em São Francisco, nos Estados Unidos. Nela, mostrou o que um implante cerebral seria capaz de realizar.

Na experiência, os aparelhos miniaturizados foram instalados no topo do crânio de dois macacos de laboratório, com eletrodos que penetram cerca de 3 milímetros no córtex, a camada externa do cérebro. Os animais teriam conseguido mover cursores de computador usando estímulos elétricos dos neurônios e a interface digital. Embora trazido aos holofotes com grande estardalhaço por seu promotor, esse tipo de conquista não é exatamente inédito. A literatura acadêmica mostra estudos anteriores, como o conduzido em 2006 pelo neurocientista americano Leigh R. Hochberg, da Universidade Brown, ligando pacientes a suas próteses neuromotoras por meio de cabos.

Na verdade, nem é preciso ir tão longe, já que aqui mesmo, no Brasil, o médico Miguel Nicolelis, que criou o primeiro exoesqueleto controlado pela mente — o aparelho foi

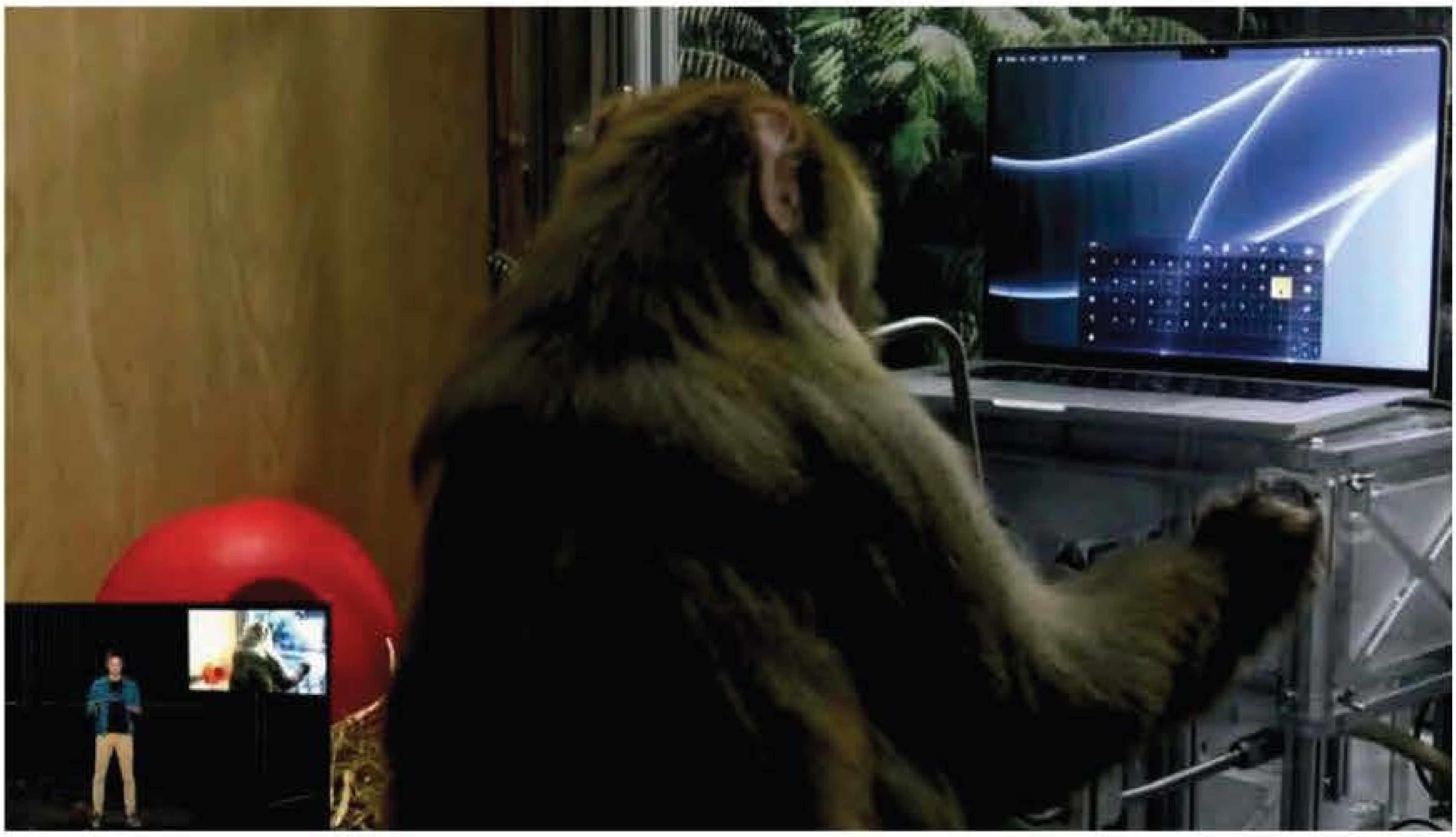
demonstrado em plena arena do Corinthians antes do jogo de abertura da Copa de 2014 —, havia participado de pesquisas semelhantes. Naquele mesmo ano, Nicolelis assinou com outros cientistas um estudo divulgado na revista *Nature Methods* com a descrição dos resultados práticos das interfaces cérebro-máquina testadas por macacos. Em entrevistas recentes a publicações americanas, o pesquisador brasileiro não economizou críticas a Elon Musk e seu projeto na Neuralink: “Ele vende coisas que já foram inventadas antes e tenta dizer que fez algo incrível”.



JIM WATSON/AFP

NO PALCO Apressado: Elon Musk quer testar o sistema em humanos

A Neuralink, de fato, não está sozinha na empreitada. Outra companhia americana, a BrainGate, desenvolve desde o início dos anos 2000 um sistema de implante cerebral projetado para ajudar pacientes com esclerose lateral amiotrófica (ALS) e lesão medular espinhal que perderam o controle de membros ou outras funções corporais. Implantado no encéfalo, o aparelho monitora a atividade cerebral do paciente e converte a intenção do usuário em ordens para o computador. No início do ano passado, tornou-


NEURALINK

EXPERIÊNCIA Macaco com implante cerebral: nada de novo no horizonte

se a primeira tecnologia a transmitir comandos sem fio de um cérebro humano para um computador. De acordo com registros, o teste clínico utilizou dois participantes com lesões na medula espinhal.

O problema a ser superado, explicam os especialistas, é criar um implante tão pequeno, maleável e potente que não dê margem a traumas no cérebro. O que a Neuralink está tentando é justamente superar essa barreira. "São meros miniaturizadores", diz o professor Mario Gazziro, da Universidade Federal do ABC e respeitado estudioso do assunto. "Não estão trazendo nada de realmente novo da academia para o mercado." Entre 2010 e 2017, o pesquisador fez parte de um consórcio científico que testou uma inédita interface neural.



REPRODUÇÃO

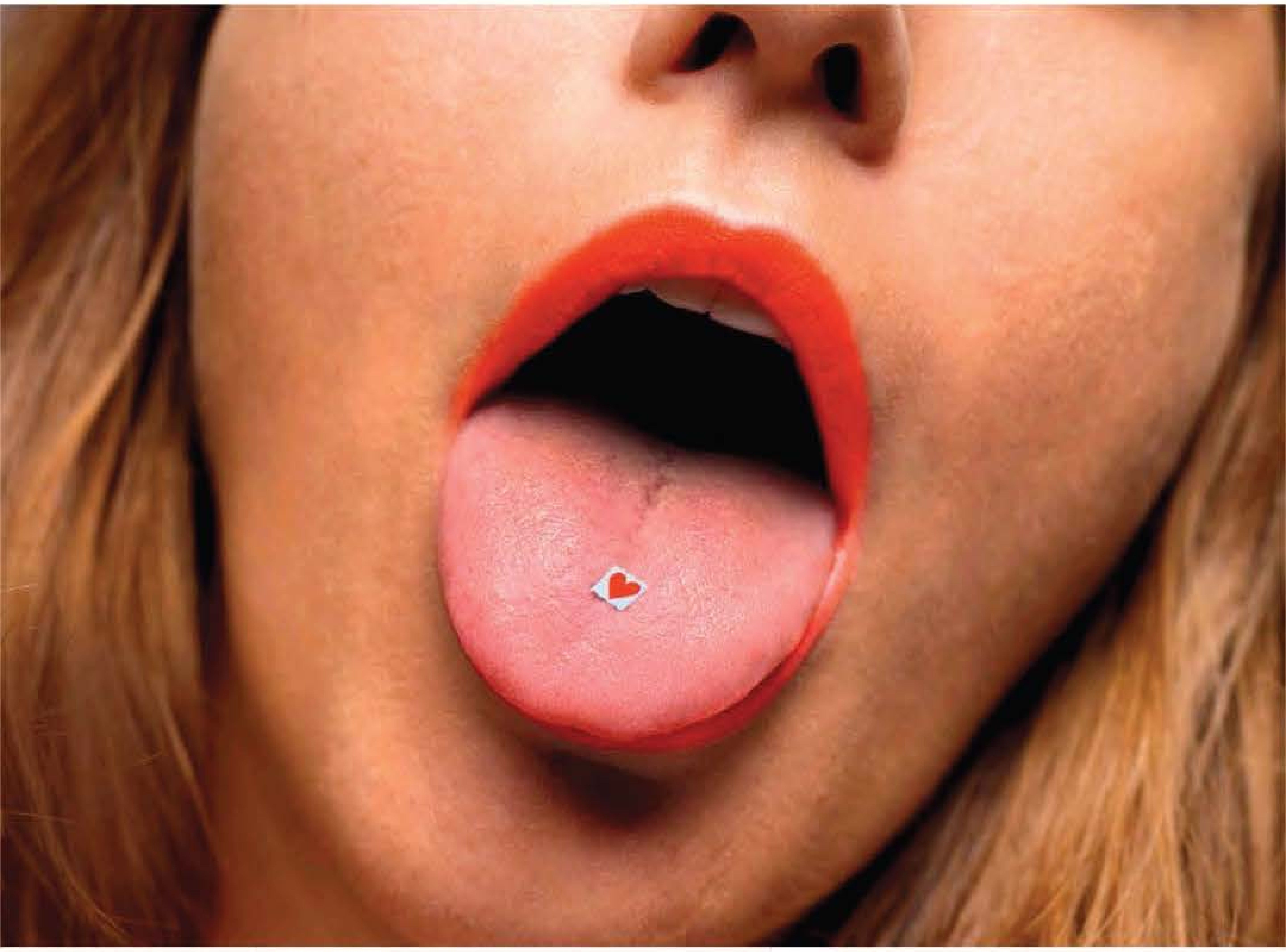
COPA DE 2014 Exoesqueleto de Miguel Nicolelis: acionado pelo poder da mente

Por diferentes razões, a Neuralink e Musk se encontram na mira da comunidade científica, de empresas tecnológicas envolvidas em pesquisas parecidas e até de organizações que lutam por direitos dos animais. A empresa está sob investigação federal por supostas violações de bem-estar dos macacos em meio a reclamações internas de que os testes estão sendo apressados e, portanto, insuficientes para comprovar a eficácia dos implantes. Além disso, o sistema não tem aprovação da agência sanitária e alimentícia americana, a Food and Drug Administration (FDA), nem para realizar testes clínicos em humanos, nem para a venda do dispositivo. O empresário disse há alguns dias que deu entrada nos papéis para acelerar o processo. Toda cautela, no entanto, é necessária, uma vez que se trata de servir à saúde das pessoas e não à vaidade do polêmico empresário. ■

EMBALOS DE SÁBADO À NOITE

Depois de agitar os loucos anos 1960, o LSD, droga que se infiltra ilegalmente no país, voltou às pistas de casas noturnas impulsionado pela busca de prazer

DUDA MONTEIRO DE BARROS



TERCEIRA ONDA Viagem: o alucinógeno dos hippies voltou nos anos 1990 e ressurge de novo

PETER DAZELEY/PHOTODISC/GETTY IMAGES

ELE ATENDE por diversos nomes: gota, doce, ácido. O mais conhecido, porém, sempre foi e continua sendo LSD, abreviação em inglês de dietilamida do ácido lisérgico, um dos alucinógenos mais potentes já concebidos. A droga foi criada em laboratório pelo químico suíço Albert Hofmann em 1943 e, devido a seu potencial de expansão da consciência, logo passou a ocupar lugar de destaque no receituário de psiquiatras e psicanalistas, impressionados com os efeitos do uso terapêutico no tratamento dos problemas da mente. Daí para a pura e simples experiência psicodélica foi um passo, desencadeando as "viagens" na qual, de tempos em tempos, os jovens, principalmente, embarcam em bando.

A primeira grande onda de consumo de LSD ocorreu na década de 60, quando o ácido virou símbolo do movimento de contracultura nos Estados Unidos e droga inspiradora de ídolos musicais — John Lennon dizia que *Revolver* era o "álbum ácido" da banda. A segunda foi registrada nos anos 1990, quando tomou conta das pistas embaladas por música eletrônica nos clubes noturnos. Agora, dá-se o terceiro retorno — LSD ou similares movem as raves moderninhas das grandes cidades em diversos cantos do mundo, Brasil inclusive.

Como parte integrante desse movimento, pesquisadores ligados ao Instituto de Criminalística de São Paulo, à USP e à Unicamp chamam a atenção para a apreensão no Brasil, pela primeira vez, de ALD-52, uma pró-droga — assim chamada porque ela só se transforma em LSD de-


DUDA MONTEIRO DE BARROS

AMBIENTE Festa no Rio de Janeiro: bebida, ácido e pelo menos mais uma droga

pois de metabolizada pelo fígado. "A pró-droga contém pequenas modificações químicas que evitam sua inclusão automática na lista de lisérgicos proibidos pela Anvisa. Ela é feita para burlar a lei", explica o perito criminal Luiz Neves, autor do estudo sobre sua presença no país publicado na *Forensic Science International*. Nesta terceira onda lisérgica, o alucinógeno embebido em tiras de papel altamente absorvente que dissolve na boca — e que tem exatamente as mesmas propriedades alucinatórias do ácido convencional, mas demora um pouco mais para agir e é cerca de 20% menos potente — só havia sido detectado no Japão, no Reino Unido e na França.

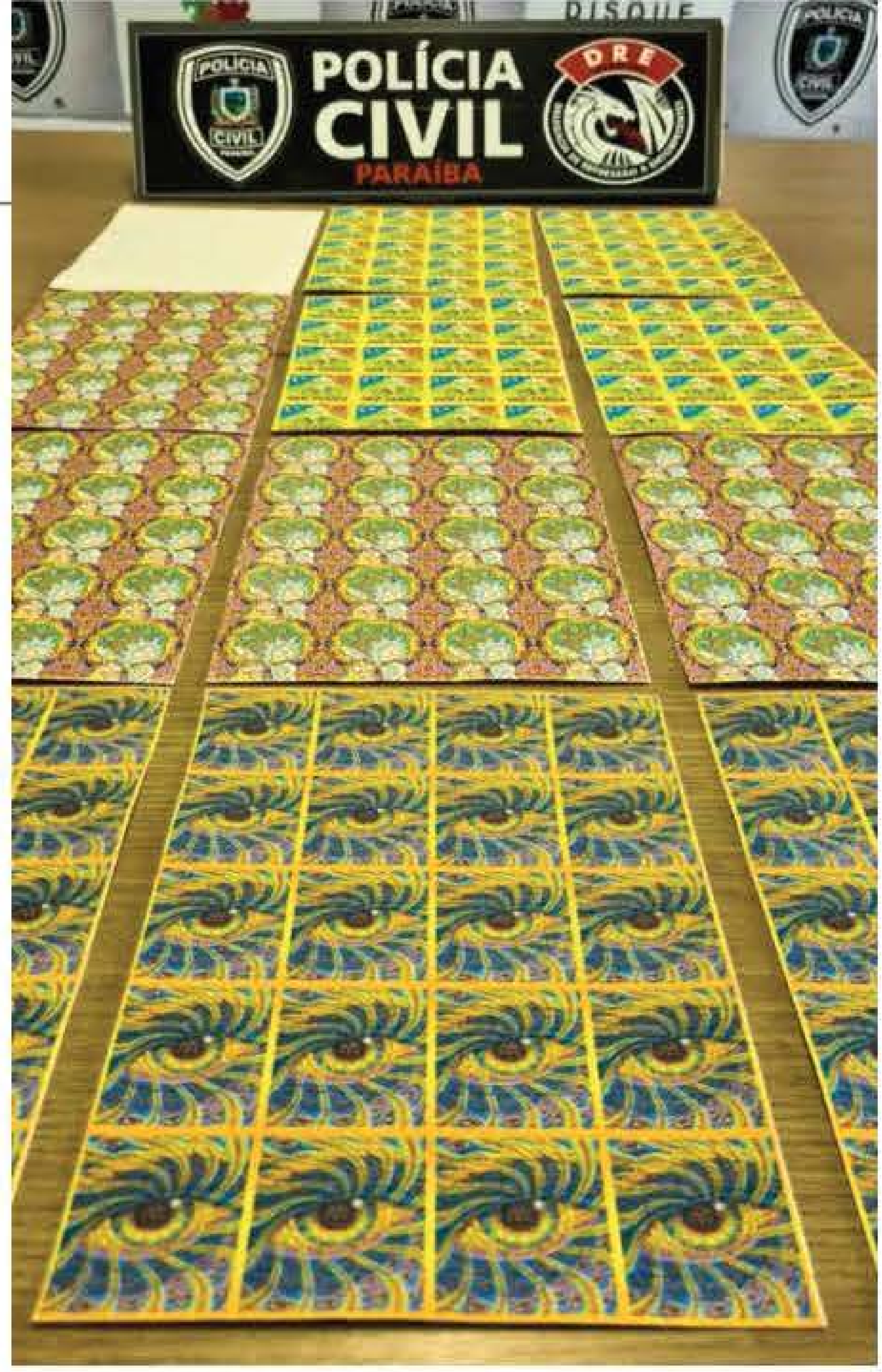
De acordo com o Relatório Mundial sobre Drogas da ONU, cerca de 275 milhões de pessoas, a maior parte jovens, passaram a consumir álcool, drogas ou os dois no ano passado, mais uma deletéria consequência do enclau-

suramento, do tédio e do estresse provocados pela pandemia de Covid-19. Suspensas as barreiras contra aglomerações, a busca frenética pela sensação de liberdade estimulou a demanda por alucinógenos como o LSD, que altera as conexões neurais e a percepção de tempo e espaço, produzindo delírios e sentidos exacerbados — propriedades apregoadas como benéficas pelo psicólogo americano Timothy Leary, o guru da contracultura que defendeu a vida toda a liberação do ácido.

A reportagem de VEJA esteve em uma festa na região central do Rio de Janeiro, para ver de perto como funciona a diversão movida a ácido. Em ambiente escuro, com pontos de luzes vermelhas e efeitos de fumaça, pessoas das quais é impossível enxergar o rosto com clareza se movem em torno de um pequeno palco, onde um DJ toca música eletrônica compassada. A bebida, comprada no local, em geral é consumida junto com no mínimo duas substâncias ilícitas. "Costumo misturar álcool, LSD e maconha na mesma noite. Sou muito atraído pelo afloramento sensorial provocado pelo doce", conta um publicitário carioca de 31 anos que não quis se identificar.

A combinação de substâncias é justamente o maior risco para a saúde. "Existe uma cultura de abuso nas festas, onde não se pode mostrar fraqueza. Muitos jovens nem sabem o que estão ingerindo e podem ter uma intoxicação grave", alerta o psicólogo Sandro Rodrigues, diretor da Associação Psicodélica do Brasil. O fato de o "doce" ser

proibido no Brasil também aumenta a chance de ele ser adulterado, abrindo a possibilidade de ocorrência de paranoias, crise de pânico e até surtos psicóticos. A estudante paulista L.H., 23 anos, admite que adquire o ácido “na cara e na coragem” — paga em média entre 50 e 100 reais pela dose, sem nenhuma garantia de pureza. “Já tive uma experiência terrível em que senti que estava enlouquecendo”, lembra L., que mesmo assim segue consumindo LSD em festivais de música.



POLÍCIA CIVIL PB

PRIMEIRA VEZ Pró-droga apreendida no Brasil: em papel

Não é só em rave que o ácido lisérgico retoma sua primazia. Estudos recentes apontam resultados promissores de seu uso no tratamento de depressão, ansiedade e outros distúrbios e parte da comunidade científica defende a ideia de que o psicoativo — desde 1971 na lista de substâncias prejudiciais das Nações Unidas — volte a ter utilidade terapêutica. “Estamos diante de uma nova fase da discussão sobre o ácido, que ficou por anos a fio debaixo do pano”, diz Henrique Carneiro, historiador social especialista em drogas. Por ora, todo o cuidado é pouco. ■



O PRIMEIRO
Substituição: o Gol nasceu para ocupar o lugar do Fusca nas ruas

PÉ NO FREIO

Símbolo de carro popular, o Gol chega ao fim da linha após reinar por quatro décadas e testemunhar os altos e baixos do mercado automobilístico nacional

ALESSANDRO GIANNINI

VOLKSWAGEN DO BRASIL



O ÚLTIMO

Gol Last Edition: apenas
1000 unidades para a despedida

FORAM 42 anos muito bem vividos, que abarcaram os altos e baixos da vida nacional e, principalmente, as transformações do mercado automobilístico brasileiro. Após três gerações e mais de 8 milhões de unidades vendidas, o Gol vai sair de cena distante do conceito de carro popular do qual foi por muito tempo símbolo. Em sua trajetória, o compacto da Volkswagen não apenas substituiu o icônico Fusca, objetivo original do projeto da montadora, como superou o Uno, da Fiat, e o Chevette, da Chevrolet, na pre-

VOLKSWAGEN DO BRASIL

QUARENTÃO APOSENTADO

A trajetória do automóvel que teve 8 milhões de unidades fabricadas no país



1980

A Volks iniciou na fábrica de Taubaté a produção do Gol Geração I com motor 1.3

FOTOS VOLKSWAGEN DO BRASIL

ferência dos brasileiros. Com as sucessivas inovações tecnológicas dos concorrentes e as mudanças na legislação automotiva, muitas delas motivadas por segurança, o modelo, contudo, acabou se tornando inadequado aos dias de hoje. Agora, prepara-se para se despedir do mercado.

Oriundo do projeto BX, de meados dos anos 1970, o Gol teve como inspiração o Scirocco europeu. Suas primeiras edições eram dotadas de motor refrigerado a ar, uma herança do barulhento Fusquinha. Depois do lança-



1984

Chegou ao mercado o Gol GT, com motor 1.8

mento, em 1980, os propulsores foram adaptados e modificados para mitigar — aliás, sem muito sucesso — problemas sonoros, de vibração, desempenho e economia de combustível. Até que, em 1986, seriam substituídos pela geração AP, sigla para alta performance, que foi revolucionária e ajudou a sedimentar a marca na posição de protagonista em um nicho restrito a poucos fabricantes. O modelo só começaria a sentir o peso dos anos a partir de 2013, quando chegou uma nova geração de veículos,



1989

O Gol GTi foi o primeiro carro com injeção eletrônica desenvolvido no Brasil

com o HB20, da Hyundai, o Onix, da Chevrolet, e o Etios, da Toyota.

Historicamente, a prevalência do Gol não teve paralelo na indústria nacional. Sua popularidade sempre o credenciou como plataforma de lançamento de novas tecnologias. Em 1984, o Gol GT foi um dos primeiros carros do mercado com motor 1.8. Cinco anos mais tarde, o GTi debutaria a injeção eletrônica fabricada no país. No início dos anos 2000, o Gol TotalFlex passou a ser o primeiro veículo com motor



2003

O Gol TotalFlex inovou ao introduzir o motor flex

2018

Começou a produção do Gol com transmissão automática

flex, adaptado para rodar tanto com álcool quanto com gasolina. As inovações, porém, não foram suficientes para garantir ao carro a perenidade que a Volkswagen esperava.

O ciclo do Gol chegou ao fim por uma série de razões. Entre elas, destaca-se a incapacidade de modernizar o desenho antigo e mantê-lo competitivo do ponto de vista de produto, de atualização tecnológica e de custos. “Há um momento, então, que é preciso fazer a substituição, assim como ocorre em todos os outros modelos, que têm vida útil definida”, afirma Flavio Padovan, que já foi vice-presidente da Volkswagen e atualmente trabalha como analista da área. “Como se trata de uma marca forte, é muito provável que a Volks volte com ela em um novo produto e um novo segmento”, aposta Cassio Pagliarini, consultor da Bright Consulting.

Antes de tirar os pneus da estrada, o modelo ainda ganhou uma última encarnação — o Gol Last Edition, que será vendido apenas na cor vermelha e com detalhes em preto, é uma edição limitada a 1 000 unidades, das quais

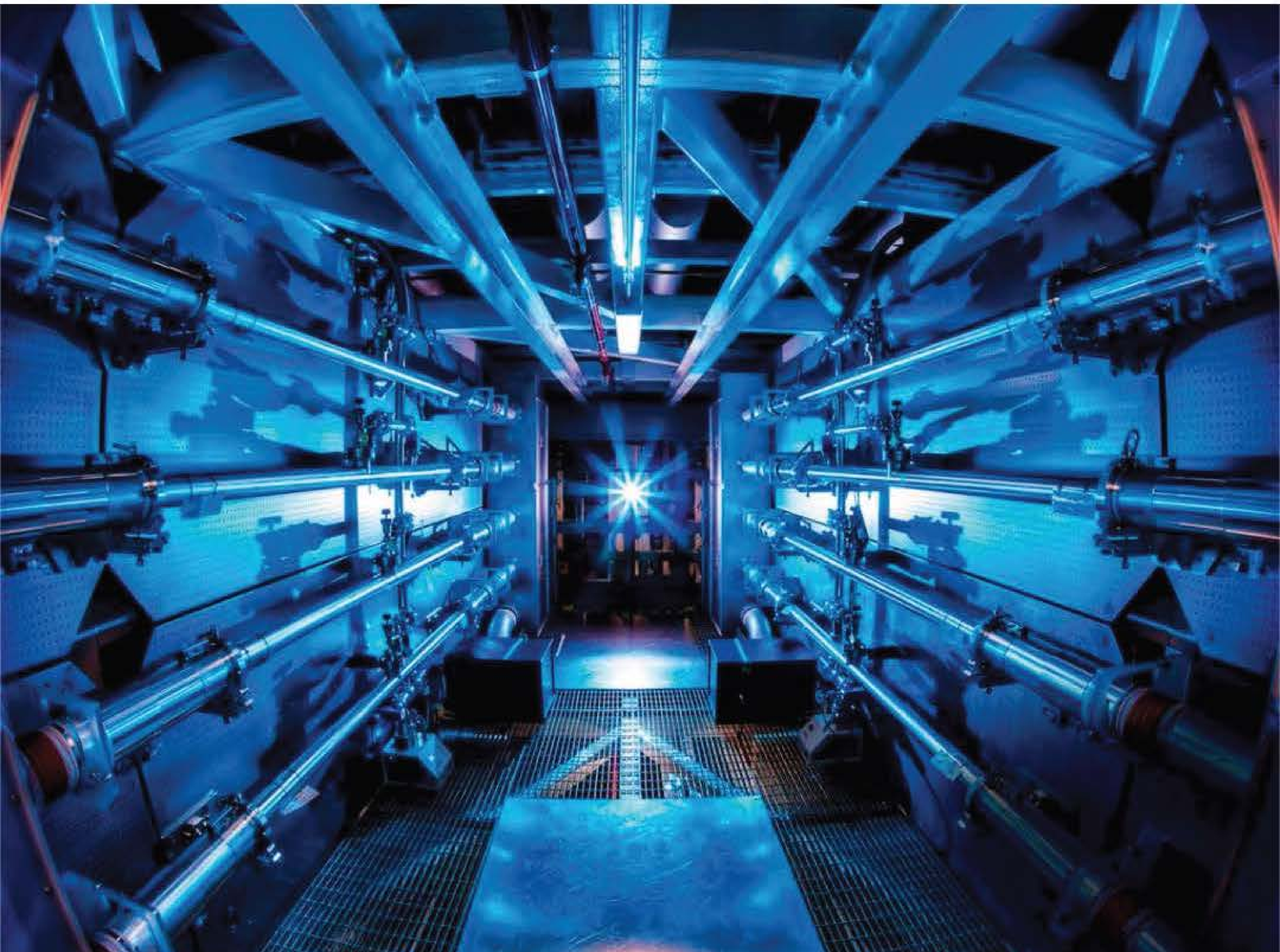
2022

A Volks lançou o Gol Last Edition, edição numerada e limitada a 1000 unidades

650 serão destinadas ao mercado interno e 350 à América Latina. Uma delas, a de número 42, foi vendida por meio do leilão de um NFT *(non-fungible token,* na sigla em inglês) e atingiu o surpreendente valor de 154 000 reais. O canto do cisne do modelo teve direito ainda a uma barulhenta campanha publicitária de inspiração futebolística, estrelada por um jogador aposentado, o ex-centroavante Fred, e uma atleta em ascensão, a atacante Gio Queiroz. A metáfora não poderia ser mais coerente: assim como eles, o carro da Volks marcou um gol de placa na história da indústria automotiva brasileira. ■

ENERGIA DE SOBRA

Cientistas reproduzem em laboratório o processo de fusão nuclear em experimento de resultado inédito que pode abrir frentes para livrar o planeta da emissão de poluentes **ANDRÉ SOLLITTO**



ILUMINADO Laboratório Lawrence Livermore: experimento inédito replicou fenômeno solar

DAMIEN JEMISON/LLNL/NNSA

UM VELHO DITADO diz que grandes feitos começam com pequenos passos. Há alguns dias, pesquisadores do Laboratório Nacional Lawrence Livermore, na Califórnia, levaram a máxima ao extremo. Depois de extenuantes tentativas, eles produziram, através do processo conhecido como fusão nuclear, energia suficiente para aquecer dez chaleiras de água. O movimento, sob olhar leigo, parece banal e pouco digno de nota. Para a ciência, contudo, trata-se de façanha extraordinária e inédita. Jamais algo nem sequer semelhante havia sido realizado. Mais do que isso: a descoberta tem potencial para transformar a vida na Terra e assegurar a longevidade do planeta. A fusão nuclear gera energia limpa e praticamente ilimitada, o que significaria o fim das emissões de gases causadores do efeito estufa e a redução drástica do uso de recursos naturais para a fabricação de combustíveis. Seria, enfim, uma revolução sem precedentes na indústria energética.

A experiência realizada no laboratório americano replicou o fenômeno que dá origem à força do Sol. De maneira simplificada, ele consiste na colisão de dois átomos de hidrogênio que, unidos, resultam num átomo de hélio. O processo libera energia, que, em grande escala, é capaz de iluminar um planeta como a Terra. Para simular as condições encontradas na estrela, os cientistas usaram lasers de altíssima potência, que aqueceram os átomos e provocaram a desejada fusão. Os testes foram concluídos quando a água das chaleiras ficou quente — a fusão nuclear estava,



AO SABOR DO VENTO Geração eólica: no Brasil, opção atrás só das hidrelétricas

portanto, definitivamente comprovada. "Pesquisas na área são feitas há setenta anos, mas esta é a primeira vez que o saldo é positivo", afirma Gustavo Canal, professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

No campo da física nuclear, os cientistas já dominam há muito tempo o método conhecido como fissão, em que a liberação de energia ocorre a partir da quebra de um átomo pesado em outros menores. Nesse caso, porém, há grande produção dos temidos rejeitos nucleares. Na fusão, isso não acontece, o que a torna mais segura do que o processo adotado, por exemplo, em usinas como Angra 1 e 2, no Rio de Janeiro. A inovação trazida pelo Lawrence Livermore poderá causar impacto em outras áreas, como a



AIRBUS

SEM EMISSÕES Airbus ZEROe:
o protótipo usa turbinas movidas a hidrogênio

produção de hidrogênio verde. O combustível limpo, aplicável até na aviação, precisa de energia para ser produzido, e a fusão nuclear seria o caminho perfeito para isso. “Com ela, nós não seríamos tão dependentes de derivados de petróleo, eliminaríamos a emissão de carbono e reduziríamos o impacto ambiental”, explica o físico Euclydes Marega Jr., um dos coordenadores do Grupo de Óptica do Instituto de Física de São Carlos.

A geração de energia por fusão nuclear, no entanto, ainda está distante de ser amplamente adotada. Para tal, seria preciso manter o processo de fabricação por períodos suficientemente longos e, assim, abastecer estações de energia — iniciativa que exige investimentos proibitivos que nenhum governo ou empresa estaria disposto a

bancar. Enquanto os especialistas não resolvem a equação financeira, outros métodos de geração de energia limpa avançam. O Brasil, aliás, é protagonista nesse campo. No país, as turbinas eólicas são a segunda fonte mais usada, atrás apenas das usinas hidrelétricas. A aviação está entre os setores que prometem reduzir consideravelmente as emissões nos próximos anos. O biocombustível já é uma realidade nos céus do planeta. Feito a partir de resíduos agrícolas, baixa os níveis de poluentes em 80% e não requer adaptações nas aeronaves. Embora tenha sido aprovado para aplicação em voos comerciais em 2011, ele não representa sequer 1% de todo o combustível utilizado no ramo. A meta é chegar a 2% até 2025 e zerar as emissões em quatro décadas. A fusão nuclear e outras tecnologias limpas certamente farão o mundo respirar um pouco mais aliviado. ■

Colaborou Marilia Monitchele



CINCO-ESTRELAS SOBRE ÁGUAS

Luxuosas redes hoteleiras começam a espetar suas bandeiras em embarcações que cruzam mares e oferecem experiências cheias de paparicos e vistas deslumbrantes **SIMONE BLANES**

CHRISTOPHER CYPERT



QUANDO o poeta português Fernando Pessoa escreveu que navegar era preciso, noutro tempo e contexto, jamais imaginaria que singrar os sete mares seria um dia possível a bordo de embarcações onde se agitam bandeiras de alguns dos hotéis mais luxuosos do planeta. Pois essa é uma nova fronteira aberta por grifes que primam por mimos e sofisticação, agora oferecidos sobre águas que cortam paisagens paradisíacas e inalcançáveis a pé ou de carro. "Se uma pessoa está acostumada a se hospedar em uma determinada rede, ela o faz em todos os lugares do mundo. No mar, não será diferente", diz Ilan Wallach, sócio da GSP Atlanta Travel e integrante do

Grupo Virtuoso, composto de agências de viagens especializadas no turismo de alto luxo.

Marcas como Ritz-Carlton, Four Seasons e Belmond estão investindo firme na nova modalidade. O Ritz-Carlton, pioneiro na área, pôs para flutuar em outubro o Evrima, um aquático hotel cinco-estrelas de 623 pés projetado pela empresa de arquitetura sueca Tillberg. Com capacidade para 298 passageiros, o navio de design elegante e contemporâneo possui 149 suítes dúplex com terraço privativo e janelas do chão ao teto que proporcionam estonteante vista panorâmica. Além dos equipamentos esperados — piscina, boate, adega —, o barco conta com um restaurante comandado pelo chef Sven Elverfeld, do restaurante alemão Aqua, condecorado com três estrelas Michelin. A experiência no atendimento é a mesma oferecida em qualquer uma das unidades do Ritz-Carlton, o que inclui um concierge pessoal para pedidos que podem oscilar de um café à organização de excursões em terra.

Os preços partem de 33 000 reais para uma semana de flutuação no bem-bom e variam de acordo com o roteiro. As primeiras viagens foram de Barcelona, na Espanha, a Nice, na França, com paradas em portos menores que as linhas de cruzeiro convencionais não conseguem atender — entre elas, Mykonos, na Grécia, Saint-Tropez, na França, e St. Barths, no Caribe. O grupo apostará ainda em dois navios um pouco maiores, cada qual com 228 suítes, previstos para estar em plena atividade até 2025.





LES BATEAUX BELMOND

BELMOND

Suítes: 2 a 3
Capacidade: 6 hóspedes
Itinerário: região de Champagne, na França

Logo se avistará concorrência em alto-mar, com o ingresso do Four Seasons nesse novo e ascendente mercado. A Four Seasons Yachts dará a partida com três navios que comportarão de 112 a 196 passageiros. A primeira embarcação, de 679 pés, com planos de ser lançada no fim de 2025, vai dispor de catorze deques e 96 suítes personalizadas para satisfazer o gosto de cada tripulante. Com cinco restaurantes, uma piscina na popa e plataformas para criar clubes de praia e uma base para esportes aquáticos, a embarcação possuirá também um enorme deque que abrigará uma sala de cinema ao ar livre e um spa. “Vamos oferecer experiências únicas acompanhadas de serviço incomparável a nossos hóspedes”, promete Christian Clerc, presidente do Four Seasons Hotels and Resorts, ao anunciar a entrada da grife nesse nicho em que se

FOUR SEASONS

Suítes: 96
Capacidade: 112 a 196 hóspedes
Itinerários: Caribe e Mediterrâneo



FOUR SEASONS/DIVULGAÇÃO

vislumbram tantos horizontes. As primeiras rotas se voltarão para as águas esverdeadas do Caribe e o Mar Mediterrâneo.

Pequenos barcos oferecem outro tipo de vivência a bordo, um segmento que será explorado pela bandeira Belmond, parte do conglomerado de luxo LVMH. A ideia ali é ter no cardápio viagens customizadas para grupos reduzidos acomodados em embarcações de duas a seis cabines. Uma delas vai zarpar para a encantadora região francesa de Champagne, serpenteando os rios que a cortam. Sim, aí será preciso caminhar um pouco — e certamente ninguém vai reclamar. O passeio contempla andanças pelos vinhedos e degustação na Maison Ruinart, a mais antiga casa de champanhe do mundo. Depois, é voltar ao barco e se deixar embalar pelo *dolce far niente*. Como se vê, o vocábulo navegar ganhou múltiplos significados. ■

ARQUIVO PESSOAL



ELA RASGOU O MEU ROSTO

A estudante de enfermagem Stefani Firmo, 23 anos, fala do brutal ataque que sofreu em uma viagem de ônibus

QUANDO FALO ÀS PESSOAS da brutalidade da qual fui alvo, todas dizem que nunca viram nada igual. Passei dias sem conseguir dormir direito, tentando assimilar o que tinha me ocorrido, uma violência absolutamente gratuita. A gente até imagina que possa se envolver em um acidente de carro ou ser ferida em um assalto, mas nunca que será atacada sem razão alguma por uma pessoa desconhecida. Foi o que vivi na madrugada de 29 de outubro, enquanto dormia dentro de um ônibus, em uma viagem entre o Recife e Salvador. Eu e uma amiga tínhamos ido fazer uma prova para residência em hospitais na área de enfermagem. Na volta, como o veículo estava bem vazio, aproveitamos para deitar separadas. Com um pouco de dor de garganta, levantei no meio da noite para

pegar um remédio que estava com essa amiga. Nesse instante, reparei que a única pessoa acordada era uma mulher sentada na poltrona bem atrás de mim. Retornei ao meu lugar e deitei com a cabeça junto à janela. Logo senti alguém mexer devagarinho no meu cabelo e o puxei para a frente. Ali, me veio à cabeça a ideia maluca de que poderiam estar tentando cortá-lo. Mas o que me aguardava era bem pior.

Adormeci novamente e aí, de repente, senti um forte impacto no rosto e uma enorme ardência. Ao abrir os olhos, atordoada, não vi nada de anormal. A princípio, pensei que algum objeto tinha se desprendido do interior do ônibus e, por azar, me atingido. Ainda sem entender o que acontecera, fui pedir socorro a minha amiga, enquanto o sangue escorria pelo rosto e encharcava minha roupa. Com o barulho, passageiros começaram a acordar e a oferecer ajuda. Embora eu estivesse aos prantos e em estado de choque, me chamou atenção, mais uma vez, o comportamento da mulher na cadeira de trás. Ela não demonstrou nenhuma reação, permanecia assustadoramente fria diante da confusão. O único momento em que transpareceu certa inquietação foi quando o motorista avisou que ninguém poderia sair e o trajeto seria desviado para uma delegacia. Soube depois que ela ficou vinte minutos trancada no banheiro. Talvez estivesse tentando se livrar do artefato que usou para me ferir. O mais impressionante é que não troquei uma palavra ou um olhar sequer com essa mulher, investigada pela polícia como suspeita.

Na delegacia onde ela prestou depoimento, foram apreendidos em sua bagagem uma faca de churrasco, uma tesoura e um estilete, sob análise da perícia. Um vídeo da câmera instalada no ônibus também flagrou uma movimentação estranha e muito rápida atrás da minha poltrona no exato momento da agressão. Sempre fui vaidosa e adorava tirar fotos. Agora, estou evitando. O objeto usado para me atacar rasgou o meu rosto da altura da boca até quase a orelha. Levei dezoito pontos. Ao ser atendida em uma emergência, ainda desnorteada, fiquei mais assustada quando os médicos disseram que corri grande risco. O corte foi a poucos centímetros da veia jugular. Ela só não conseguiu alcançar meu pescoço porque eu estava enrolada com um cobertor próximo ao rosto. Podia ter morrido por nada.

Estou refletindo muito e tentando superar o que aconteceu, com a ajuda de uma onda de solidariedade que vem de todos os lados. Tenho usado cremes para ajudar na cicatrização e proteger o rosto do sol. Espero estar melhor na minha formatura, em fevereiro. Nasci em São Paulo e vivo com os meus pais e irmãos em Itabuna, no interior da Bahia. Batalhamos por uma vida melhor. Serei a primeira pessoa da família a conquistar um diploma universitário. Sempre sonhei com esse momento e em ajudar pessoas com a minha profissão de enfermeira. Hoje, junto a isso que tanto me move, meu desejo é que seja feita justiça. É o mínimo para reparar essa ferida que carregarei comigo. ■

Depoimento dado a Sofia Cerqueira

CADA VEZ MAIS RARA

A intensificação das ondas de calor e das secas que assolaram neste ano a Europa ameaça de extinção a produção de trufas – e os preços de tão preciosa iguaria disparam **CAIO SAAD**



BUONA TERRA ITALIAN RESTAURANT

SEM IGUAL Carpaccio com lascas de trufa negra: iguaria sazonal

DE AROMA TERROSO e sabor intenso, as trufas são incensadas na gastronomia pelos traços distintos e pela raridade, que faz com que seu preço fure sem dó qualquer teto de gastos. As mais cobiçadas, como a branca da Itália e a "diamante negro" típica da região de Périgord, na França, são colhidas no outono europeu, prestes a terminar, e o tamanho da oferta depende das condições climáticas. Ao contrário dos cogumelos e outros fungos que se desenvolvem na superfície da terra, as trufas crescem junto à raiz de certas árvores, como o carvalho e a aveleira, em ambiente de sombra e umidade — tudo o que a Europa não teve neste ano de calor escorchante. O resultado para a temporada foi uma colheita reduzida de fungos raquíticos, preços ainda mais estratosféricos e a dramática constatação de que o aquecimento global pode vir a decretar a extinção da iguaria.

Para desgosto dos coletores, figuras tradicionais na Itália e na França que guardam a sete chaves a localização das árvores mais propensas a abrigar trufas em suas raízes e que a cada outubro partem, acompanhados de seus cães bem treinados, para a colheita anual, as secas e ondas de calor dos últimos tempos estão impactando o bioma das úmidas florestas europeias e este ano foi especialmente devastador. Os termômetros cravaram 40 graus na Itália, 42 graus em certas áreas da França e 44 graus em Sevilha e Córdoba, na Espanha — juntos, os três países produziram 90% das trufas comestíveis do mundo em



ANDIA/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

SOB AMEAÇA

Coletora de trufas e seu cão treinado: seca e calor ameaçam a produção da iguaria que o chef carioca Gomes *(ao lado)* viajou à Itália para comprar



ARQUIVO PESSOAL

2019. O calor escaldante e a falta de chuvas afetaram o volume de açúcar e água que os fungos retiram das raízes, e o quilo das trufas brancas bateu em 700 euros (quase 4 000 reais), 50% acima da média. "Quando as chuvas diminuem, o preço aumenta, e o ano passado já tinha sido difícil", resumiu Mauro Carbone, chefe do Centro Nacional de Estudos de Trufas da Itália, em uma reunião com produtores. "É hora de começarmos a pensar em adiar o início da temporada de outubro para novembro, por causa das mudanças climáticas", recomendou.

Uma pesquisa da Universidade de Konstanz, da Alemanha, que analisou durante oito anos a produção das trufas de verão (menos nobres e mais abundantes) no próprio país e na Suíça, mostrou que ela é, de fato, extremamente sensível a temperaturas elevadas. Sua produção chega a cair 22% a cada grau acima da média. Em pontos onde o termômetro subiu 3 graus, as trufas sumiram completamente. "A elevação dos extremos de temperatura provavelmente reduzirá a frutificação das trufas de verão em toda a Europa Central", prevê Brian Steidinger, pesquisador-chefe do estudo, ressaltando que as ondas de calor que se abatiam sobre a Europa uma vez a cada século agora acontecem duas vezes por década. Por causa da mudança, a coleta anual de trufa em Périgord, na França, que chegava a mais de 1 500 toneladas no século XIX, agora fica entre 10 e 50 toneladas. "Enquanto isso, a demanda não para de crescer, o que torna os preços abusi-

vos", diz Rogério Fasano, empresário do ramo de hotéis e restaurantes de luxo. Fasano lamenta ainda a consequente disseminação dos produtos "trufados", como azeites, que, segundo ele, "nada têm a ver com trufas frescas".

Autor de outro estudo sobre a sobrevivência das trufas na Europa, Paul Thomas, especialista em fungos da Universidade de Stirling, no Reino Unido, não vê o futuro com otimismo. "Até 2071, muitas zonas climáticas onde existem trufas vão se tornar insustentáveis. E não poderemos nem tentar irrigá-las, porque a água será escassa", antecipa. Os coletores apontam um fator extra de preocupação acarretado pelas folhas secas no chão esturricado: é impossível caminhar em silêncio na floresta, o que facilita a localização de seus mananciais secretos pela concorrência. Ciente das dificuldades, o chef Rafa Gomes, do carioca Tiara e do Itacoa, com endereços em Paris e na capital fluminense, viajou à região italiana de Alba, onde costuma se abastecer de trufas, trazendo uma boa e uma má notícia. Conseguiu, felizmente, comprar a quantidade de sempre. Pagou (não revela quanto) mais caro do que nunca. ■

DECOTES E RECORTES

Profundos e estratégicos, os moldes que deixam muita pele à mostra dão o tom do guarda-roupa feminino para 2023, o ano da celebração do corpo **SIMONE BLANES**



GEOMETRIA A modelo Izabel Goulart *(à esq.)* e a atriz e cantora Jennifer Lopez: a profundidade das formas vai até o limite do aceitável

FOTOS INSTAGRAM @IZABELGOULART; INSTAGRAM @JLO

REDUZIR a quantidade de tecido em saias, calças, blusas e vestidos está, desde sempre, entre as mais genuínas expressões de sensualidade feminina. Nos desfiles das coleções de verão 2023, a primeira temporada de calor efetivamente livre da pandemia (embora o vírus continue no ar), a extensão de pele em evidência está sendo vista como uma espécie de celebração do corpo. Decotes profundos e fendas ousadas se multiplicaram nas passarelas de grifes como Dior, Alexander McQueen, Louis Vuitton, Burberry e Saint Laurent, e das nacionais À La Garçone e Lenny Niemeyer. Imbuídas do mesmo espírito, celebridades e influenciadoras, antes mesmo do aval dos estilistas, já vinham usando e abusando dos decotes abissais e dos recortes estratégicos, no limite do permitido pela moral e pelos bons costumes. A atriz e cantora Jennifer Lopez, a modelo Izabel Goulart e as *influencers* americanas Kylie Jenner e Hailey Bieber não perdem a chance de ousar, da mesma forma que as atrizes brasileiras Marina Ruy Barbosa, Bruna Marquezine e Deborah Secco. A cada nova aparição, partes menos óbvias do corpo são reveladas, fazendo entrar em ebulição os comentários contra e a favor nas redes sociais.

Mestre dos recortes e autor de aberturas inesperadas que expõem o quadril, mantendo as pernas cobertas, o estilista Riccardo Tisci, da Burberry, é o mais celebrado desta nova era. "Após quase três anos de pandemia, é forte o desejo de colocar o corpo em evidência", justifica o stylist Dudu Farias, que cuida do visual da modelo Renata Kuerten e da apresen-





ESCONDE E MOSTRA Vestidos de Lenny Niemeyer *(branco)*, Alexander McQueen *(vermelho)* e Burberry, com quadril à mostra: o jogo de cortes assimétricos é utilizado como estratégia para acentuar a sensualidade

FOTOS ZÉ TAKAHASHI/@AGFOTOSITE; ALEXANDER MCQUEEN; BURBERRY

tadora Rafa Brites. Faz sentido: depois de tantos meses fechadas em casa, de moletom e camiseta, as pessoas sentem necessidade de valorizar as formas e despertar seu lado sexy.

Vêm daí os decotes e recortes que fazem a marca do verão, ao lado de transparência à vontade e de saias e vestidos curtíssimos. A moda, como se sabe, é um espelho das aspirações coletivas. E o que a tendência fashion atual está dizendo é que, além do exercício prazeroso do jogo do mostra-esconde, há uma mensagem de libertação na pele de fora: a de que a mulher pode usar o que quiser, do jeito que desejar.

Foi longo e cheio de percalços o caminho do decote, desde os primórdios das vestimentas femininas até aqui (tirando as dançarinas de tango, as fendas são um fenômeno mais recente). As primeiras informações dão conta de que ele teria aparecido na Grécia Antiga, na ilha de Creta, para facilitar a amamentação. Aos poucos, foi sendo aceito como um respiro nas pesadas roupas que cobriam a silhueta do pescoço aos pés na Idade Média, sem espaço para um relance de tornozelos. A *décolletage* (o termo foi cunhado na França) conquistou, porém, seu lugar de honra quando um ar de renovação varreu os bailes da Corte, trazendo novas danças — e decotes cada vez mais profundos. Ficaram famosos os modelos usados pelas damas francesas na Corte do rei Luís XVI, a começar pelos exibidos por sua mulher, Maria Antonieta. Quatro séculos depois, o decote se aprofunda como nunca, fazendo par com as fendas, celebrando a autoestima e a liberdade femininas. ■

LUTADOR INCANSÁVEL

Aos 76 anos, o astro Sylvester Stallone estrela pela primeira vez uma série de TV sobre a máfia – uma chance de provar que seu talento vai além da pancadaria dos filmes de ação

FELIPE BRANCO CRUZ

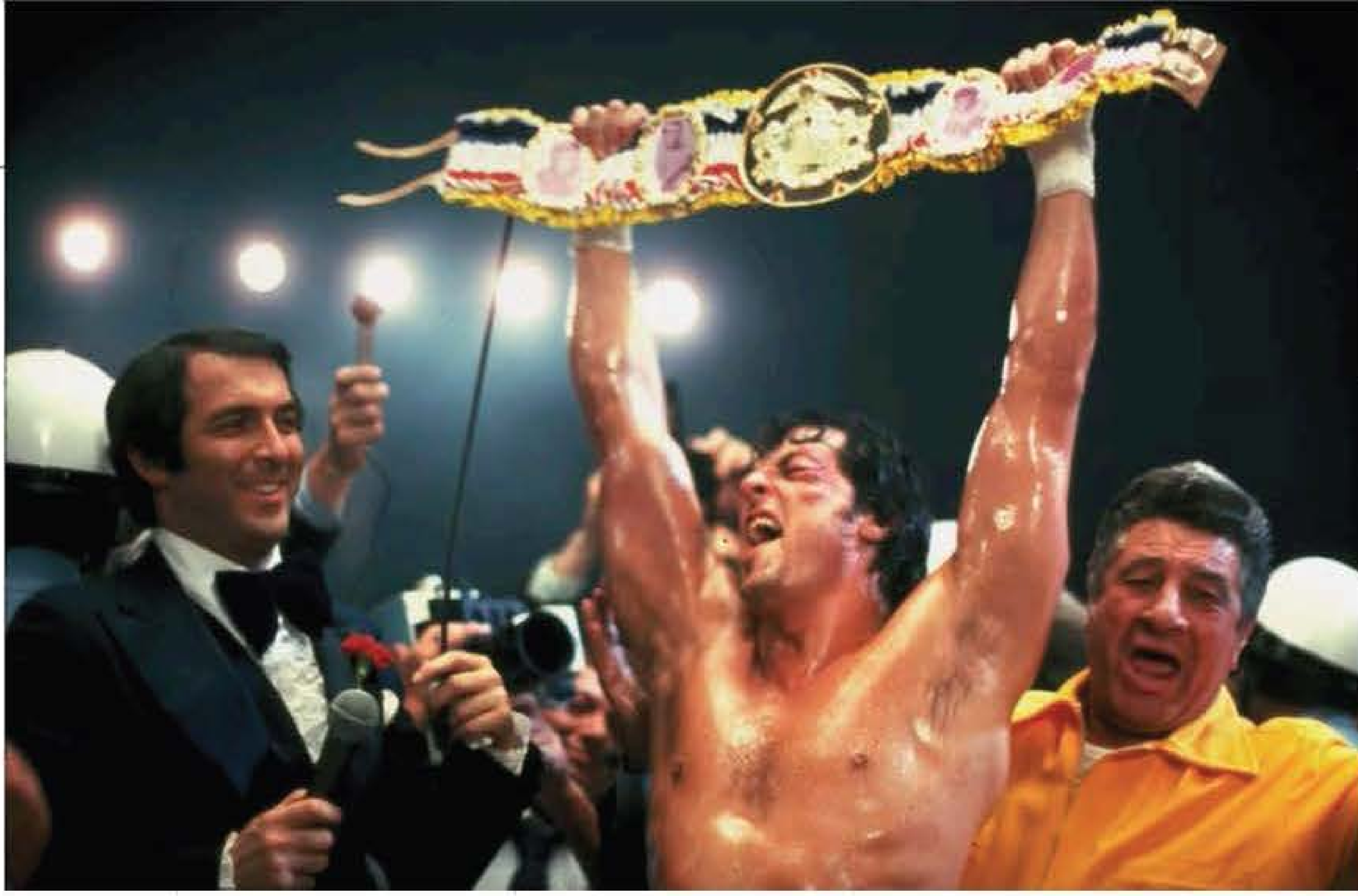


PEIXE FORA D'ÁGUA Stallone em *Tulsa King:* mafioso tenta se reinventar em cidade do interior

PARAMOUNT+

Em seu terno italiano impecável e exalando testosterona, o mafioso Dwight Manfredi se surpreende ao entrar numa loja de maconha em Tulsa, no estado americano de Oklahoma. Após 25 anos preso, ele saiu da cadeia e foi enviado por sua gangue de Nova York para o interior do país, com a missão de criar uma nova célula criminosa. O tempo no xilindró, no entanto, cobra seu preço. Sem acreditar que a maconha hoje é legalizada em boa parte dos Estados Unidos, Manfredi coage Bhodi (Martin Starr, de *Silicon Valley)*, infeliz proprietário da loja, a contratar seus serviços de "segurança". Quando o real vigia do lugar tenta intervir, o mafioso o derruba com apenas um golpe. Fosse qualquer outro ator na pele do personagem, a cena não destoaria de tantas que unem pancadaria a humor pastelão. Mas ocorre que é Sylvester Stallone quem dá vida ao mafioso, e não um zé-ninguém dos filmes de ação — e causa espanto e certa empolgação idílica ver o astro de *Rocky, o Lutador* (1976) e *Rambo* (1982) distribuindo pancadas aos 76 anos em ***Tulsa King***, série que estreia no Paramount+ no domingo de Natal, 25 de dezembro.

Em entrevista a VEJA, Stallone confessou que se identifica com o ocaso de um personagem tão deslocado no tempo e espaço. "Sou esse dinossauro. Sou a velha guarda", disse *(leia mais na pág. 82)*. Um dos ícones do cinema dos anos 1980, ele chegou ao fundo do poço na década seguinte — quando, sem convite para bons filmes, amargou pífias bilheterias em comédias insossas como *Pare! Senão a Mamãe Atira* (1992). Nos anos posteriores, fez mais tramas esquecíveis e foi dado como



DURO NA QUEDA Como Rocky: filme de 1976 foi indicado a dez Oscars

morto pela crítica. Na última década, porém, o ator percebeu que não precisava se reinventar para continuar relevante. Poderia continuar vivendo heróis fortões, desde que atentasse para a melhor vacina contra chacotas: não se levar a sério.

Como resultado, Stallone produziu e estrelou a franquia *Os Mercenários*, cujo roteiro raso serviria só para justificar a reunião de machões dos anos 80 como Bruce Willis, Arnold Schwarzenegger, Wesley Snipes, Jean-Claude Van Damme e Chuck Norris em lutas hipercoreografadas. Ironicamente, a franquia pavimentou o caminho para uma ressurreição dramática do ator, que reviveu em 2015 seu principal personagem, o lutador Rocky, no filme *Creed: Nascido Para Lutar,* que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de ator coadjuvante. O sucesso foi tão notável que, em 2018, o filme ganhou continuação.

Em *Tulsa King*, Stallone dá um novo passo ao estrelar uma série de TV como mafioso — tipo de valentão que, em cinco



BRIAN DOUGLAS/PARAMOUNT+

DESLOCADO O astro na série: "Sinto que ainda tenho de provar algo para mim mesmo"

"SOU UM DINOSSAURO"

Sylvester Stallone falou sobre a experiência de interpretar um mafioso pela primeira vez em *Tulsa King.*

O senhor nunca havia feito séries de TV, nem interpretado um mafioso. Por que agora? Os tempos mudaram. Os melhores roteiristas e os maiores orçamentos estão no streaming. Sobre a máfia, nos anos 1970 tentei ser figurante em *O Poderoso Chefão (1972).* Eu apareceria pequenininho, atrás de um bolo de casamento. Não fui aprovado, e tive de esperar cinquenta anos para viver meu primeiro mafioso. Mas valeu a pena.

***Tulsa King* não é comédia, mas tem humor em meio à violência. O que achou do resultado?** Meu personagem é um cara ameaçador e sombrio. Mas, quando ele é enviado de Nova York para um lugar como Tulsa, é como se estives-

se na Lua, com caubóis, índios e cavalos. Tentar se adaptar a isso deu uma dimensão divertida à história – ficar só matando todo mundo seria entediante.

Produções sobre a máfia ainda fazem sucesso. O que explica o interesse das pessoas pelo tema? A máfia é sempre misteriosa e sexy. Mas penso que hoje esse tipo de criminoso é quase obsoleto. Ninguém sabe mais com o que um mafioso se parece. Na série, eu sou o último da minha espécie. Estou acabado, enfim, mas tenho uma chance ao viver no Oeste como um caubói. Isso diferencia a série de filmes como *Os Bons Companheiros.* Eu me identifico, aliás, com meu personagem. Sou esse dinossauro. Sou a velha guarda.

Rocky (1976) **ganhou três Oscars, inclusive o de melhor filme, mas o senhor nunca foi aclamado pela crítica. Sente que ainda precisa provar alguma coisa para alguém?** Creio que sim. O Oscar é um prêmio político, tenha certeza disso. Nem sempre as pessoas certas ganham. Como é possível ganhar como melhor filme e não diretor? Ou melhor filme e não roteiro? Não faz sentido. Mas, ainda que eu perceba essa incoerência, sinto que ainda tenho de provar algo a mim mesmo.

Por quê? Não sei de onde vem isso. Talvez da minha infância, porque meu pai dizia que eu não era bom o suficiente. Esse complexo de inferioridade um ator nunca supera. Sempre está tentando se validar. O lado bom é que isso me torna produtivo. Não quero parar.

décadas de carreira, ele jamais fez. Era um sonho, aliás, que alimentava desde a juventude, lá no início dos anos 1970, quando pediu a Francis Ford Coppola um papel de figurante em *O Poderoso Chefão* — mas foi recusado por "não parecer italiano" o suficiente. Criada por Taylor Sheridan (do sucesso *Yellowstone*), *Tulsa King* acompanha Dwight Manfredi em sua atrapalhada operação em Tulsa. Aí reside a graça da série: no interior, ele encara um mundo diferente daquele a que estava acostumado na metrópole. A série explora, assim, um humor típico do "peixe fora d'água", com piadas que satirizam os estereótipos locais. Em uma delas, ele leva um banho de água benta de uma senhora carola por dizer em voz alta que um gafanhoto "do tamanho de meu órgão sexual" voou em seu rosto.

Para além de lidar com os costumes caipiras, o mafioso tem dificuldade em se adaptar a um mundo que se transformou radicalmente em seus anos na prisão. Numa cena impagável, ele tenta entender os novos pronomes para se referir a pessoas não binárias. Lida, ainda, com o peso da idade: quando vai para a cama com uma mulher mais nova e diz que se lembra do dia em que John Kennedy foi baleado, ela foge horrorizada: "Não é diferença, é um desfiladeiro de idade".

Nos dez episódios de *Tulsa King*, Stallone terá pela primeira vez na carreira a chance de desenvolver uma narrativa ampla, que vai requerer mais que músculos para conquistar a audiência. A julgar por sua energia e bom humor, não será uma surpresa se o lutador triunfar dessa vez. ■

TERROR NATALINO

Em seu novo especial, o Porta dos Fundos abre mão da sátira política para apostar numa trama macabra – e reforça uma safra de filmes com visão nada amena das festas de fim de ano



DATA SANGRENTA Os humoristas no novo longa: noite de 24 de dezembro com perseguição de assassino implacável

LAURA CAMPANELLA/PARAMOUNT+

UM GRUPO de amigos pega a estrada em direção a uma cabana isolada na floresta. Chegando lá, eles descobrem que o local não tem sinal de internet, nem se parece com as fotos divulgadas on-line. Clichê do cinema juvenil, esse tipo de trama é ponto de partida de incontáveis exemplares do terror *slasher*, que verte viagens aventureiras em banhos de sangue perpetrados por assassinos malucos. No novo filme do grupo Porta dos Fundos, a premissa ganha um elemento inesperado: o passeio trágico ocorre em pleno Natal, com os amigos fugindo das festas de fim de ano para cair nas garras de uma peculiar assombração.

Disponível no Paramount+ a partir da quarta-feira 21, ***O Espírito do Natal*** é tudo o que não se espera de uma fábula típica da época do bom velhinho: não há mensagens edulcoradas sobre amor e união, nem gestos altruístas que aquecem o coração. Também não se vê o clima açucarado das comédias românticas que pipocam neste período do ano. A produção reforça tendência curiosa deste final de 2022: atrações manjadas da velha TV aberta, os filmes natalinos multiplicaram-se na era do streaming — e agora comportam mutações insólitas.

Sucesso recente da seara, o longa *Noite Infeliz* engrossa a brigada de filmes que abusam do sangue para romper com a ideia de Natal mágico. Em cartaz nos cinemas, o filme protagonizado por David Harbour *(Stranger Things)* apresenta um Papai Noel beberrão enfrentando mercenários que invadiram a casa de uma família ricaça — e recor-

re a mortes violentas para ironizar o clima ameno das festas de fim de ano.

No caso do Porta dos Fundos, alguma dose de controvérsia sempre é esperada: nos últimos anos, seus filmes causaram barulho ao alfinetar a política e a religião. Mas, ao trocar a agenda usual pelo terror *slasher,* a trupe surpreende. Criado por Fabio Porchat e Jonathan Marques, *O Espírito do Natal* bebe de *Noite do Terror* (1974), clássico do diretor americano Bob Clark, que foi precursor das tramas macabras sobre a noite do *Jingle Bells.* Na versão nacional, os amigos reunidos na cabana passam a noite de 24 de dezembro se embebedando e brincando de verdade. A coisa fica perigosa quando Gabi (Thati Lopes) se assusta com um invasor misterioso e mata o homem por acidente — coincidentemente, o defunto vestia vermelho e carregava um saco de presentes. O "espírito natalino" e sua trupe voltam volta para se vingar — e passam longe da benevolência esperada do Papai Noel. Ao menos na TV, o Natal já não é o mesmo. ■

Amanda Capuano

A FORÇA DA LEOA

Mãe e musa do humorista Paulo Gustavo, Déa Lúcia brilha a seu lado em produção da Amazon e rouba a cena no *Domingão com Huck* enquanto tenta superar a perda do filho

GABRIELA CAPUTO



INSPIRADORA Déa Lúcia no documentário do Prime Video: a verdadeira Dona Hermínia

PRIME VIDEO

HÁ DEZ ANOS, o Brasil conheceu aquela que se tornaria uma personagem onipresente da comédia nacional: Dona Hermínia, a mãe de família com bobes nos cabelos e uma atitude tão singular quanto universal. O ator e humorista Paulo Gustavo nunca omitiu que a inspiração do fenômeno *Minha Mãe É uma Peça* era sua mãe, Déa Lúcia Amaral — que mais tarde foi levada por ele para os palcos ao redor do Brasil num show musical. ***Filho da Mãe,*** documentário que acaba de chegar à Amazon Prime Video, expõe os bastidores desse último trabalho do ator e revela a força da matriarca. Mais de um ano e meio após a morte trágica de Paulo Gustavo em decorrência da Covid-19, em maio de 2021, dona Déa, 75 anos, honra os passos do filho e conquista espaço na TV enquanto remenda o coração.

Convidada por Luciano Huck para uma participação em seu *Domingão,* como jurada do Dança dos Famosos, Déa brincou, cantou e chamou atenção. Era a Hermínia real falando com o povo. Virou, assim, presença fixa do quadro Acredite em Quem Quiser, roubando a cena de figuras manjadas como Lívia Andrade e padre Fábio de Melo. Ganhou, também, um espaço só seu para dar conselhos aos espectadores: "Pode isso, dona Déa?", perguntam eles ao revelar seus problemas. Debochada ou sensível, Déa responde a dilemas que vão desde como lidar com o ronco do marido até como uma mãe pode lutar ao lado de seu filho LGBTQIA+.



DANIEL MOBILIA/FOLHAPRESS

JUNTANDO OS CACOS Com Paulo Gustavo *(acima)* e no programa de Luciano Huck na Globo: o filho vibrava com o carisma que a mãe agora exibe na tela da TV



CADU PILOTTO/TV GLOBO

Paulo Gustavo sempre soube do talento de Déa. A admiração e a natureza provocativa da relação entre os dois são retratadas no documentário da Amazon, que também revisita a carreira e a vida pessoal de Paulo Gustavo por meio de depoimentos de familiares e amigos e de vídeos de seu passado. Susana Garcia, diretora do projeto e de *Minha Mãe É uma Peça 3,* além de melhor amiga do ator, descreve a produção como um registro do "humor com amor" que ele representava. Susana esteve ao lado do amigo em seus últimos momentos. "Uma forma de superar o luto é através da ação. Déa estar trabalhando é uma vivência fundamental para ela. Tenho certeza de que Paulo Gustavo está aplaudindo", afirma Susana.

Apesar de esbanjar alegria na programação dominical, Déa não esconde que juntar os cacos da perda é tarefa árdua. "É difícil perder um filho. E ele era muito intenso para todos. Se não fosse minha fé, estaria tudo perdido para mim. Meus netos, Romeu e Gael, também me dão muita força. Vejo Paulo nos dois", contou ela a VEJA, com olhos marejados. No espetáculo, o ator vibrava com a mãe. Certa vez comentou, cheio de orgulho, que Déa havia brilhado mais que ele em cena. "Ela consegue, numa mesma frase, ir da emoção à risada. Não é à toa que Paulo saiu genial daquele jeito", brinca Susana.

Mesmo que houvesse receio em deixá-la participar do mundo traiçoeiro da fama, o humorista queria que todos fossem testemunhas do carisma da mãe. Ao levar Déa para

teatros e arenas, possibilitou que ela realizasse o sonho antigo de cantar para grandes plateias. Por quase trinta anos, Déa fez bicos como cantora da noite, e adorava. "Eu dizia: trabalho de dia para comer de noite, e canto na noite para comer de dia", afirma. Ela buscou refúgio no ofício após se separar do marido, frequentando uma seresta em sua vizinhança. Um dia, um músico a convidou para cantar. Depois de certa resistência, ela ficou em pé e soltou a voz de vez.

Já a atual carreira na televisão é algo que Déa nem imaginava: "Não me senti e não me sinto uma estrela. Fiz palhaçada no quadro, todo mundo riu, e fui ficando". Ela foi até apelidada de "a nova Dercy Gonçalves" — embora, ao contrário da humorista, não goste de falar palavrão ao vivo. Eis que as cortinas que um dia se abriram para Dona Hermínia agora revelam a mãe leoa original. ■



SALVE-SE QUEM PUDER Driver, no centro: uma família diferentona dos anos 80 tentando sobreviver ao fim do mundo

HERÓI IMPROVÁVEL

Em *Ruído Branco,* Adam Driver é um intelectual sem aptidões diante de um repentino apocalipse — personagem cômico que o ator, com seu charme peculiar, tira de letra **RAQUEL CARNEIRO**

WILSON WEBB/NETFLIX

PRONTO para tentar uma vaga no elenco da série *Girls*, Adam Driver teve uma certeza: ele nunca seria um protagonista. A conclusão precipitada veio da descrição no roteiro, que pedia por um "marceneiro bonitão" para ser o par romântico da atriz principal. Com rosto de traços peculiares, nariz proeminente e desengonçado 1,90 metro de altura, ele não se encaixava no estereótipo do galã americano. A aparência foi vista por ele como um fardo que limitaria a carreira de ator iniciada tardiamente, quando já beirava os 30 anos de idade. Driver, ainda bem, estava redondamente enganado.

Se o espelho agia como um inimigo, as câmeras revelaram-se grandes aliadas do ator e de seu charme, por assim dizer, exótico. Em 2012, ele despontou como o "marceneiro bonitão" em *Girls* e, no mesmo ano, deu início a uma prolífica parceria com o cineasta independente Noah Baumbach. ***Ruído Branco*** *(White Noise;* Estados Unidos; 2022), em cartaz nos cinemas e na Netflix a partir do dia 30 de dezembro, é o mais recente fruto dessa amizade — e, também, a prova definitiva de que Driver é capaz de conferir credibilidade até aos personagens mais extravagantes.

No caso, Jack Gladney, um professor universitário de olhar marcante e barriga saliente, que sabe absolutamente tudo sobre Adolf Hitler. Intelectual orgulhoso, Jack gosta de se gabar de seu amplo conhecimento sobre um pouco de tudo em longos discursos elaborados. A postura sabichona se estende ao restante da família, formada por qua-

tro crianças espertíssimas e uma esposa adorável (vivida por Greta Gerwig, mulher de Baumbach na vida real). O grupo vive num subúrbio calmo, mas sem se desconectar das mudanças geopolíticas que rondam o mundo nos anos 80. O vasto conhecimento teórico se revela inútil quando um "miniapocalipse" bate à porta: uma nuvem tóxica e assustadora que parece ter vida própria, à la *Stranger Things*, se aproxima da região e todos têm de fugir da área sem uma ajuda apropriada do governo.

Se Jack sabe muito pouco sobre sobrevivência, Driver poderia lhe ensinar algumas lições. Antes de se dedicar à vocação artística, o ator recebeu treinamento militar: ele se alistou no Exército após os atentados terroristas às Torres Gêmeas, no 11 de Setembro de 2001. Filho de um pastor batista, criado no interior do estado americano de Indiana, Driver era o típico jovem sem perspectiva, pulando de bico em bico até se tornar um soldado. Um acidente de bicicleta, porém, o obrigou a aposentar a farda mais cedo — e o levou a uma missão nobre: em 2006, ele fundou o Arts in the Armed Forces, organização que promove ações culturais entre veteranos e familiares de militares.

Contra suas expectativas iniciais, Driver vem sendo disputado a tapa por grandes cineastas. Em míseros dez anos de carreira, trabalhou com Martin Scorsese, Steven Spielberg e Spike Lee. Foi, ainda, herdeiro do clã Skywalker na nova fase da saga *Star Wars*, na pele do vilão Kylo Ren. Mas é com o texto e a direção de Noah Baumbach que Driver

aflora seu talento hipnótico sem amarras. Nos cinco filmes que já fizeram juntos, entre eles o impactante *História de um Casamento* (2019), ambos encontraram um trilho pelo qual conduzem o público em uma montanha-russa de emoções. O herói improvável nunca decepciona. ■



WALCYR CARRASCO

FESTAS, QUE FESTAS?

Os micos e ansiedades nas comemorações de fim de ano

É UMA ÉPOCA terrível do ano. Paira no ar uma obrigação de ser feliz. Mas felicidade não desaba sobre alguém só por uma questão de data. Acredito que só é feliz quem tem vocação para ser. Muita gente que eu conheço entra em êxtase com uma caixinha de fósforos. Mas há quem reclamaria da cor de um carro zero. Amigo secreto? Já vivi dramas. Certa vez, ofereci uma camisa. Só que não serviu. Eu havia comprado em liquidação e não havia possibilidade de troca. Na época, eu andava com o caixa baixo. Peguei a camisa para trocar e disfarcei. Passei meses ouvindo o "presenteado" reclamar. De amigo secreto passou a inimigo público.

É maravilhoso para quem tem família que gosta de se encontrar. Mas também já vi muitos Natais terminarem em brigas e revelações. Explico: desde menino, eu passei muito o dia 25 na casa dos outros. Minha mãe, pequena comerciante, ficava embrulhando presentes até quase meia-noite da véspera. E me despachava para uma tia, vó... Mais tarde, casa de amigos, crushes... Já vi muita choradeira, nem sem-

pre de emoção, mas de raiva. A clássica chantagem do pai ou avô ofendido que não quer ir pra mesa. A mulher, filhas, em lágrimas, imploram: "Vem, só dessa vez, não é dia pra discutir". E o bonito fazendo cara de ofendido. Algumas famílias contratam Papais Noéis, ou botam o traje em algum familiar. O objetivo é divertir as criancinhas, embora de fato elas só queiram abrir os presentes. (Cada vez mais difíceis, porque ninguém mais quer bonecas artesanais ou carrinhos feitos à mão, mas jogos eletrônicos.)

Tento ser criativo. Certa vez, dei uma jaca de presente para meu irmão. Explico. Minha mãe, já falecida, adorava jaca. Diante da mensagem falando de nossa infância, meu irmão lacrimejou. Foi um momento intenso e emocionante. Valeu a jaca! A idade chega. A sobrinha com quem eu passava todos os Natais se mudou para os Estados Unidos. Já me convidou para ir comemorar no Texas. Mas e o trabalho? Impossível viajar.

"No Natal, solitários ganham aura de fracassados. Já que tenho de ser feliz, eu me esforço. Pesco gordas ceias"

O tempo nos torna mais sozinhos. Sinceramente, não é tão difícil, a vida continua. Eu poderia perfeitamente passar um Natal em casa, com um frango de padaria. As pessoas se solidarizam, mas não desistem de seus planos: "Não faça isso! Sozinho não pode. Se eu não fosse pra Trancoso, passava com você". A depressão cresce em dezembro, tentativas de suicídio aumentam.

Creio que parte disso decorre da pressão para ser feliz. Solitários ganham aura de fracassados: "Vai passar o Natal sozinho, coitado!".

Já que tenho de ser feliz, eu me esforço. Pesco gordas ceias e almoços. Durante anos, passei o dia de Natal na casa de meu amigo Luiz Cláudio. A família toda, com muitos tios e primos. Eu, de agregado. A certa altura, montava-se uma mesinha. A avó, de origem árabe, entregava um envelope para cada um da fila. Dentro, dinheiro. Eu ficava por perto, quem sabe? Até que uma vez ousei: "Posso entrar na fila?". A resposta: "Aí já é demais". Nunca peguei um daqueles envelopinhos, que lástima. Até o espírito de solidariedade natalina tem limitações. ■



JOHN WILSON/NETFLIX

QUEM MATOU? Daniel Craig, ao centro: a volta do divertido detetive de *Entre Facas e Segredos*

TELEVISÃO

GLASS ONION: UM MISTÉRIO KNIVES OUT

(Na Netflix a partir de sexta-feira 23)

Desgastado pelo uso excessivo, o filão conhecido como *whodunit* (o famigerado "quem matou?") ganhou um sopro renovador em 2019, com o divertido *Entre Facas e Segredos*. Nesse segundo longa, o detetive Benoit Blanc (Daniel Craig) volta como convidado de uma festa com gente deveras esquisita. Um ricaço (Edward Norton) leva um grupo de amigos a uma ilha particular e propõe um jogo: desvendar uma morte de mentirinha a partir de pistas no local. Com a mesma sagacidade do filme anterior, o diretor Rian Johnson homenageia de forma irreverente o legado de Agatha Christie. Mestre da narrativa de mistério sobre assassinatos, a autora estimulava o raciocínio participativo do público ao lançar pistas sem fim ao longo da trama. No filme, aliás, é melhor nem piscar entre uma reviravolta e outra.

TELEVISÃO

NANNY

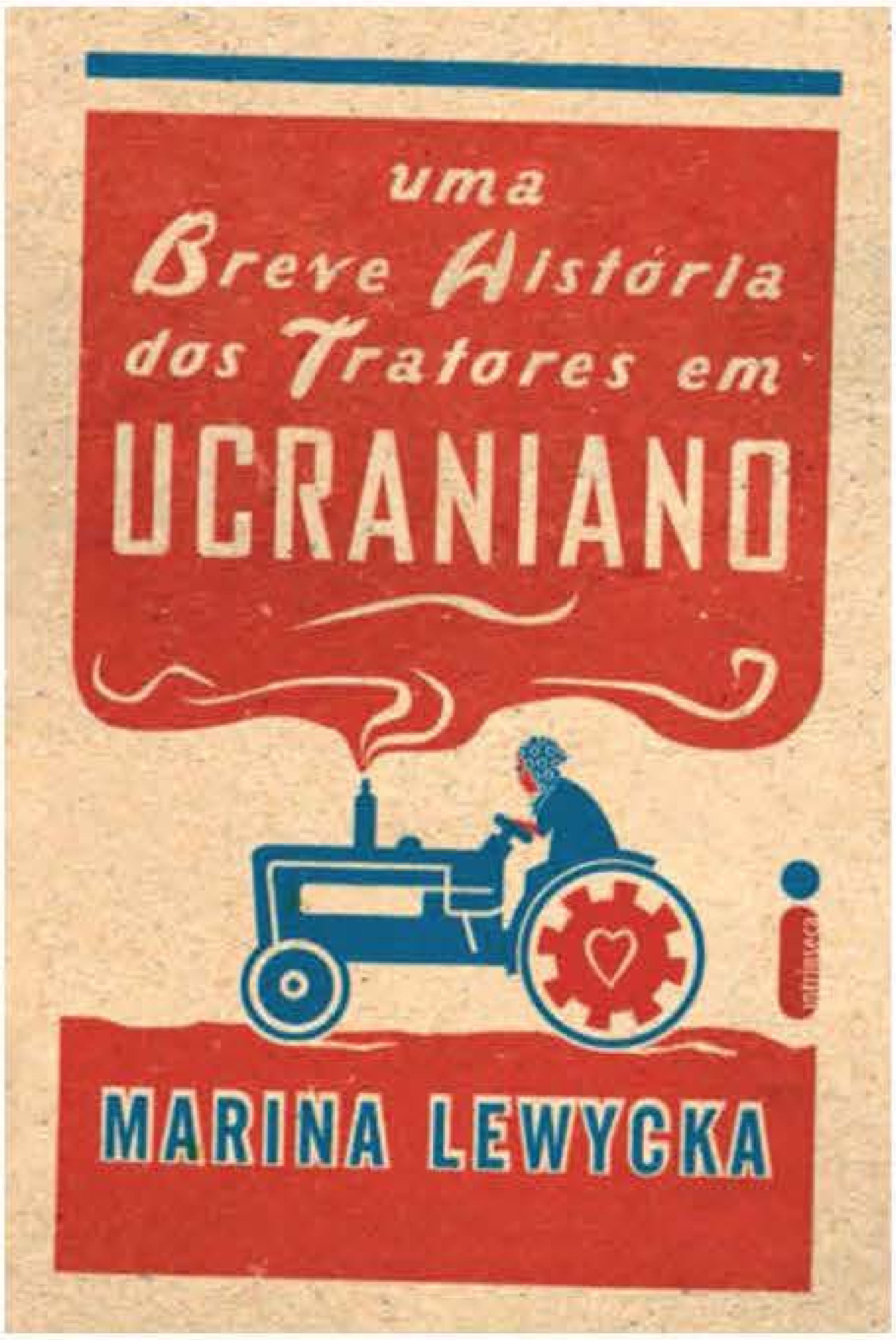
(Estados Unidos, 2022. Disponível no Amazon Prime Video)



PRIME VIDEO

TERROR RACIAL *Nanny:* uma imigrante africana entre o real e o sobrenatural

A imigrante Aisha (Anna Diop) saiu do Senegal em busca de uma vida melhor. Lutando para se estabelecer nos Estados Unidos, a jovem negra deixou para trás o filho pequeno, mas tenta de todas as formas juntar dinheiro para trazê-lo ao novo país. O ganha-pão que ela encontra é o trabalho como babá para um casal branco em Nova York. Mas o que parecia um simples emprego ganha contornos assustadores quando Aisha, além de ter de lidar com abusos dos patrões, começa a ser assombrada por seres que querem fazer um alerta sobre seu filho. Entre o sobrenatural e o real, o longa é um terror psicológico que expõe o lado sombrio do "sonho americano".



LIVRO

UMA BREVE HISTÓRIA DOS TRATORES EM UCRANIANO,

de Marina Lewycka (tradução de Marina Slade; Intrínseca; 304 páginas; R$ 59,90 e R$ 39,90 o e-book)

Caçula de imigrantes ucranianos na Inglaterra, Nadezhda sabe pouco sobre os tempos difíceis que sua família passou entre a ascensão e o desmantelamento da União Soviética. Isso até seu pai, um especialista em tratores, decidir se casar aos 84 anos com uma jovem ucraniana em busca de cidadania. Com humor e ironia, a autora (filha de ucranianos e nascida em um campo de refugiados) expõe as peculiaridades culturais e geracionais de uma família afetada pelos percalços da história com H maiúsculo. ■

FICÇÃO



1. **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 8] GALERA RECORD

2. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 70#] GALERA RECORD

3. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [3 | 53#] GALERA RECORD

4. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [6 | 18#] BERTRAND BRASIL

5. **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [0 | 34#] BUZZ

6. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [9 | 207#] VÁRIAS EDITORAS

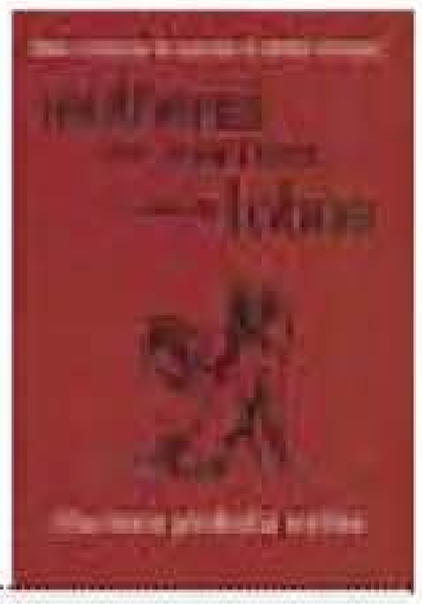
7. **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [10 | 85#] TODAVIA

8. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [7 | 84#] PARALELA

9. **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [4 | 21#] ARQUEIRO

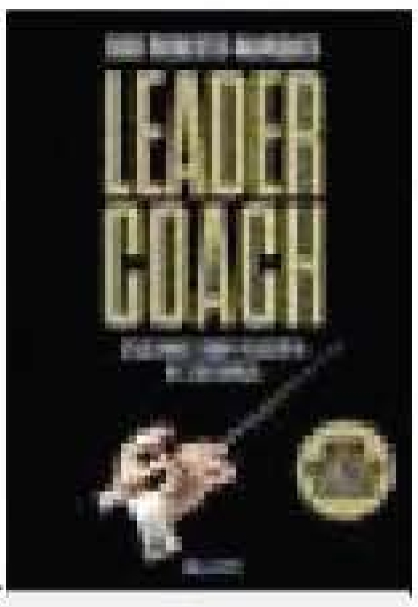
10. **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 36#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO



1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 136#] ROCCO
2. **O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [0 | 1] SEXTANTE
3. **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [2 | 19#] BEST SELLER
4. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [7 | 95#] DARKSIDE
5. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [6 | 302#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
6. **FLORDELIS – A PASTORA DO DIABO**
Ullisses Campbell [0 | 1] MATRIX
7. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [3 | 295#] VÁRIAS EDITORAS
8. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [8 | 21#] GLOBO LIVROS
9. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [9 | 108#] COMPANHIA DAS LETRAS
10. **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [0 | 178#] OBJETIVA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **LEADER COACH**
José Roberto Marques [1 | 2] BUZZ

2 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [2 | 187#] CITADEL

3 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [3 | 106#] HARPERCOLLINS BRASIL

4 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [4 | 397#] SEXTANTE

5 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [8 | 68#] SEXTANTE

6 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 100#] ALTA BOOKS

7 **12 REGRAS PARA A VIDA**
Jordan B. Peterson [6 | 41#] ALTA BOOKS

8 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [0 | 3#] ROCCO

9 **VOCÊ AGUENTA SER FELIZ?**
Nizan Guanaes e Arthur Guerra [0 | 3#] SEXTANTE

10 **AS COISAS QUE VOCÊ SÓ VÊ QUANDO DESACELERA**
Haemin Sunim [9 | 3#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL



1. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [3 | 353#] VÁRIAS EDITORAS
2. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [2 | 138#] ROCCO
3. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [1 | 44#] GALERA RECORD
4. **NOVEMBRO, 9** Colleen Hoover [4 | 35#] GALERA RECORD
5. **EU E ESSE MEU CORAÇÃO** C.C. Hunter [5 | 12#] JANGADA
6. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [6 | 369#] ROCCO
7. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [0 | 72#] INTRÍNSECA
8. **DIÁRIO DE UM BANANA 17: FRÄWDA MEGAXEIA** Jeff Kinney [0 | 2#] VR
9. **AS AVENTURAS DE MIKE 3: MUDANDO DE CASA** Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 11#] OUTRO PLANETA
10. **CORALINE** Neil Gaiman [9 | 54#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Saraiva, **Belém:** Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Saraiva, Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca:** Saraiva, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, Saraiva, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Saraiva, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, Saraiva, **Niterói:** Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu:** Saraiva, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Olinda:** Saraiva, **Osasco:** Saraiva, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Cultura, Disal, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, Saraiva, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, Saraiva,SBS, **Umuarama:** A Página, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes



JOSÉ CASADO

A DESCONFIANÇA

HÁ SETE SEMANAS Lula desfruta o melhor momento na vida de um presidente eleito. O período entre a vitória nas urnas e a posse é um ciclo paradisíaco de festas, homenagens e aplausos para quem sobrevive à travessia do inferno da campanha eleitoral. Só há bônus, nenhum ônus.

O choque de realidade começa na segunda-feira, dia 2 de janeiro. E, por enquanto, nada indica que será fácil a vida no novo governo.

Lula saiu das urnas com pouco mais da metade (50,9%) dos votos e uma ideia no bolso para aplastar a futura oposição, lastreada na outra metade do eleitorado: obter do Congresso aval para atravessar a primeira metade do mandato livre de amarras políticas e fiscais.

Calculou em 200 bilhões de reais por ano, no primeiro biênio, o déficit necessário no Orçamento para que possa governar com dinheiro suficiente para investir e custear programas sociais, como o da renda básica para 21 milhões de famílias pobres. Para tanto, precisa de mudança urgente na Constituição. Seria a 12ª emenda a ser promulgada neste ano eleitoral.

Entre a ideia e o papel, a proposta ganhou um acréscimo relevante: a eliminação dos limites na tomada de em-

préstimos externos para bancar um futuro programa de obras de infraestrutura. Ou seja, o novo governo quer aval não somente para gastar 200 bilhões de reais anualmente, fora do previsto no Orçamento, como pretende obter sinal verde do Legislativo para o endividamento externo.

No Congresso há gente de todo tipo, menos bobo — senador ou deputado com fama de simplório costuma calçar meia sem tirar sapato, enquanto amarra cadarço. Ali, habitualmente, as complexas equações orçamentárias são resolvidas na calculadora eleitoral.

Na leitura parlamentar, Lula-III vai começar com reservas cambiais expressivas (327 bilhões de dólares) e, praticamente, sem dívida pública externa. É cenário diferente de 2003, no primeiro mandato. Em tese, não teria problemas para se endividar no exterior, em volume de dinheiro similar àquele que já prevê gastar acima do Orçamento, para sustentar um programa de investimentos públicos em infraestrutura.

No caminho entre o Senado e a Câmara, a chamada PEC da Transição passou a ser vista como plataforma de poder, com impacto no caixa do futuro governo muito além do valor aparente, o dos programas sociais, e com óbvias consequências políticas.

Uma delas é o espectro de um governo fortalecido, por antecipação, em escala suficiente para influir nas eleições municipais que acontecem no meio do mandato (2024).

Outra, em paralelo, é a possibilidade de Lula viabilizar, desde já, uma perspectiva financeira para aumentar

“O Congresso acha difícil Lula cobrir déficit sem aumentar impostos”

o caixa no último biênio (2025 e 2026), na temporada de eleição presidencial.

Tudo isso antes da posse, e sem que o novo governo tenha apresentado plano que indique, por exemplo, como pretende controlar as contas públicas — o “arcabouço fiscal”, no economês da semana.

A pergunta bilionária no Congresso agora é: o que Lula planeja fazer para cobrir o déficit orçamentário que deseja contratar antes mesmo de começar a governar?

Como não há chance de alquimia, dissemina-se a suspeita de aumento da inflação e dos impostos, a bordo de uma reforma já anunciada como prioritária nos primeiros doze meses.

Significaria ampliar a atual carga tributária, hoje equivalente a 34% do produto interno bruto (PIB). Esse nível é similar ao da Inglaterra, com diferenças óbvias na qualidade dos serviços estatais e, principalmente, na absurda concentração da renda no Brasil.

Lula apostou alto no primeiro lance, mas o Congresso, sempre liberal nos gastos, não costuma ser benevolente com aumentos de impostos.

Para alguns senadores e deputados, ele cometeu um erro de cálculo político ao subestimar reações à proposta de aumento do déficit, com eventual compensação por aumento de impostos.

Gastou muita energia nas últimas sete semanas. Basicamente, fomentou desconfiança, dentro e fora do Congresso, num ambiente econômico com fragilidades visíveis, e cuja expressão matemática está na maior taxa de juro real do planeta (8%). Sem necessidade, ele multiplicou os riscos e ampliou as incertezas sobre o futuro das contas de um governo que nem sequer começou.

Se foi precipitado, ou não, vai-se descobrir depois do réveillon. Provavelmente, a lua de mel política de Lula será mais curta do que a que ele viveu nos mandatos do começo do milênio. ■